



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPESP)
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**O caminho das pedras: conhecendo melhor os usuários
de crack do município de Recife – PE**

RENATA BARRETO FERNANDES DE ALMEIDA

Recife, novembro de 2010

RENATA BARRETO FERNANDES DE ALMEIDA

**O caminho das pedras: conhecendo melhor os usuários
de crack do município de Recife – PE**

Dissertação de mestrado apresentada à
Universidade Católica de Pernambuco,
como parte dos requisitos para obtenção
do grau de Mestre em Psicologia
Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Tulio Caldas

Recife, Novembro de 2010.

A447c

Almeida, Renata Barreto Fernandes de

O caminho das pedras : conhecendo melhor os usuários de crack do município de Recife - PE / Renata Barreto Fernandes de Almeida ; orientador Marcus Tulio Caldas, 2010.

100, [51] f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Pró-reitoria Acadêmica. Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, 2010.

1. Psicologia clínica. 2. Psicologia social. 3. Crack (Droga). 4. Drogas - Relações com a família. 5. Drogas - Abuso - Aspectos sociais. 6. Drogas - Aspectos psicológicos. 7. Drogas - Abuso - Prevenção. 8. Drogas - Abuso - Tratamento. 8. Toxicômanos - Reabilitação. 10. Psicologia fenomenológica - Pesquisa. I. Título.

CDU 159.9.072

Renata Barreto Fernandes de Almeida

**O caminho das pedras: conhecendo melhor os usuários de
crack do município de Recife – PE.**

Dissertação de mestrado apresentada à
Universidade Católica de Pernambuco,
como parte dos requisitos para
obtenção do grau de Mestre em
Psicologia Clínica.

Data de aprovação: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcus Tulio Caldas
UNICAP

Prof.^a Dr.^a Roberta Uchôa
UFPE

Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Francisco
UNICAP

Dedico este trabalho a três pedras preciosas que
tenho em minha vida: minha mãe – grande
referência; meu filho – razão do meu viver e
Carlão – companheiro inigualável.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Antonio (*in memoriam*) e Lília, por serem responsáveis pelo início dos meus primeiros passos nesse caminho da vida.

À minha mãe um agradecimento mais do que especial por ser a pessoa que é, sempre ao meu lado em qualquer circunstância e, neste momento, pela revisão de português – mãe você é 10!!!!

Aos meus irmãos, Alexandre e Lília, por estarem presentes, cada um de sua forma, em vários momentos da minha história.

A Carlão, companheiro que não tenho nem como descrever a importância de sua presença na construção desse projeto. Você é mais do que especial!

A Caio, meu filho, pela paciência e compreensão diante de minhas ausências nos momentos em que precisei de maior dedicação para a finalização desse trabalho.

A Carla, Thomaz e Carlinhos por hoje fazerem parte de minha vida.

A Marcus Túlio, meu querido orientador, pela tranquilidade, dedicação e confiança nos momentos em que necessitei de sua presença..

Ao Centro de Prevenção às Dependências - CPD, por terem me mostrado “o caminho das drogas”, no qual dediquei esse estudo, especialmente nas pessoas de Ana Glória Melcop e Denise Maia.

A Alda Roberta, Clarissa e Ebrivaldo, amigos que conheci no trabalho junto ao CPD e que pude construir uma verdadeira história de amizade. Vocês contribuíram muito para que eu me tornasse a profissional de hoje.

Ao Programa Mais Vida, pelas portas abertas, especialmente Pollyana e Rossana, amigas de luta, do peito e do pulmão. Vocês são o máximo.

Ao Instituto RAID, especialmente, Evaldo Melo e José Carlos Escobar, minhas grandes referências na área da dependência química.

A todos os profissionais do CAPSad de Camaragibe por me ajudarem nos momentos em que não estive presente na Instituição para a conclusão deste trabalho.

Aos amigos do Distrito Sanitário “V” pelo acolhimento nos momentos que mais precisei.

Às minhas chefas e amigas queridas, Rita Tenório e Norma Cassimiro. Vocês são maravilhosas.

À Ricarda Samara pela confiança depositada em meu trabalho. Obrigada por tudo!

Aos amigos e amigas que de formas diferentes contribuíram para o sucesso desse trabalho: Deborah, Alethéa, Saulo, Joaquim, Leonardo, Kerlinny, Ana Paula, Rebeca, Gabriela, Juliana, Paulinha, Carlos, Jaciara, Ione, Rose, Filé, Magali, Marcos, Anne, Genivaldo, Dani e Franklin, Claudinha, Mário e Clarice, Edna

Aos profissionais dos CAPSad e do Instituto RAID pelo cuidado na escolha dos usuários que participaram da pesquisa.

Aos usuários por abrirem seus corações e experiências diante do consumo do crack, contribuindo de forma brilhante no desenvolvimento desse trabalho.

Aos membros da banca examinadora, Ana Lúcia Francisco e Roberta Uchoa, pelo cuidado e agilidade na correção do trabalho.

Mais uma vez, a Roberta Uchoa pela sua contribuição na construção de mais um caminho junto ao GEAD. Sua sensibilidade e disponibilidade me cativaram.

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

No meio do caminho
Carlos Drumond de Andrade

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral cartografar a experiência de usuários de crack no município de Recife. Este estudo foi desenvolvido nos CAPSad e Instituto RAID. Os entrevistados foram usuários de crack do sexo masculino e feminino, com idade a partir dos 18 anos, que estavam em tratamento em decorrência desta substância nas instituições acima citadas durante a coleta de dados. Em cada CAPSad, foi entrevistado um usuário de crack indicado pela equipe técnica que tivesse uma boa organização nas ideias para descrever a sua experiência com o crack, e que se disponibilizou a contribuir com a pesquisa através de entrevista semi-estruturadas. No Instituto RAID foram entrevistados seis usuários escolhidos pelos mesmos critérios. A pesquisa desenvolvida foi qualitativa de inspiração fenomenológica pautada no pensamento de Husserl e no método proposto por A. Giorgi. Este método inclui, basicamente, os seguintes passos: O sentido do todo, a partir da leitura do depoimento do sujeito; Discriminação do depoimento em Unidades de Significados; Compreensão psicológica de cada Unidade de Significado; Síntese de cada depoimento expressa como estrutura da experiência; e a Composição de uma síntese geral que apresenta a essência do fenômeno para todos os sujeitos investigados. A identificação dessas Unidades de Significado nas experiências dos usuários apontou aspectos diversos sobre o tema tais como: A experiência de ser dependente do crack; o que levou os usuários a consumirem essa substância; qual o significado do crack na vida desses usuários; quais as sensações vividas no consumo desta droga; o prazer da morte pela pedra; a culpa sentida por ceder à compulsão; as perdas diante da pedra; a família como fator importante na busca por um tratamento; o crack e a violência; as dificuldades e sucessos no tratamento; o estigma do usuário de crack e o descontrole vivenciado por alguns usuários. Diante da complexidade das questões trazidas nas experiências dos usuários entrevistados, grandes desafios estão postos para as equipes que trabalham no tratamento dos usuários de crack. Torna-se fundamental uma reflexão contínua sobre essa prática.

Palavras-chave: Crack, experiência, Unidades de Significado

ABSTRACT

This research had as its main aim to portrait crack-cocaine users experience in the city of Recife. Subjects were crack-cocaine users, males and females, from 18 years old, undertaking treatment at drug addiction health services in Recife (“CAPSad” and “Instituto RAID”) during data collection. One subject from each “CAPSad” (06 in a whole) was interviewed and 06 subjects from “Instituto RAID” were interviewed. All designated by the health professional teams and with organized thoughts to describe their crack-cocaine use experiences, as well as with willingness to respond to a semi-structured interview. The research was qualitative with phenomenological background inspired by Husserl’s theory and Giorgi’s method. Basically, this method includes these steps: 1) reading the entire description of one subject in order to get a sense of the whole; 2) reading through the data a second time and marking those places in the description where a transition in meaning occurred from a psychological perspective (the meanings between transitions are called “meaning units”); 3) reading all of the meaning units and interrogating them from what they reveal about the phenomenon of interest, in this case, the crack-cocaine use experience, in order to grasp the relevance of the subject’s own words for the phenomenon of using crack-cocaine in as direct a manner as possible (this step is called the transformation of the subject’s lived experience into direct psychological expression); 4) presenting a situated or general structure of the experience (synthesis of each report expressed as structure of experience); and, 5) comprehending the general synthesis which represents the essence of the phenomenon to all subjects investigated. The identification of crack-cocaine users experience in meaning units pointed out to several themes such as: the experience of being a crack-cocaine user; what took them to use this drug; the meaning of crack-cocaine in their lives; crack-cocaine use sensations; crack-cocaine death pleasure; compulsion guiltiness; losses related to the drug; family as an important factor to seek treatment; crack-cocaine and violence; treatment challenges; crack-cocaine use stigma; and, loss of control experienced by users. These complex issues expressed by research subjects set great challenges to health professional teams treating crack-cocaine users and draw attention to the need of permanent reflection of their practices.

Key words: Crack-cocaine, experience, meaning units.

Sumário

1.	Introdução	13
1.1.	O início da questão	14
1.2.	O caminho das drogas	17
1.3.	O início do caminho das pedras	21
1.3.1.	A história da coca	21
1.3.2.	O primeiro passo do caminho para se chegar à pedra – da folha à pasta	26
1.3.3.	O próximo passo – da pasta ao pó	27
1.3.4.	O último passo dessa caminhada – do pó ao crack	28
1.4.	O funcionamento das pedras em nosso organismo	28
1.5.	O aumento do consumo das pedras	30
1.6.	O percurso de alguns pesquisadores diante das pedras	32
2.	Metodologia	34
2.1.	Trilhando o caminho da pesquisa	35
2.2.	A pesquisa qualitativa de inspiração fenomenológica	35
2.3.	O caminho percorrido até chegar às pedras	40
2.4.	As paredes desse caminho – o local da pesquisa	42
2.5.	As pedras desse caminho – os participantes	43
3.	Unidades de Significado	45
3.1.	Lapidando e conhecendo melhor as pedras desse caminho	46
3.2.	As Unidades de Significado como ferramenta para a compreensão do caminho trilhado por cada usuário	48
3.2.1.	O crack como experiência de ser dependente	48
3.2.2.	As marcas do início de um caminho	51
3.2.3.	O significado do encontro com a pedra – a descoberta de uma pedra preciosa	54
3.2.4.	A sensação do consumo do crack	56
3.2.5.	O prazer da morte pela pedra	58

3.2.6.	A culpa de ceder a compulsão_____	60
3.2.7.	As perdas diante da pedra preciosa – “falso brilhante”_____	62
3.2.8.	A família como saída da tempestade_____	66
3.2.9.	O crack e a violência – a pedra que fere_____	69
3.2.10.	A força da pedra e as dificuldades no tratamento_____	72
3.2.11.	O tratamento como ajuda eficaz_____	75
3.2.12.	O estigma da pedra – o cotidiano do usuário de crack_____	78
3.2.13.	O descontrole no caminho das pedras_____	81
3.3.	A síntese das Unidades de Significado_____	84
4.	O caminho das pedras_____	85
5.	Considerações finais_____	92
6.	Referências_____	95
7.	Anexos_____	100

Introdução

1.1. O início da questão

Sempre que me deparava com a questão “drogas”, no cotidiano do trabalho, várias eram as inquietações frente a essa temática tão cheia de significados individuais e sociais. Inquietar-se, acredito, é característico do ser humano. Assim, procurava sempre um sentido diante do que era dito, do que era vivido pelos jovens em situação de vulnerabilidade no qual eu trabalhava, do que era posto, enquanto verdade, pela mídia, quando se referia ao tema e do que era aceito de forma preconceituosa pela sociedade que faço parte.

Entretanto, em qualquer tentativa de responder aos meus questionamentos, sempre faltava algum elemento que não se mostrava claro em minhas experiências profissionais e pessoais. Tentava, sempre, encontrar outros sentidos, outras configurações, outros horizontes, outras experiências diferentes das que eram postas pela grande maioria ao meu redor. Queria encontrar uma nova forma de olhar, uma nova forma de compreender o que leva tantas pessoas a consumirem drogas e outras a se tornarem dependentes dessas substâncias psicoativas.

Cada questão pode trazer diversos pontos de vista e pode ser compreendida de formas diferentes, a partir da experiência de cada um. O sujeito se mobiliza por questões que o colocam diante da dificuldade de compreender algo que lhe diz respeito ou que o implica de alguma forma. Claro que essa dificuldade, na grande maioria das vezes, se apresenta de forma momentânea diante da eterna busca do ser humano em compreender situações que se apresentam como enigmáticas.

Dessa forma, o caminho deste trabalho de pesquisa veio sendo construído a partir de minhas experiências com jovens em situação de vulnerabilidade social que participavam de projetos sociais financiados pelo Governo e executados por ONG's – Organizações não governamentais e posteriormente pela minha experiência, enquanto gestora, em Centros de Atenção Psicossociais para tratamento a usuários de álcool e outras drogas - CAPSad. Em todas as minhas atuações profissionais, o viés da Redução de Danos, Política adotada pelo

Ministério da Saúde desde 2004, esteve sempre muito presente, o que me fez, cada vez mais, elaborar questões diante da problemática social do uso de drogas.

Segundo o Ministério da Saúde (2004), se nas práticas de saúde nosso compromisso ético é o da defesa da vida, teremos que nos colocar na condição de acolhimento, em que cada vida se expressará de maneira singular, em que cada uma é expressão da história de muitas, de um coletivo. Não podemos nos afastar deste intrincado ponto onde a existência, em seu processo de expansão, muitas vezes sucumbe ao aprisionamento, perde-se de seu movimento de abertura e precisa, para se desviar do rumo muitas vezes visto como inexorável no uso de drogas, de novos agenciamentos e outras construções.

A abstinência não pode ser, então, o único objetivo a ser alcançado. Aliás, quando se trata de cuidar de vidas humanas, temos de, necessariamente, lidar com as singularidades, com as diferentes possibilidades e escolhas que são feitas. As práticas de saúde, em qualquer nível de ocorrência, devem levar em conta esta diversidade. Devem acolher, sem julgamento, o que, em cada situação, com cada usuário, é possível, o que é necessário, o que está sendo demandado, o que pode ser ofertado, o que deve ser feito, sempre estimulando a sua participação e o seu engajamento.

Assim, para o Ministério da Saúde, a Redução de Danos surge como uma abordagem que reconhece cada usuário em sua singularidade, traça com ele estratégias que estão voltadas não para a abstinência, como objetivo a ser alcançado, mas para a defesa de sua vida. Oferece-se como um método (no sentido de métodos, caminho) e, portanto, não excludente de outros. Mas, vemos também que o método está vinculado à direção do tratamento e, aqui, tratar significa aumentar o grau de liberdade, de corresponsabilidade daquele que está se tratando. Implica, por outro lado, o estabelecimento de vínculo com os profissionais, que também passam a ser corresponsáveis pelos caminhos a serem construídos pela vida daquele usuário, pelas muitas vidas que a ele se ligam e pelas que nele se expressam.

Seguindo essa linha de cuidado, tentei, inicialmente, responder as minhas inquietações diante do consumo de drogas, iniciando uma nova graduação, da

fonoaudiologia, parti para a psicologia e durante todo o curso busquei respostas aos meus questionamentos. Procurei recursos que me apontassem uma melhor forma de compreender os usuários de drogas. No entanto, o curso estava muito mais voltado às práticas clínicas, direcionadas para a atuação em consultórios particulares. Compreendi melhor o funcionamento do ser humano, mas as classes menos favorecidas ou estigmatizadas, como os usuários de drogas, pouco, ou quase nada, pude discutir ou elaborar.

Comecei a militar pela Política da Redução de Danos por acreditar que não é excluindo ou marginalizando as pessoas que usam drogas consideradas ilícitas, que iremos contribuir para minimizar os danos causados por esse uso. Era preciso conhecer melhor esses usuários, para que políticas públicas de saúde pudessem ser elaboradas de forma a alcançar as necessidades e demandas dessas pessoas. A forma proibicionista e excludente em quase nada contribui para tal prática de cuidado. Assim, comecei a estudar melhor e de forma mais aprofundada como, em nossa existência, o homem começou a usar drogas. Como este fenômeno começou a interferir em nossas relações, causando danos difíceis de serem contornados? E, ainda, como o crack começou a ter esse lugar tão destruidor em nossa sociedade?

Tomando como ponto de partida minha trajetória profissional, esta pesquisa foi tomando um formato particular diante da problemática do uso do crack em nossa sociedade. Particular no sentido de que não era a pobreza de dados epidemiológicos que me inquietavam ou a pouca informação que temos a respeito, mas, e acima de tudo, quem eram esses usuários que estavam consumindo o crack? Que trajetória de vida e que experiências pessoais os levaram a buscar essa substância de forma tão compulsiva? Sempre me perguntava por que as pesquisas sobre essa temática não tinham a curiosidade de saber quem eram essas pessoas em suas singularidades e experiências de vida. Assim, escolhi, além de me fazer tantas indagações, procurar responde-las a partir de sujeitos escolhidos para uma cartografia: os usuários de crack, como lugar: os CAPSad e o Instituto RAID, Instituições destinadas ao tratamento de substâncias psicoativas e como objetivo maior compreender a experiência de cada usuário diante da problemática do crack em suas singularidades e histórias pessoais.

Diante do exposto, acredito que, para iniciar esta pesquisa, faz-se necessário percorrer um pouco o contexto histórico do consumo de drogas em nossa sociedade, como o ser humano, em sua existência, vem utilizando as substâncias psicoativas, qual o contexto social e as intenções de uso estabelecidas nas diversas situações.

1.2. O caminho das drogas

Consumir drogas, segundo Bucher e Lucchini (1992), corresponde a uma prática milenar e universal. Não existe sociedade sem drogas. Desde os primórdios da humanidade, o consumo de drogas está presente nas comunidades, porém, esse consumo varia de acordo com o modo de uso, seus objetivos e seu alcance. Portanto, o uso de drogas data de tempos remotos e envolve questões culturais, religiosas, econômicas, políticas e sociais.

Simões (2008), no prefácio do livro “Drogas e Cultura: Novas Perspectivas”, afirma que o consumo de substâncias psicoativas popularmente chamadas como “drogas” é um fenômeno recorrente e disseminado nas sociedades humanas, em diferentes momentos de suas histórias. Do ponto de vista dos estudos da cultura e da política, no seu sentido mais amplo, a existência e o uso de substâncias que promovem alterações na percepção, no humor e no sentimento são uma constante, remontando a lugares longínquos e a tempos imemoriais. Ao mesmo tempo, porém, os múltiplos modos pelos quais essa existência e esses usos são concebidos e vivenciados variam histórica e culturalmente conforme comentamos acima. “Drogas” não são somente compostos dotados de propriedades farmacológicas determinadas, que possam ser natural e definitivamente classificadas como boas ou más. Sua existência e seus usos envolvem questões complexas de liberdade e disciplina, sofrimento e prazer, devoção e aventura, transcendência e conhecimento, sociabilidade e crime, moralidade e violência, comércio e guerra.

Carneiro (2005) ainda acrescenta que as drogas psicoativas podem agir como remédios ou venenos, alimentos ou bebidas, analgésicos ou anestésicos, eutanásicos ou instrumentos para sonhar, divindades ou demônios, seus usos abrangem o nascimento e a morte, o prazer e a dor, o desejo e a necessidade, o vício e o hábito. Podem despertar e

estimular a vigília ou adoecer e acalmar o ânimo; abrem o apetite ou tiram a fome; são atificadoras da sexualidade ou anuladoras da excitação. Seus usos múltiplos alimentam e espelham a alma humana.

Para Escohotado (1994), desde a pré-história os membros das diferentes culturas têm sabido utilizar plantas e substâncias de origem animal para provocar alterações de consciência com os mais variados fins. Assim tábuas sumérias do terceiro milênio A.C., cilindros babilônicos, imagens da cultura cretense-micênica e hieróglifos egípcios já mencionam os usos medicinais do ópio e o próprio Homero o menciona na Odisséia como algo que "faz esquecer qualquer sofrimento".

Ainda segundo este autor, a visão romana sobre drogas sofreu grande influência da grega e as drogas eram vistas como basicamente neutras e seus efeitos, positivos ou negativos, dependiam da dosagem e maneira de uso. O cânhamo era fumado em reuniões sociais, mas as plantas mais consumidas pelos seus efeitos medicinais e psicoativos eram a papoula e a videira. Os romanos apreciavam as bebidas alcoólicas, embora seu consumo fosse durante muito tempo proibido às mulheres e aos menores de 30 anos. Cultuava-se a "sobria ebriedas" (ebriedade sóbria), vista como uma forma de auto-conhecimento, levando ao relaxamento com dignidade.

Para Escohotado (1994), a cristianização do Império Romano levou ao colapso das antigas noções pagãs sobre a neutralidade da droga, a ebriedade sóbria, a automedicação e a fronteira entre moral e direito. Os sacerdotes da nova religião do Estado passaram a perseguir os praticantes de cultos vistos como rivais, tentando obliterar qualquer traço de suas antigas crenças e práticas, incluindo aí sua vasta farmacopéia. As drogas passaram a ser estigmatizadas não só por sua associação a cultos mágicos e religiosos, mas também por seus usos terapêuticos para aliviar o sofrimento, já que a dor e a mortificação da carne eram concebidas pelos cristãos no poder como formas de aproximação a Deus. Tal foi a perseguição ao conhecimento farmacológico que, no Século X, o emprego de drogas para fins terapêuticos tornara-se sinônimo de heresia e a busca da cura tinha que se limitar ao uso de recursos de eficácia puramente simbólica, tais como, estranhas substâncias

conhecidas como "pó de múmia" e "pó de chifre de unicórnio", além das indulgências eclesiásticas, óleos santos, velas e água benta.

Nesse meio tempo, no mundo islâmico, persistia uma maior tolerância em relação ao uso de drogas. Exceto a restrição ao uso do álcool que, na maneira como a enunciou originalmente Maomé, era mais voltada à censura do comportamento ridículo e da falta de confiabilidade de certas pessoas que se embriagavam, diferentes substâncias continuavam a ser usadas para diversos fins. A medicina islâmica utilizava largamente o ópio, também empregado como euforizante reservado aos mais velhos, a quem era visto como ajudando a compensar pelos problemas da velhice. O cânhamo, não mencionado no Corão, era usado medicinalmente para vários casos específicos como também para fins lúdicos. Sua utilização era comum entre camponeses e outros grupos populares; para a dança extática e a meditação sufi. O café passou a ser usado no mundo árabe a partir do Século X, sendo considerado como de grande utilidade para evitar o cansaço ao ler as sagradas escrituras; mas foi somente a partir de 1551 que se permitiu a abertura de cafés públicos. Nessa época, então, este produto se tornou um grande orgulho para o povo árabe e se considerava que combinava muito bem com o ópio líquido. A partir do Século XIV, porém, o poderio islâmico entra em decadência e passa a ser tomado por movimentos fundamentalistas e intolerantes. Ocorrem queimas de livros, dissidentes são perseguidos e usuários de álcool e haxixe passam a ser punidos.

Almeida (1999) destaca o álcool como uma das drogas mais antigas, utilizado em alguns rituais religiosos e, principalmente, em festividades sociais. O vinho, em tempos remotos, já fazia parte das refeições de operários. Escohotado (1994) acrescenta que o uso de bebidas alcoólicas remonta à pré-história e seu emprego como medicamento já era mencionado nas tábuas de escritura cuniforme da Mesopotâmia em 2200 A.C. Cerca de 15% dos quase 800 diferentes medicamentos egípcios antigos incluíam cervejas ou vinhos em sua composição. São também numerosas as referências ao vinho no Antigo Testamento. Este, assim como a cerveja, poderia ser misturado com outras drogas, produzindo bebidas de grande potência numa época em que ainda se desconhecia a destilação. Para Carneiro (2005), as mais comuns das drogas, pela fácil obtenção de diferentes matérias-primas,

sempre foram as bebidas alcoólicas obtidas da fermentação e, a partir do século XVI, se expandiu e ampliou enormemente com a emergência dos destilados.

Almeida (1999) ainda trás outros exemplos de substâncias psicoativas consumidas para diversos fins, como os charutos e os cachimbos, que sempre foram e, ainda hoje, são bastante frequentes nos rituais de candomblé. Os índios sempre consumiram alucinógenos em seus rituais com o objetivo de se comunicarem com as divindades, transcenderem. Manuscritos egípcios apontam que o ópio, em 6.000 a.C., era utilizado para diminuir o choro das crianças e no tratamento das diarreias. As anfetaminas, conhecidas como comprimidos da energia, foram intensamente consumidas por soldados durante a Primeira e Segunda Guerra Mundial, para combater o cansaço, a fome e o sono. Nesse contexto militar, também podemos acrescentar o uso da morfina, utilizada, nas dores físicas e mutilações.

Várias são as substâncias que, no decorrer de nossa história, foram utilizadas de diversas formas e para diferentes fins. Poderíamos dedicar todo este trabalho para uma análise geral do consumo de drogas em nossa sociedade, mas essa não é a temática que me inquieta. Diante de meus estudos, ficou muito claro que o uso de substâncias psicoativas para tirar o ser humano de seu estado de consciência sempre pertenceu à história da humanidade, sempre fez parte das experiências individuais e coletivas da nossa sociedade em suas diferentes culturas.

Apesar de ter claro todo esse contexto histórico do uso das drogas pelos seres humanos, uma substância, em especial, me provocou maior curiosidade, tanto de conhecer a sua história de consumo, quanto como chegou à atualidade de forma tão devastadora. Na verdade, sentia a necessidade de conhecer o caminho traçado pelo homem para chegar ao uso do crack, um derivado da cocaína, planta utilizada há tempos remotos para diferentes finalidades. Essa curiosidade surgiu a partir do momento em que me questionava a respeito das pessoas que utilizam essa droga. O que existe de diferente em sua composição que traz tamanha compulsão? Para isso, precisei conhecer a fundo de que substância eu estava

falando e por que, hoje, o crack se transformou numa grande preocupação para a saúde pública.

Assim, da folha à pasta, da pasta ao pó, do pó à pedra, foi se constituindo o caminho farmacológico do crack, substância tão utilizada na atualidade, e que vem ganhando a conotação de destruição, devastação, compulsão.

1.3. O início do caminho das pedras

1.3.1. A história da coca

Segundo Ferreira e Martini (2001), o envolvimento humano com substâncias psicoativas, em especial a cocaína, remontam a um passado longínquo. O abuso de cocaína tem suas raízes nas grandes civilizações pré-colombianas dos Andes que, há mais de 4500 anos, já conheciam e utilizavam a folha extraída da planta *Erythroxylon coca* ou coca boliviana, como testemunham as escavações arqueológicas do Peru e da Bolívia. Para Bucher (1992), esses vestígios antigos demonstram o valor cultural, religioso e também alimentício da planta. Numerosas lendas se referem a ela, como retrata uma lenda incaica que fala a respeito do aparecimento da planta de coca:

Coca era uma jovem de pele cor de mel e lisa como uma fruta que vivia na aldeia de Callasuyo. Era vaidosa, divertida e egoísta. Não levava nada a sério, interessava-se apenas em se divertir e dançar. Com notável alegria punha-se a cantar com os pássaros desde o amanhecer, pousando flores silvestres sobre seus cabelos negros como a noite sem lua. Realizava todos os deveres incumbidos, mas caçoava dos rapazes que a pediam em casamento. As lamentações chegaram aos ouvidos do Imperador Inca, que aturdido, consultou os sacerdotes e profetas que ordenaram seu sacrifício, já que era importante ameaça ao povo e se não sacrificada o conduziria a catástrofes terríveis. Entristecido, o Imperador sacrificou Coca durante o curso de cerimônia solene. Seu corpo foi dividido em duas metades, de cima abaixo, distribuídas aos cantos do Império em locais indicados pelos sacerdotes. Não se tardou a observar que cada um dos cantos foi tomado por um arbusto de lindas folhas verdes, denominado Coca em recordação à jovem sacrificada. (La Parra, 1989, pp173).

Bucher e Lucchini (1992) afirmam que os Incas consideravam a coca como uma planta sagrada. Planta maravilhosa ou mágica, tida como recompensa divina para fortalecer os pobres mortais. Diante da lenda acima, a coca era sempre comparada com uma figura

feminina, existindo uma nítida associação com a sensualidade (da mulher) ou, ainda, a fertilidade, o que se deixa relacionar com o potencial afrodisíaco detectado pelos consumidores das folhas de coca.

Oliveira (2007) faz uma contextualização histórica do surgimento da coca, citando vários autores, estudiosos importantes, para a compreensão dos diversos usos, em diferentes contextos, dessa planta. Em sua tese de doutorado, o autor comenta que a cocaína é um alcaloide extraído das folhas da planta de coca, planta esta que floresceu nas florestas úmidas da América do Sul. A planta se desenvolveu em regiões tropicais e de altitude oscilante entre 650 a 1700 metros, de tal forma que não é encontrada nas altas e frias regiões dos Andes e tampouco em territórios quentes e secos, a menos que possam ser irrigadas artificialmente.

Muitas tribos da Bacia Amazônica, na região fronteira entre Venezuela, Colômbia e Brasil, mantêm o hábito de mascar as folhas de coca, onde é denominada de *epadú*, *ipadu* ou *ypadu* ou, ainda, acrescenta Bucher e Lucchini (1992) coquear.

Oliveira (2007) continua a trajetória histórica do uso da cocaína, afirmando que o uso da mesma para os indígenas significava mais que um procedimento, correspondia a um ritual em que sacavam algumas folhas secas de dentro de uma bolsa que levavam consigo (bolsa de pele, couro ou pano denominada chuspa), levando-as a boca e triturando-as sem engolir. Ao mastigá-las e misturá-las com a saliva, formavam uma bolinha, que moviam suavemente entre a bochecha e os dentes de forma a extrair-lhe o suco, do qual a cocaína era absorvida. Entretanto, a eficiência do processo foi aumentada através do emprego de substância alcalina, geralmente cal extinta oriunda de conchas calcárias trituradas que carregavam em pequenas cabaças, cujo emprego, além de facilitar a absorção da cocaína, ocultava o sabor naturalmente amargo e adstringente das folhas de coca.

O procedimento descrito não é o único adotado. Em algumas regiões, a cal é substituída por uma substância denominada *Ilipta* ou *tocra*, pasta calcária dura e amarga, constituída pelas cinzas de plantas (ex.: espigas de milho debulhadas, de talos de banana, de

raízes, de cactos, cipós) ou ossos, misturadas à água, água salgada ou urina, cuja forma retangular se moldava com os dedos e se secava ao sol.

Em seus estudos, Oliveira (2007) acrescenta que uma droga, de caráter estimulante, que dissipava a fome e a fadiga, que proporcionava bem-estar e energia e que possuía propriedades curativas, era considerada portadora de virtudes mágicas entre os indígenas, recebendo posições de destaque em sua vida social e religiosa. Desta forma, o cultivo e colheita eram geralmente acompanhados de cerimônias religiosas e todos os integrantes da tribo, homens e mulheres, tinham seu papel bem definido. Era comum que o líder religioso da tribo (xamã) passasse grande parte da noite meditando e mascando coca, a fim de induzir o estado de transe, o que facilitava a comunicação com as divindades e a convocação das forças da natureza em benefício próprio ou da tribo. Além de religioso, o uso de folhas de coca tinha um caráter místico, sendo empregado para predizer o futuro e o desenlace da enfermidade ou a sorte de um moribundo, para preservar os defuntos dos perigos do além-túmulo, para que colheitas e trabalhos em minas fossem bem sucedidos, entre outros.

Bucher e Lucchini (1992) acrescentam que, além do valor cultural e religioso da coca, expresso nos rituais das celebrações indígenas, cabe mencionar dois outros aspectos importantes para compreender melhor a presença contínua da planta no cotidiano dos andinos: os valores medicinais e alimentícios. Enquanto valor medicinal, as folhas de coca constituem, hoje, como antigamente, uma das peças chave da farmacopeia andina. Elas são usadas contra distúrbios intestinais e diarreias, para curar reumatismos, luxações e contusões, dores de dente e convulsões entre outras; enquanto valor alimentício as folhas secas da planta contêm mais calorias do que a maioria dos alimentos sul-americanos, como milho, mandioca e feijão; elas são ricas em proteínas, glicídios, cálcio, fósforo e ferro, e contêm numerosos microelementos e vitaminas indispensáveis à alimentação humana.

Ferreira e Martini (2001) comentam, ainda, que os primeiros relatos europeus sobre esse vegetal são de autoria de Américo Vespúcio (1499), publicados em 1507, nos quais descreve a coca sendo mastigada com cinzas. O uso concomitante, no ato da mastigação, de cinza ou bicarbonato de sódio, utilizado até hoje, deve-se ao fato de sua absorção pela

mucosa da cavidade oral apenas se realizar em pH alcalino. A sua ação farmacológica, quando mascada, é semelhante ao estímulo provocado pela ingestão de doses elevadas de cafeína, não sendo, no entanto, acompanhada de euforia. Os hispânicos não reconheceram esse valor cultural, e, em 1551, o Conselho Eclesiástico de Lima declarou ser a coca "uma planta enviada pelo demônio para destruir os nativos"; ela seria um obstáculo para a difusão do cristianismo, explicando o insucesso de muitas campanhas de conversão. A proibição não durou muito tempo, pois os espanhóis constataram que os índios não conseguiam fazer o trabalho pesado sem o uso de coca. Em 1569, o Rei Felipe II da Espanha declarou o ato de mascar a coca como um hábito essencial à saúde do índio.

Díaz (1998), em estudo conduzido em Cochabamba, Bolívia, observou que o uso das folhas de coca ainda está amplamente integrado à cultura andina, caracterizando-se por uma rica e complexa variedade de conteúdos simbólicos. Assim, ainda é empregada para aumentar o rendimento e produtividade no trabalho, principalmente se fisicamente exigente. O uso medicinal continua vigente, estendendo-se para fins místicos, ajudando a encontrar objetos perdidos, aconselhamento sobre viagens, negócios, decisões sentimentais, sendo considerado como forte símbolo de identidade dentro da comunidade, de tal forma que quem não o realiza recebe um apelido, sendo isolado dos restantes.

Segundo Nappo (1996), Ferreira e Martini (2001), Oliveira (2007), entre os anos de 1859 e 1860, o químico Albert Niemann isolou, pela primeira vez, o alcaloide principal das folhas de coca, denominando-o de cocaína, sendo que, em 1898, foi descoberta a fórmula exata de sua estrutura química. Em 1902, Willstatt (prêmio Nobel) produziu cocaína sintética em laboratório. Sob a forma de cloridrato de cocaína, a cocaína forma um pó branco cristalino. (Ferreira e Martini, 2001)

Para Ferreira e Martini (2001), assim que foi produzida em laboratório, a cocaína passou a ser considerada um remédio milagroso, e os americanos começaram a prescrevê-la para enfermidades de tratamento mais difícil. Tentaram empregá-la no tratamento da morfina, como um antídoto radical. Freud contribuiu de maneira decisiva para a divulgação da nova droga, quando, em 1884, publicou um livro chamado "*Uber coca*" (sobre a

cocaína), no qual defendeu seu uso terapêutico como estimulante, afrodisíaco, anestésico local, assim como indicado no tratamento de asma, doenças consuptivas, desordens digestivas, exaustão nervosa, histeria, sífilis e mesmo o mal-estar relacionado a altitudes.

Oliveira (2007) afirma que, no início, a cocaína foi utilizada sem leis que limitassem ou impedissem a venda ou o consumo, tornando-se presente em farmácias, mercearias e bares. A popularidade da substância era tamanha que os vendedores ambulantes ofereciam-na de porta em porta e, nos bares, os garçons dispunham de pequenas quantidades para colocá-las em bebidas alcoólicas, se o cliente desejasse. No Brasil, a cocaína era vendida livremente, de tal forma que algumas farmácias entregavam em domicílio. Porém, a partir do conhecimento das propriedades negativas da cocaína, a classe média mudou rapidamente seu ponto de vista, perdendo-se, assim, o entusiasmo vigente. Passou-se a exercer maior controle sobre seu uso através de regulamentações e leis restritivas.

Em 1906, foi decretado nos EUA o *Pure Food and Drug Act* que determinou as primeiras restrições à importação das folhas de coca. Em 1912, foi decretado o *Tratado de Haia* e, em 1914, o *Harrison Act* estabeleceu o pagamento de impostos para os fabricantes ou distribuidores de cocaína ou opiáceos, exigindo-lhes registro em agência federal específica. (La Parra, 1989; Ferreira e Martini, 2001). No Brasil, em 1921, o decreto de Lei Federal 4292 estabelecia penalidades (multa e prisão) para a contravenção na venda de cocaína e outras drogas, além de criar um estabelecimento especial ao tratamento de dependentes, com duas seções, uma para internados judiciários e outra para internados voluntários.

Ferreira e Martini (2001) estão de acordo que o conhecimento da população sobre os efeitos negativos da cocaína ajudou no declínio do uso de droga. Além disso, na década de 1930, as anfetaminas e outras drogas estimulantes, mais baratas e com efeitos estimulantes mais duradouros que a cocaína, tornaram-se disponíveis, ganhando a preferência de muitos usuários prévios de cocaína. Depois de 50 anos, o mundo se deparou com o ressurgimento da cocaína como uma droga de largo consumo.

Ainda, segundo Ferreira e Martini (2001), não é fácil explicar a volta do consumo abusivo de cocaína nos últimos 30 anos. No início da década de 70, havia pouca literatura demonstrando a toxicidade dessa droga e suas consequências na saúde e no desempenho do usuário, talvez por isso tenha sido fácil “esquecer” as recomendações quanto aos seus efeitos negativos nas décadas anteriores. Justamente nessa década, a cocaína ressurgiu como a droga de escolha para um suposto uso "recreacional", que colaborava para a crença de uso seguro, sem risco de causar dependência. Foi a partir dos anos 80, com o aumento da oferta de cocaína no mercado de todos os países americanos, que essa concepção começou a mudar. Esse aumento da oferta se deveu, principalmente, a uma maior produção e a uma distribuição mais eficaz, realizadas por alguns cartéis de traficantes sul-americanos. Essa maior oferta, com um preço muito menor, fez com que o uso de cocaína aumentasse e se diversificasse bastante.

Nessa mesma década, segundo Oliveira (2007), o problema piorou com a chegada do crack, nova forma de administração da cocaína, que atinge altas concentrações sanguíneas num período de tempo muito rápido, causando grande potencial de abuso e maiores índices de dependência, tornando mais graves as complicações neuropsiquiátricas e cardiocirculatórias, bem como os transtornos sócio-ocupacionais, econômicos e legais associados ao uso de cocaína, fazendo com que o mundo testemunhasse uma nova fase da história dessa droga.

1.3.2. O primeiro passo do caminho para se chegar à pedra – da folha à pasta

Segundo Nappo (1996) e Oliveira (2007), as folhas de coca são colocadas num buraco cavado no chão, cobertas com ácido sulfúrico, dando início ao processo de maceração. Nesse processo, as folhas são pisoteadas por trabalhadores até possibilitar que a cocaína-base seja retirada das folhas, formando uma solução aquosa de sulfato de cocaína. Essa solução é filtrada para remoção dos materiais insolúveis, incluindo os restos da planta. Essa primeira fase pode ser repetida algumas vezes até que exista uma recuperação máxima da cocaína. Domanico (2006) relata ainda um processo menos artesanal onde as folhas de coca são moídas e colocadas em uma prensa com o ácido sulfúrico, querosene ou gasolina e comprimidas até formarem uma massa contendo até 90% de sulfato de cocaína.

Após essa primeira fase, é adicionado uma solução de carbonato à solução ácida, para neutralizar o excesso de acidez, formando a pasta de coca crua. A pasta de coca é então recuperada através de pequeno volume de querosene até que ocorra a separação da solução em duas camadas. O querosene é removido através da adição de solução diluída de ácido sulfúrico e, logo após, uma base inorgânica é adicionada para precipitar a pasta. O precipitado é secado, originando-se a pasta-base ou pasta de coca. Esta é um sal básico, composto por sulfato de cocaína em concentrações que variam de 60 a 80%, com impurezas que variam de 40 a 20%, pouco solúvel em água, de tal forma que não é absorvido pelas mucosas. A pasta é eficientemente fumada, porém, como contém elevado grau de impurezas residuais do processo de elaboração, quando inaladas, produzem uma variedade de efeitos tóxicos.

1.3.3. O próximo passo – da pasta ao pó

O cloridrato de cocaína (pó, farinha) é extraído a partir da dissolução da pasta base em acetona, éter ou em uma mistura de ambas. Essa mistura é filtrada para eliminar as impurezas. A esse filtrado é adicionado ácido clorídrico e, quase que imediatamente, forma-se o cloridrato de cocaína que se precipita para o fundo do recipiente usado. A solução é despejada sobre lençóis de tal forma que o cloridrato é filtrado do solvente. Os lençóis são secos para eliminar o excesso de acetona e o cloridrato de alta qualidade é seco sob calor através de forno micro-ondas, sob lâmpadas aquecidas ou à luz solar e empacotado para comércio. (Nappo, 1996 e Oliveira, 2007)

Segundo Oliveira (2007), para aumentar os lucros, os traficantes adulteram o cloridrato de cocaína com outros compostos, sejam substâncias inertes e brancas apenas para aumentar o volume – talco, farinha, açúcares e sais, como o bicarbonato de sódio e sulfato de magnésio – chamadas de diluentes, ou ativas, também chamadas adulterantes, como anestésicos locais (procaína, benzocaína, lidocaína ou tetracaína) ou estimulantes de baixo custo (epinefrina), que podem potencializar os efeitos simpatomiméticos da cocaína, aumentando o risco da toxicidade associado ao uso composito, assim, a “droga de rua”.

Ainda segundo o autor, em suas pesquisas, a forma de cloridrato de cocaína não se volatiliza e é termolábil, decompondo-se rapidamente com o aumento da temperatura, não se prestando a fumar. Como é solúvel em água, é comumente administrada por via intranasal, por via oral e, também, por via parenteral, intravenosa ou endovenosa após dissolução em água. Há relatos, também, do uso intramuscular e absorção pela mucosa dos órgãos genitais.

1.3.4. O último passo dessa caminhada – do pó ao crack

O crack ou cocaína-base pode ser obtido através da dissolução do cloridrato de cocaína em água, adicionando-se à solução bicarbonato de sódio ou amoníaco. Ferve-se a água por um curto intervalo de tempo até que todo o precipitado de cocaína-base seja transformado em óleo. Adiciona-se gelo ao recipiente e assim que a água esfria, os pedaços de óleo solidificam e precipitam. Depois de formada toda a cocaína-base e resfriado o recipiente, retira-se a água deixando apenas a cocaína-base. Esta pode ser cortada com uma faca ou quebrada em pedras, secadas sob lâmpada aquecida ou em forno micro-ondas. O nome crack surge a partir do som, resultante da queima do bicarbonato de sódio, que não é incomum encontrar-se nas pedras. (Oliveira, 2007)

Nappo (1996) acrescenta uma forma mais simples de fabricar a cocaína-base. Coloca-se o cloridrato de cocaína em uma colher de sopa e adiciona-se água e bicarbonato de sódio ou amoníaco. Esquentam-se com o isqueiro a colher onde a cocaína-base é retirada. Esta cocaína-base é flutuante, tem o aspecto que lembra um óleo, sendo por isso chamada dessa forma. Recolhe-se esta substância oleosa que à temperatura ambiente solidifica-se, em camadas finas. Nessa outra forma de obtenção, dá-se o nome de crack casca à cocaína-base e não pedra de crack.

1.4. O funcionamento das pedras em nosso organismo

A cocaína, de nome químico *benzoylecgonina*, é anestésico local com propriedade simpatomimética, que produz resposta estimulatória sobre o Sistema Nervoso Central (SNC) pela qual é comumente empregada como fármaco de abuso ou com fins recreativos. A capacidade de produzir reforço positivo é atribuída à ação sobre as vias

dopaminérgicas mesocortical e mesolímbica, comumente envolvidas nos mecanismos de euforia (Oliveira, 2007).

Nappo (1996), em sua tese de doutorado, faz um relato do mecanismo de ação da cocaína em nosso organismo. Esta substância age por bloqueio da recaptação de monoaminas e por aumentar a liberação das mesmas, ambas ações ocorrendo na porção pré-sináptica dos neurônios. Como consequência, a cocaína aumenta a quantidade e o tempo de permanência dos neurotransmissores na fenda sináptica, intensificando a neurotransmissão monoaminérgica. Seguramente, três aminas neurotransmissoras – dopamina, noradrenalina e serotonina – têm a recaptação e o armazenamento afetados pela cocaína, embora haja evidências de uma participação maior na dopamina.

Ainda, segundo a autora, a latência para o início dos efeitos da cocaína e a intensidade dos mesmos depende da via utilizada. As vias endovenosas e pulmonares dão curvas praticamente indistinguíveis no pico de concentração plasmática e na dissipação destes níveis. As vias orais e nasais também se equivalem nos tempos para atingir os valores de concentração e dissipação plasmática, tempos esses maiores do que para aqueles das outras duas vias.

Apesar do pico de concentração plasmática ocorrer imediatamente após a injeção de cocaína, não é através dessa via que os efeitos centrais dessa droga se dão mais rapidamente. Enquanto, pela via venosa, os efeitos surgem de 3 a 5 minutos, pela pulmonar, a droga alcança o cérebro entre 10 e 15 segundos.

O crack, segundo Nappo (1996), é absorvido através da árvore brônquica, alcançando os alvéolos, região muito vascularizada e extensa, levando a uma absorção instantânea. Por esta via, há um “desvio” do sistema nervoso, porque o fluxo venoso sanguíneo dos pulmões ao coração é impulsionado diretamente através da veia pulmonar e desta à aorta, indo para a circulação cerebral, encurtando o caminho para o SNC. Por outro lado, a via intravenosa é mais longa que a anterior por seguir o sistema de retorno do

sangue venoso através da veia cava para o lado direito do coração, daí para os pulmões, antes de retornar ao lado esquerdo do coração para distribuição ao cérebro.

Segundo Oliveira (2007), a influência no poder de decisão e adesão a uma droga depende, não só dos aspectos farmacocinéticos e farmacodinâmicos acima descritos, como também de fatores ambientais e sociais. Entre os fatores ambientais, destaca-se a facilidade de acesso (em termos de preço e distribuição), a qual possibilita que pequenas quantidades de cocaína de alta qualidade se tornem disponíveis a pessoas de baixa condição sócio-econômica e a estudantes de ensino médio. A facilidade do uso também deve ser considerada. Como o crack é fumado em cachimbos ou cigarros, o uso da parafernália e da variedade de reagentes químicos então empregados ao uso de injetáveis tornou-se desnecessária, facilitando assim o uso e a adesão ao crack. Além disso, socialmente, o ato de fumar é amplamente aceito e os riscos associados ao crack, no que se refere ao contágio e transmissão do HIV, tem sido compreendidos como consideravelmente menores.

1.5. O aumento do consumo das pedras

Segundo Duailibi, Ribeiro e Laranjeira (2008), a primeira investigação sobre o consumo de crack no Brasil, a partir de um estudo etnográfico, foi realizado no município de São Paulo, com 25 usuários vivendo em comunidade. Os autores relataram que o aparecimento da substância e a popularização do consumo se iniciou a partir de 1989. Os usuários apresentavam o seguinte perfil: homens, menores de 30 anos, desempregados, com baixa escolaridade e poder aquisitivo, provenientes de famílias desestruturadas. De acordo com o mesmo estudo, os usuários de crack na comunidade, quando comparados aos usuários de cocaína intranasal, pareciam possuir um padrão mais grave de consumo, maior envolvimento em atividades ilegais, maiores riscos de efeitos adversos ao uso de cocaína, maior envolvimento em prostituição e mais chances de morar ou ter morado na rua. Além disso, têm mais problemas sociais e de saúde do que os usuários de cocaína intranasal. Nos últimos anos, o usuário de crack passou a figurar também entre aqueles com maior poder aquisitivo, apesar de ainda ser mais prevalente na classe menos favorecida.

O Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) realizou alguns levantamentos epidemiológicos de âmbito nacional, contribuindo para uma melhor percepção da evolução do consumo de crack no Brasil. Os primeiros estudos foram realizados no final dos anos 90. Em 2000, o CEBRID publicou o resultado de uma pesquisa sobre um levantamento domiciliar abrangendo as 24 maiores cidades paulistas. Nesse, o uso na vida (qualquer uso – inclusive um único uso experimental – alguma vez na vida) de cocaína foi de 2,1%, sendo maior na faixa etária entre 26 – 34 anos (4,0%). O uso de crack foi de 0,4%.

Dois anos depois, foi realizado o I levantamento domiciliar nacional sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil (2002) nas 107 cidades com mais de 200.000 habitantes do país. Nesse, o uso na vida de cocaína foi de 2,3%, sendo mais prevalente nas regiões Sul (3,6%) e Sudeste (2,6%), intermediário nas Regiões Nordeste (1,4%) e Centro-Oeste (1,4%) e de menor prevalência na Região Norte (0,8%). Mais uma vez, a faixa etária de maior uso se encontrava entre os 25 aos 34 anos (4,4%), com predominância do sexo masculino (7,2%). O uso na vida de crack foi de 0,7% para o sexo masculino. A faixa etária de maior consumo para o crack foi jovem, do sexo masculino, com índice de 1,2% na faixa etária entre 25 – 34 anos.

No segundo levantamento domiciliar publicado em 2006 novos dados foram encontrados. A prevalência de uso na vida de cocaína nas 108 maiores cidades do País foi de 2,9%. A Região Sudeste foi aquela onde se verificou as maiores porcentagens (3,7%) e a menor, no Norte com, aproximadamente 1%. O uso na vida de crack foi de 1,5% para essas maiores cidades do País.

O V Levantamento Nacional sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes (10 – 18 anos) em situação de rua nas 27 capitais brasileiras, realizado pelo CEBRID (2002), relata que o uso frequente (uso, em 6 ou mais vezes, nos últimos 30 dias que antecederam a pesquisa) de crack foi mencionado na maioria das capitais. Os maiores índices de uso recente ocorreram em São Paulo, Recife, Curitiba e Vitória, variando entre 15 e 26%.

Segundo Duailibi et al. (2008), o crack, nas crianças e adolescentes em situação de rua, começou a ser utilizado no final dos anos 80, especialmente nos estados da Região Sul e Sudeste. A tendência de aumento foi progressiva, constatada nos levantamentos consecutivos (1987, 1989, 1993, 1997 e 2003). Tal achado também foi observado em outros estudos. Em São Paulo, houve aumento do consumo entre 1989 e 1993. Em Porto Alegre entre 1993 e 1997 e, no Rio de Janeiro, o consumo que já era elevado em 1993, acentuou-se ainda mais entre 1997 e 2003. No Nordeste, cujo consumo de cocaína-crack era insignificante até 1997 (em torno de 1%), subiu em 2003, em Fortaleza, para 10,3% e, em Recife, para 20,3%, sugerindo um aumento na disponibilidade de derivados da coca nesta Região.

Diante dos dados epidemiológicos obtidos ao longo desses anos percebe-se um aumento significativo no consumo do crack em nosso País. As consequências diante desse aumento de consumo fez com que o crack se tornasse um problema de saúde pública, justificando diversas pesquisas nessa área.

1.6. O percurso de alguns pesquisadores diante das pedras

Algumas pesquisas qualitativas já foram desenvolvidas no sentido de tentar traçar o perfil dos usuários de crack, suas formas de consumo e agravos à saúde. Dentre essas pesquisas, Oliveira e Nappo (2008) desenvolveram, na cidade de São Paulo, um estudo qualitativo etnográfico com amostra intencional de usuários (n=45) e ex-usuários (n=17), onde encontraram o perfil desse usuário de crack. Assim, de acordo com esta pesquisa os usuários de crack são homens, solteiros, de baixa classe econômica, baixo nível de escolaridade e sem vínculos empregatícios formais. Embora a maioria dos usuários façam uso de forma compulsiva, observou-se a existência de uso controlado, que merece maior detalhamento segundo os próprios autores.

Duailibi, Ribeiro e Laranjeira (2008) fizeram uma revisão de literatura em base de dados (MEDLINE, LILAS e Biblioteca Cochrane) e no banco de Teses da CAPES e encontraram dados em relação à mortalidade. Esse estudo foi feito num período de cinco anos com 131 usuários de crack internados numa enfermaria de desintoxicação na cidade

de São Paulo. A maioria dos pacientes era composta por homens com menos de 30 anos, solteiros e com baixa escolaridade. As causas externas foram responsáveis por 69,6% dos óbitos (n=16) – treze por homicídio (56,6%), duas por *overdose* (8,7%) e houve um caso de morte por afogamento (4,3%). As causas naturais foram responsáveis por 30,4% dos óbitos (n=7) – seis por infecção de HIV (26,1%) e um pelo vírus da hepatite tipo B (4,3%).

Em outro estudo, Oliveira e Nappo (2008) adotaram uma amostra intencional de usuários (n=45) e ex-usuários (n=17), que se submeteram a uma entrevista semiestruturada. Nesse estudo, identificaram que o acesso ao crack é simples, facilitado por estratégias de mercado, como a entrega em domicílio. As pedras têm sido substituídas pelo farelo, forma mais barata e adulterável da droga. Diante do estudo, os autores afirmam que, embora em caráter preliminar, essa pesquisa aponta que a qualidade, o mercado e as estratégias de uso do crack têm sofrido mudanças, implicando potenciais riscos à saúde do usuário.

Sanchez e Nappo (2002) fizeram um estudo qualitativo aplicando entrevistas de longa duração e questionários semiestruturados para identificar, entre usuários de crack, uma progressão ao uso de drogas e seus fatores interferentes. Para atingir a saturação teórica, foram entrevistados 31 usuários ou ex-usuários de crack. Foram detectadas duas fases distintas de uso de drogas. A primeira, com drogas lícitas, sendo o cigarro e o álcool as mais citadas pela amostra. Parentes e amigos dos entrevistados foram os incentivadores do consumo, e o motivo alegado para o uso dessas substâncias foi a necessidade de autoconfiança. Na segunda fase, a maconha foi a primeira droga descrita pelos entrevistados. Uma postura mais ativa na busca da droga como fonte de prazer passou a ser o motivo do consumo.

Esse estudo revelou que a identificação de uma sequência de drogas parece estar mais associada a fatores externos do que à preferência do usuário. Foram identificadas duas progressões diferentes: entre os mais jovens (- 30anos), cuja escalada começou com o cigarro e/ou álcool e passou pela maconha e cocaína aspirada até o crack; e os mais velhos (+ 30 anos), que iniciaram o uso de drogas pelo cigarro e/ou álcool, seguido de maconha, medicamentos endovenosos, cocaína aspirada, cocaína endovenosa e, por fim, o crack.

Metodologia

2.1. Trilhando o caminho da pesquisa

“O senhor poderia me dizer, por favor, qual o caminho que devo tomar para sair daqui?”

Isso depende muito de para onde você quer ir, respondeu o gato.

Não me importo muito para onde, retrucou Alice.

Então não importa o caminho que você escolha, disse o gato.

Contanto que dê em algum lugar, Alice completou.

Oh, você pode ter certeza que vai chegar, disse o gato, se você caminhar bastante.”

(Lewis Carroll – passagem de Alice no país das maravilhas)

2.2. A pesquisa qualitativa de inspiração fenomenológica

Caminhando sempre na tentativa de encontrar respostas às minhas inquietações frente às problemáticas dos usuários de crack do município de Recife, optei pela pesquisa qualitativa de inspiração fenomenológica pautada no pensamento de Husserl e no método criado por Giorgi (1985, 2008).

Acredito que neste momento, se faça pertinente diferenciarmos dois conceitos importantes: metodologia e método. Para Turato (2003), o método é um conjunto de regras que elegemos num determinado contexto para se obter dados que nos auxiliem nas explicações ou compreensões dos constituintes do mundo. Já a metodologia é a disciplina que se ocupa de estudar e ordenar os muitos métodos que concebemos, suas origens históricas, seus embasamentos paradigmáticos acompanhados de suas relações teóricas, suas características estruturais e as especificidades de seus alvos.

No sentido acima explicitado, utilizarei nesse trabalho o método qualitativo numa perspectiva fenomenológica. Inicialmente, é importante destacar que, na pesquisa qualitativa, a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto, o interesse do pesquisador é verificar como, e de que maneira, o problema se manifesta no cotidiano. (Dencker, 2001).

Palmiere (2005) acrescenta que a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, provenientes do contato direto do pesquisador com a situação estudada,

ênfatizando a perspectiva dos participantes e seus significados. A pesquisa qualitativa se foca no ser humano, enquanto agente, e sua visão do mundo é o que se busca (Moreira, 2004).

Para Turato (2003), na pesquisa qualitativa o pesquisador se torna instrumento principal da coleta e registro dos dados em campo, já que suas percepções é que apreendem os fenômenos e sua consciência os representa e os elabora, enquanto os roteiros, por exemplo, os da entrevista semidirigida servem apenas de instrumentos auxiliares.

O autor acrescenta que a pesquisa qualitativa apresenta dados descritivos e estes são tratados interpretativamente. Os resultados escritos devem ter citações literais ilustrativas que dão vida à apresentação, bem como as interpretações, que assim se apresentarão com toda a sua riqueza. O pesquisador deve complementar os dados com observações do *setting* da entrevista. Não há uma busca pela generalização, primeiramente, porque são os fenômenos individuais ou experimentados na amplitude social, que são estudados no campo das Ciências do Homem. Obviamente, não são reproduzíveis, e o que se quer na pesquisa qualitativa é, de modo deliberado, conhecer cientificamente o particular.

Dessa maneira, o principal objetivo da pesquisa fenomenológica é apreender o sentido da vivência imediata para uma pessoa em uma determinada situação (Forghieri, 2002). Ainda, nessa linha, comenta AmatuZZi (2001), que há uma preocupação com o vivido e a aproximação do que nele está contido como significado potencial frente a uma problemática trazida pelo pesquisador. É diante dessa indagação que o vivido se manifesta. O vivido, então, é a nossa reação interior imediata àquilo que nos acontece, considerada anteriormente a qualquer reflexão e elaboração posterior por parte do sujeito. Essa definição proposta por AmatuZZi traz consigo a possibilidade de denominar o vivido como experiência imediata ou sentimento primeiro. É esse vivido que se manifesta ao pesquisador como resposta a uma pergunta que ele traz.

Para Giorgi (2008), a fenomenologia significa “ciência dos fenômenos”; isto é, o estudo sistemático de tudo o que se apresenta à consciência, exatamente como isso se apresenta; ou, de outra forma, a fenomenologia é o estudo das estruturas da consciência, o

que inclui uma correlação entre os atos da consciência e seu objeto e os diversos estilos e modalidades de presença manifestada pela consciência. “Para Husserl, a característica principal da consciência é que ela nos apresenta objetos; esta função que ele chama de “intuição”, refere-se à experiência comum, e não a alguma coisa de romântica ou de exotérica” (Giorgi, 2008).

O método fenomenológico é adequado em pesquisas psicológicas por permitir o enfoque nos elementos subjetivos e revelá-los baseado na experiência vivida e não no que se pode pensar, ler ou dizer sobre ela (Moreira, 2004).

É importante ressaltar que a fenomenologia teve origem no final do século XIX com Franz Clemens Brentano, sendo ampliada por Edmund Husserl no início do século XX, como crítica ao paradigma cartesiano de Ciência que considerava o método experimental o único meio de explicar a “causalidade de todos os fenômenos naturais ou humanos” (Bruns, 2003, p.59).

Diante dessa crítica, Husserl propôs retornar a um ponto de partida que fosse, verdadeiramente, o primeiro. Assim, considera “à volta as coisas mesmas” como ponto inicial do conhecimento. Com a fenomenologia, Husserl sugere esse “retorno as coisas mesmas”, à essência dos fenômenos, e isso só se tornou possível por meio do seu método de investigação filosófica, o qual foi chamado de redução fenomenológica (Holanda, 2002).

A redução fenomenológica é o método básico da pesquisa fenomenológica. Nesta, o pesquisador não duvida da existência do mundo, mas a coloca entre parênteses, pois o mundo existente não é o tema verdadeiro, e sim a forma como o conhecimento do mundo se revela. O pesquisador suspende suas crenças acerca da existência externa dos objetos da consciência e também suas opiniões. Examina os conteúdos da consciência, não para determinar quais são reais ou não, mas para vê-los como tal e descrevê-los puramente (Moreira, 2004).

Segundo Giorgi (2008), adotar a redução fenomenológica leva, de um lado, a excluir os acontecimentos passados relativos a um fenômeno, a fim de apreendê-lo em toda a inocência e descrevê-lo exatamente tal como se tem dele a experiência; e, de outro, a reter todo o indício existencial, ou seja, a considerar aquilo que é dado, unicamente tal como é dado, a saber, uma presença ou um fenômeno. O mesmo autor afirma que uma pesquisa só pode ser dita fenomenológica se ela comporta o uso de uma modalidade qualquer de redução.

Ainda, segundo o autor, “fenômeno” se define como a presença daquilo mesmo que é dado, exatamente como isso é dado ou sentido. Em outras palavras, a fenomenologia analisa as presenças, não no seu sentido objetivo, mas precisamente sob o ângulo do sentido que esses fenômenos têm para os sujeitos que os vivem.

É por meio da análise fenomenológica que se torna possível retornar ao vivido e ao sentido que nele está contido, sempre diante das indagações do pesquisador. Retomando os conceitos de Husserl, que propôs a redução fenomenológica como método para se chegar à essência do fenômeno, alguns pesquisadores da psicologia transpuseram tal compreensão para a área da pesquisa. Um exemplo disso são os passos de análise propostos por Giorgi (1985), os quais escolhi para a elaboração dessa pesquisa, pois permite que experiências potenciais importantes possam ser trazidas à luz, desvelando o fenômeno que se deseja apreender a partir de uma pergunta disparadora.

Segundo a proposta de Giorgi (1985, 2008), os dados podem provir de uma simples descrição ou de uma entrevista, ou da combinação das duas. As questões são amplas e abertas, a fim de deixar o sujeito exprimir abundantemente seu ponto de vista. O que se pretende obter é uma descrição concreta e detalhada da experiência e dos atos do sujeito, que seja tão fiel quanto possível ao que ocorreu, tal como ele o viveu.

Após a coleta dos dados, alguns passos precisam ser seguidos, para que o método proposto por Giorgi (1985,2008) seja corretamente desenvolvido. Assim, no primeiro passo, se deverá buscar o sentido do todo, a partir da leitura do depoimento do sujeito.

Dessa maneira, teremos a visão global das descrições, visando captar seu sentido diante dos objetivos da pesquisa. Na realização do primeiro passo, o pesquisador deve fazer a leitura das descrições quantas vezes forem necessárias. Não se buscará tematizar cada um dos aspectos da descrição com base na leitura global. Portanto, nesse momento, se evitará tematizar cada um dos aspectos da descrição e se buscará o sentido do todo.

No segundo passo, haverá a discriminação das Unidades de Significado. Para a divisão do texto em Unidades de Significado, o pesquisador volta a recorrer ao texto transcrito, na íntegra, para sensivelmente e espontaneamente perceber os momentos em que ocorreram mudanças na temática estudada, procedendo a uma quebra do texto. Cada vez que o pesquisador percebe uma mudança de sentido, ele posiciona a direção e, depois, prossegue sua leitura até a Unidade de Significado seguinte e, assim, sucessivamente. As Unidades de Significado não existem como tais “nas descrições”, mas resultam da atitude e da atividade do pesquisador.

Esses dois primeiros passos são realizados na leitura das descrições das experiências dos sujeitos pesquisados, procurando o pesquisador aproximar-se, o máximo possível, da experiência do participante, abstendo-se de considerações, juízos e interpretações pessoais.

O terceiro passo se dá no sentido da compreensão psicológica de cada Unidade de Significado através da transcrição de cada uma delas em linguagem psicológica. Esse item é conseguido através de um processo de reflexão e variação imaginativa. Interessa, ao pesquisador, a profundidade adequada para o entendimento das vivências. Uma vez constituídas as Unidades de Significado, elas são examinadas, exploradas e descritas novamente, de modo a tornar mais explícito o valor de cada unidade em relação à disciplina.

O quarto passo se dá no sentido da interpretação das descrições, através da composição de sínteses específicas e gerais, extraído-se daí a estrutura do vivido. Essa etapa é obtida através de informações das Unidades de Significados em declarações consistentes da estrutura do fenômeno. Na síntese final, que permitirá ao pesquisador

integrar as compreensões contidas no processo, todas as Unidades de Significados transformadas devem ser levadas em consideração.

Para Giorgi (2008), uma das tarefas do pesquisador consiste em introduzir termos de sua disciplina (psicologia, antropologia, sociologia) que tenham uma base fenomenológica. Não se pode contentar-se com as falas do sujeito, pois elas foram formuladas na perspectiva da vida cotidiana, e, fenomenologicamente falando, o mundo vivido é pré-teórico e pré-científico. Esse mundo, estando no fundamento de toda ciência, por meio da qual ela se exprime, deve ser evidenciado, examinado e descrito, diferentemente, de uma forma mais rigorosa, e segundo a perspectiva da disciplina escolhida. O fato de ainda não existir linguagem instituída só pode incitar os especialistas em ciências humanas a um esforço verdadeiramente original, tornando o desafio maior, mas não menos importante.

Segundo o autor:

O que importa nas estruturas não são tanto as partes como tais, mas as relações que elas estabelecem entre si. Além disso, as estruturas não são fins em si. Fazendo um paralelo com a estatística, elas corresponderiam às “medidas de tendência central”. Elas indicam os pontos de convergência dos fenômenos pesquisados. Mas, também é preciso ter em conta desigualdades ou variações correspondentes às “medidas de dispersão” conseqüentemente, uma vez caracterizada a estrutura, é preciso retornar aos dados brutos e tornar inteligíveis as pirâmides de variações que aí se encontram contidas. O ponto final de uma análise fenomenológica científica não é, pois, apenas a “estrutura essencial”, mas sim, tal estrutura em suas relações com as diversas manifestações de uma identidade essencial. (Giorgi, 2008 p. 402)

O mesmo autor afirma que é muito mais difícil do que parece descrever os objetos do vivido exatamente como eles são vividos. O pesquisador deve orientar os sujeitos a evitar o excesso de generalização e de abstração em suas descrições iniciais. O objetivo é impedir observações vagas e superficiais por parte dos participantes. Esta é a razão pela qual o problema proposto pela pesquisa visa, comumente, à descrição de uma experiência que se liga a uma situação específica.

2.3. O caminho percorrido até chegar às pedras

Iniciei a minha coleta de dados em janeiro de 2010, participando do colegiado do Programa Mais Vida – Programa de Redução de Danos no Consumo de Álcool, Fumo e

Outras Drogas do município de Recife. Neste colegiado, todos os gerentes e coordenadores clínicos estavam presentes e tive o privilégio de iniciar o trabalho apresentando o meu projeto de pesquisa, assim como a metodologia para toda essa equipe de gestores. Várias dúvidas foram tiradas pelos profissionais presentes, para que, posteriormente, eu pudesse participar de todas as reuniões técnicas dos seis CAPSad pertencentes a essa rede de atenção aos usuários de substâncias psicoativas.

Depois dessa primeira etapa, agendei a minha participação em todas as reuniões técnicas das instituições envolvidas na pesquisa. Era necessário que os técnicos também conhecessem o meu objeto de estudo, assim como a metodologia escolhida, para que indicassem um usuário que melhor contribuísse no relato de sua experiência diante do uso do crack.

Foi muito gratificante caminhar por essas instituições e perceber que minhas inquietações, também, eram de algumas pessoas que trabalhavam com esses usuários e não conseguiam encontrar respostas às suas angústias diante das intervenções necessárias ao tratamento. Sempre que saía das reuniões de equipe tinha a sensação de que muito poderia contribuir no final da pesquisa nas discussões de caso, no sentido de compreender melhor os usuários de crack, suas trajetórias e experiências de vida.

Percebia o quanto era difícil para os técnicos dos CAPSad indicarem apenas um usuário diante de tantos com histórias ricas para contar e contribuir com a pesquisa que seria iniciada. Vários eram os nomes. Como se tratava de uma pesquisa fenomenológica, a quantidade de usuários não era relevante, mas sim a qualidade do discurso que o usuário poderia produzir para, a partir daí, retirar as Unidades de Significado.

Em cada CAPSad, apenas um usuário foi indicado pela equipe para participar da pesquisa, contribuindo com uma entrevista semidirigida. No Instituto RAID - Instituto Recife de Atenção Integral às Dependências, como era a única instituição privada que participara da pesquisa, a equipe indicou seis usuários com o perfil solicitado por mim.

Após as indicações das equipes, a entrevista foi agendada com cada usuário em suas respectivas instituições de tratamento; assim, nenhum custo para o usuário precisou ser disponibilizado para a participação na pesquisa.

Antes de iniciarmos a entrevista, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (ANEXO I) foi lido, para que todos os objetivos e etapas da pesquisa fossem de conhecimento do usuário. Após a leitura do TCLE, todos os usuários concordaram em participar da entrevista, que sempre começara com a pergunta disparadora: “Me fala da tua experiência com o crack”. A partir dessa pergunta, o usuário iniciava o processo de descrição de sua experiência com os fatos ou sentimentos que mais lhe pareciam significativos. Todas as descrições foram gravadas em gravador digital e, posteriormente, transcritas para o início do trabalho de análise dos dados.

2.4. As paredes desse caminho – o local da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em unidades de tratamento para a dependência química no município de Recife. Na rede pública, os seis CAPSad do município foram contemplados na pesquisa, e o Instituto RAID representando a rede privada de tratamento.

Todas as unidades que participaram da pesquisa desenvolvem um projeto terapêutico para dependência química, não diferenciando as várias formas de dependência, dentre elas, a do crack. Não existe distinção nos grupos terapêuticos entre os usuários das diversas substâncias psicoativas. Todos participam das atividades de forma coletiva.

Os CAPSad em Recife não são serviços 24hs, porém quando a demanda do usuário requer um espaço mais protegido por um período de tempo mais prolongado, esses são encaminhados para as Casas do Meio do Caminho – albergues terapêuticos, onde podem permanecer pelo tempo necessário, para que se possa estabelecer uma reflexão mais profunda do seu uso de drogas. Posteriormente, poderá se dar continuidade ao tratamento nos CAPSad. Todos os participantes da pesquisa estavam nos CAPSad. Alguns já tinham passagem pelo albergue, outros não apresentaram demanda para tal encaminhamento. A outra instituição implicada na pesquisa, o Instituto RAID, clínica privada, é uma Unidade

de funcionamento 24hs, proporcionando, desde sempre, um espaço protegido diante do consumo de drogas.

Todas as entrevistas foram feitas em espaço adequado quanto à ventilação e ao isolamento acústico, para que o usuário sentisse conforto e segurança quanto ao sigilo do que era descrito na sua experiência com o crack.

2.5. As pedras desse caminho – os participantes

Como o método qualitativo consiste no estudo detalhado e em profundidade de determinada cultura ou fenômeno social, foi decidido pela seleção intencional da amostra, escolhendo aqueles participantes que estivessem vivenciando o fenômeno sob estudo, os denominados casos ricos em informação (Víctora et al., 2000). Busca-se, dentro da amostra, a maior variedade possível de casos, de forma a contemplar as diferentes formas de viver o fenômeno.

Desta forma, a pesquisa foi realizada com 12 usuários de crack indicados pelas equipes técnicas das instituições que participaram da pesquisa, sendo 10 do sexo masculino e dois do sexo feminino, com idades que variaram entre 19 e 39 anos. Os critérios de inclusão dos participantes foram: ser maior de 18 anos, estar em qualquer modalidade de tratamento nas instituições escolhidas para o desenvolvimento da pesquisa e ter a capacidade de responder a pergunta disparadora formulada na entrevista de uma forma organizada e coerente, para que sua experiência, diante do consumo de crack, possa ser compreendida sem muita interferência do pesquisador.

Os nomes dos entrevistados, nesta pesquisa, foram substituídos por uma pedra preciosa, a fim de que o sigilo pudesse ser preservado. Os participantes da pesquisa se distribuíram da seguinte forma, quanto à idade, sexo e pedra preciosa.

Água Marinha	Masculino	32 anos
Ágata	Masculino	34 anos
Turmalina	Masculino	37 anos
Quartzo	Masculino	20 anos
Pérola	Feminino	21 anos
Rubi	Masculino	19 anos
Turquesa	Masculino	23 anos
Topázio	Masculino	29 anos
Ametista	Masculino	37 anos
Diamante	Masculino	30 anos
Safira	Masculino	30 anos
Esmeralda	Feminino	39 anos

Unidades de Significado

3.1. Lapidando e conhecendo melhor as pedras desse caminho

*O valor das coisas não está no tempo em que elas duram,
mas na intensidade com que acontecem.
Por isso existem momentos inesquecíveis,
coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.*
Fernando Pessoa

Antes de analisar as Unidades de Significado, como proposto em minha metodologia, acredito que sejam importantes algumas reflexões acerca das entrevistas e dos usuários que participaram da pesquisa. Em todos os momentos de minha coleta de dados, fui muito bem recebida pela equipe e pelos usuários. Eu tinha a sensação de que todos transbordavam expectativa em relação ao meu trabalho e, à sua maneira, se sentiam motivados a contribuir.

Quando concluí o trabalho de campo e transcrevi todas as entrevistas, percebi que, pelo fato de minha coleta de dados ter sido feita em ambientes de tratamento, não encontrei diferentes tipos de usuários de crack como retratam Oliveira e Nappo (2008) e Malheiros (). Todos os entrevistados relatavam, em suas experiências, um uso intensamente compulsivo e estavam bem organizados diante da dependência: a maioria com projetos de vida, bem focados no tratamento, com críticas bem fundamentadas diante do uso, com discursos bem parecidos diante das perdas, das consequências e, principalmente, do que eles não queriam mais em suas vidas.

Em minha metodologia, optei por desenvolver o meu trabalho de campo em instituições públicas CAPSad e no Instituto RAID, uma instituição privada. Apesar desta distinção, não pretendi fazer nenhum estudo comparativo neste trabalho. Apenas busquei escutar as experiências de usuários em contextos bem diversificados.

O tempo de uso da droga entre os usuários entrevistados variou entre 3 e 19 anos. Dos 12 entrevistados, apenas 4 tinham menos de 5 anos de uso do crack o que, de certa

forma, vai de encontro ao que é divulgado na mídia: os usuários de crack têm pouquíssimo tempo de vida. Alguns relataram um tempo significativo de controle no uso do crack, outros trazem a compulsão precocemente. Em seus relatos, é nítido um uso prejudicial do crack, mas não, necessariamente, um uso que leve à morte. Isso nos faz questionar: é possível que algumas pessoas consigam estabelecer estratégias para que o consumo do crack possa existir sem o estigma da morte tão presente? Claro que, como dito anteriormente, todos trazem, ao final de suas experiências, uma compulsão muito grande, um uso prejudicial intenso, tanto que procuraram ajuda, tendo aderido a um tratamento. Neste trabalho, não pude tirar conclusões mais detalhadas diante dos tipos de usuários de crack, uma vez que esse não era o objetivo de minha pesquisa, mas esse questionamento despertou em mim uma curiosidade que pode ser foco de um outro trabalho científico junto a essa clientela.

Outro ponto a ser destacado é que todos os usuários que participaram da pesquisa já tinham experiências com outras drogas, sejam lícitas ou ilícitas, onde o álcool sempre foi a mais citada. Essa característica já foi apontada anteriormente por um estudo desenvolvido por Sanchez e Nappo (2002). No presente trabalho, além do álcool ser a droga mais citada, vários usuários se referem a ele, como uma substância gatilho para o uso do crack, isto é, após o uso do álcool, a compulsão ou a falta de controle diante do crack aumenta bastante.

Enfim, depois dessas considerações, que julguei importantes para a compreensão da experiência dos usuários entrevistados, partirei para a compreensão de cada Unidade de Significado que consegui extrair das histórias de cada um que participou da pesquisa. As Unidades de Significado são as temáticas mais importantes das experiências de cada usuário. Como disse anteriormente, por estarem em tratamento, os usuários trouxeram experiências bem parecidas diante da problemática do crack. Alguns com mais emoção, outros com mais críticas diante de algumas situações, mas todos com uma realidade forte e verdadeira.

3.2. As unidades de significados como ferramenta para a compreensão do caminho trilhado por cada usuário

3.2.1. O crack como experiência de ser dependente

Esta Unidade de Significado retrata como os usuários conseguiram descrever o que é estar dependente do crack. A grande maioria retrata esta experiência de uma forma bem significativa e intensa. A falta de controle sobre a substância é algo marcante nesse momento. São frequentes as internações hospitalares como consequência desse uso intenso. Os usuários relatam outras “internações” que podem ser em diversos locais onde, durante dias consomem crack praticamente sem intervalo e sem envolvimento em outras atividades. Dos 12 usuários entrevistados, 8 trouxeram esta Unidade como uma experiência característica do uso do crack, nenhuma outra droga traz tanta dependência e compulsividade. Alguns trechos retratam essa experiência.

*“Quando eu começava não queria parar não ... depois que eu tive um ataque de convulsão, quase que eu morria... Eu tive um ataque porque usei 50 gramas em 3 dias, sozinho, ai fui parar no hospital morrendo, os caras me internaram porque eu estava fraco demais, estava com 40 kilos. Fui internado no Getúlio e passei 6 meses lá fiz um bocado de exame pra ver se eu tinha alguma coisa, mas não deu nada não. Eu saí, ainda fiz uso e depois vim pra cá.”
(Rubi, 19a.)*

“É muito difícil parar e quando tinha muita, porque eu sempre só fumava de muito, eu ficava lá, não saía não, só saía quando acabava, passava a noite todinha e o dia. Cheguei a passar 2 dias direto sem dormir. E tome fumando, via a hora dá uma overdose mesmo. Já caí uma vez no chão batendo por causa do crack, começo de overdose. E ai, continuei direto, na mesma hora quando eu levantei assustado, continuei fumando, não tive aquela sensação de parar na hora, já que eu cai batendo ali, continuei fumando direto. Eu sou viciado mesmo”.(Quartzo, 20a.)

“Me vici e o corpo começou a pedir a droga... todo dia tinha que ter a minha pedra porque eu não conseguia dormir, eu não conseguia comer se eu não tivesse usado ela pelo menos uma vez ao dia é... o corpo pedia, o corpo já estava pedindo aquela pedra. Tinha vez que eu sentia muita tontura, tinha alucinações... A adrenalina era tanta que era um desejo de não parar mais, de morrer, se a pessoa morre ali se tiver, vamos dizer um quilo ele fuma aquilo tudo”. (Água-marinha, 32a.)

“Nunca consegui me prender a nada disso, como me prendi ao crack de passar 2, 3 dias no mesmo lugar, com a mesma roupa, sem tomar um banho e fumando, fumando e fumando... Nunca, nunca aconteceu isso.”(Topázio, 29a.)

“Na primeira internação minha, eu passei 8 horas vomitando, por conta da abstinência sem o uso da droga, o corpo pedindo. Isso é o físico. O psicológico é a irritação, irritabilidade, você se tornar agressivo, não ter paciência com ninguém, você nem se aguentava. Você não pode nem olhar para o espelho. O físico chegou a um ponto de eu até vomitar antes de usar, com a ânsia de fazer o uso, de ter o prazer daquele momento e esse prazer de eu ter antes era quase fatal, eu buscava esse prazer sempre, sempre e sempre, podia ter todos os dias, todos os dias.” (Turquesa, 23a.)

“... só via a pedra e a maconha, a pedra e a maconha. Minha mãe, meu pai, minha família, todos ficam pra depois, tudo fica pra depois. Enquanto eu não terminar eu não vou, é um exemplo de quem usa o crack ou o mesclado, o isolamento de sair nervoso quando acaba sai nervoso procurando em tudo quanto é canto pede dinheiro emprestado.” (Pérola, 21a.)

“Eu não sei frisar quanto tempo mais ou menos, como eu segurei por um bom tempo, mas foi degradando assim a aparência, minha convivência afetiva foi ficando complicada, social, tudo foi

começando a complicar e aí eu comecei... a auto-estima foi baixando, comecei a ficar relapso na aparência, em tudo e aí comecei a... acho que ali começou a entrar a dependência com o crack.” (Ametista, 37a.)

“O crack você sonha com o crack, você sonha fumando, você sonha comprando, você sonha e você acorda e você vai atrás e ele começa a fazer parte de grande parte do seu cotidiano se volta para o uso ou a recuperação ou a compra do crack, ou seja, ele chega e domina, domina mesmo.” (Diamante, 30a.)

Na dramaticidade das narrativas acima, podemos observar o quanto o corpo de cada um sente a falta da substância na experiência desses usuários. Água-marinha, Turquesa e Diamante retratam bem esse contexto. São sensações de insônia, inapetência, sonhos, compulsão. É muito difícil controlar o uso nessa fase de descontrole da droga. Tudo leva ao consumo, tudo pede a droga.

E a experiência de internações também é outro aspecto bem significativo na vida desses usuários, quando se referem à consciência da dependência. Rubi e Turquesa retratam esse aspecto como o final do túnel. Não existia outra opção a não ser a internação. São convulsões, fraqueza, incapacidade de controlar o uso que beira a *overdose*. Ou a internação ou correr o risco de morrer usando o crack.

Descrever essa experiência é descrever a compulsão, a falta de controle. É ter a certeza de que não consegue viver sem consumir aquela substância; a liberdade de escolha desaparece e dá lugar a dependência, a falta de escolha como afirma Pérola “tudo fica pra depois”. São horas, dias à fio consumindo sem parar por mais que o limite do corpo aponte para o insuportável. É a dependência!

Quartzo e Topázio falam do uso compulsivo e ininterrupto por dias. O crack passa a ser a única atividade nesse período, sem alimentação ou qualquer outro cuidado com o corpo, consigo mesmo. Quartzo se refere, inclusive, a uma experiência de convulsão que

não o impediu de retomar o uso assim que voltou ao seu estado de consciência. Todos têm a certeza de que se tornaram dependentes dessa pedra.

3.2.2. As marcas do início de um caminho

Esta Unidade de Significado traz o que levou os usuários a experimentarem o crack. Quais as principais motivações na experiência de cada um que fez com que o crack entrasse em suas vidas. Assim:

“... me ofereceram, por curiosidade usei e não consegui parar não”. (Rubi, 19a.)

“Eu cheguei ao crack por curiosidade minha. Eu usava cigarro e maconha desde os 13 anos e aos 14 anos eu comecei o crack por curiosidade... Teve um amigo que me influenciou, me chamando, me dizendo pra experimentar que era bom.” (Quartzo, 20a.)

“Eu comecei a usar o crack porque a turma falou que era bom, eu vi a turma usando...” (Ágata, 34a.)

“A primeira vez que eu usei foi pra provar, pra saber, outras pessoas diziam a mim que meu chefe mesmo já pegava esse pó e fazia a pedra e ele dizia que era uma sensação boa. Aí por curiosidade, eu disse a mim mesmo, rapaz eu vou usar pra saber como é, mas não vou me viciar, eu dizia a mim mesmo, tu é forte, que eu nunca ia me viciar.”(Água-marinha, 32a.)

“Eu comecei a usar crack através de uma pessoa que... pela vida que eu levava, trabalhava com eventos, era um campo muito aberto, era muita gente, muita gente perto de mim, todo tipo de gente.” (Topázio, 29a.)

“Eu entrei no crack no momento que eu estava trabalhando, com muito dinheiro, já tinha me envolvido com cocaína que é uma droga estimulante, e pela falta do uso da cocaína eu experimentei o crack com um amigo”. (Turquesa, 23a.)

“Eu gosto muito de música e me envolvi com o pessoal que toca e canta e daí um colega, porque isso não é amigo, chegou e disse: tem isso aqui, vamos fazer, aí experimentei, gostei e daí por diante não consegui esquecê-lo.” (Pérola, 21a.)

“Veio substituindo a cocaína que eu era dependente de cocaína, aí como a cocaína era um material muito caro aqui, aí me foi apresentado ao crack.” (Turmalina, 37a.)

“Eu conheci o crack quando eu ia pra uma confraternização toda quarta-feira com os amigos em Aldeia, jogar futebol e tinha sempre o ritual: o pessoal bebia, cheirava lança, fumava maconha, tinha o uso de drogas até que apareceu o crack. E aí eu experimentei sem saber na maconha, senti uma sensação diferente, uma euforia e gostei do primeiro momento do efeito, perguntei o que era e me disseram.” (Ametista, 37a.)

“É as pessoas começaram a deixar de fumar a maconha pra começar a fumar o mesclado que era a maconha misturado com o crack e eu comecei a experimentar também de uma maneira bem inconsequente e irresponsável.” (Diamante, 30a.)

“Minha experiência com o crack começou em 91 quando um amigo meu vinha de Brasília e trazia pra cá.” (Esmeralda, 39a.)

“O crack você fuma a princípio, da minha parte e acredito da parte de todos por curiosidade.” (Safira, 30a.)

Nessa Unidade, podemos perceber a influência dos amigos como fator que mais levou esses usuários a consumirem o crack pela primeira vez, seguido da curiosidade em saber qual a sensação diante daquela droga tão falada. O ambiente é um fator facilitador para esse consumo inicial, o que se contrasta com o experimentado no momento da compulsividade em que o uso passa a ser bem individualizado. Na compulsão, os usuários optam pelo isolamento para evitar sensações maiores na paranoia. Quanto mais gente ao redor, maiores os delírios de perseguição.

Turquesa e Turmalina trazem a falta ou o alto valor da cocaína como fator decisivo para o início do uso de crack. Ambos faziam uso da substância em pó de forma intranasal e, pela dificuldade de continuar este uso, elegem o crack para substituir esse consumo. Percebem um efeito mais intenso e optam pelo uso do crack a partir de então.

Ametista traz um fato bem interessante, iniciou o uso do crack sem saber que o estava consumindo. Era usuário frequente de maconha e, como sempre fumou esta droga, se deparou com uma sensação diferente. Quando procurou saber, descobriu que na verdade estava fumando o mesclado (maconha e crack). Gostou da nova sensação e deu continuidade ao uso até à compulsão.

Vários são os fatores que levam as pessoas a usarem essa ou aquela substância. É curioso que, no senso comum, o consumo de drogas ditas “pesadas” é sempre apontado como algo negativo, isto é, que aquela pessoa está passando por muitos problemas e que a droga chega para resolvê-los. Nas experiências desses usuários, o crack aparece de uma forma muito tranquila, por curiosidade, para se sentir pertencendo a um determinado grupo de amigos, enfim, como em qualquer outra droga, se busca as sensações que a mesma traz, o fato de sair daquele determinado estado de consciência, movimento tão característico do ser humano, tal como observamos no primeiro capítulo.

Ter a curiosidade para experimentar novas sensações e, ao mesmo tempo, o desafio de controlar o uso da substância, o que muitos não conseguem, é um fato que acompanha o

início do uso do crack. As pessoas até sabem que é uma droga que pode levar rápido à compulsão, mas sempre pensam que consigo será diferente.

3.2.3. O significado do encontro com a pedra – a descoberta de uma pedra preciosa

Nesse momento, os usuários trazem a experiência simbólica do que o crack representa na vida deles. Tentam comparar o uso com algo mais palpável em um esforço para explicar o que se sente quando do uso da substância. São comparações surpreendentes, várias relacionadas a um prazer muito grande.

*“Usou a primeira vez, é amor à primeira vista”.
(Quartzo, 20a.)*

“Eu achei a droga um... como uma libertação, eu estava usando ela pra me libertar dos meus problemas.” (Água-marinha, 32a.)

“Depois que eu usava o crack eu me sentia uma pessoa intocável, eu me escondia, o povo não me via, me sentia invisível para o mundo depois que eu usava ele eu me sentia mais forte, mais animado... porque a sensação do crack é como se fosse... a pessoa tivesse fazendo sexo e tivesse vários prazeres juntos é como se diz um atrás do outro. E eu procurei o crack já por isso na minha solidão.” (Água-marinha, 32a.)

“... aí pra mim já começou a ser assim , uma válvula de escape, porque qualquer problema que eu tinha, eu já ia procurar a substância, eu já ia procurar me drogar.” (Topázio, 29a.)

“O poder da droga do crack é um... pronto, não tem o super homem, é igualzinho a criptonita, ele não pode chegar perto da criptonita. O poder do crack é isso, você não pode nem ver.” (Turquesa, 23a.)

“... então te dá uma sensação de alívio, você tira um peso das suas costas na hora que você, naquela sensação, naquela primeira sensação que você tá usando, aí você fica nas nuvens.” (Turmalina, 37a.)

“Eu costumo falar aqui que o primeiro, que chamam de tiro, pra mim é como se fosse um orgasmo, pra mim é comparável a um orgasmo não tem uma coisa assim que se compare não.” (Ametista, 37a.)

“Um orgasmo, êxtase, intensidade e é aquela coisa de intensidade da forma que você quer, na hora que você quer, quando você quer, ou seja, tudo aquilo que o dependente tem dificuldade de lidar com a frustração, com o não.” (Diamante, 30a.)

É bem interessante a experiência de prazer trazida por alguns usuários. Água-marinha, Ametista e Diamante comparam o uso do crack com sexo, orgasmo, e Diamante ainda acrescenta que o prazer é intenso da forma e na hora que você quer. Água-marinha comenta que, além desse prazer comparável ao sexo, ainda traz uma sensação de libertação, relacionada aos problemas vividos no momento. Sente-se intocável, invisível, diante do mundo no qual, naquele momento, não quer estar inserido.

Topázio e Turmalina já trazem, em suas experiências, o crack como uma válvula de escape, um alívio imediato para o enfrentamento dos problemas vividos e Turquesa ainda traz o crack como uma criptonita, isto é, objeto pelo qual não é possível se aproximar por perda total do controle. É fantástica essa comparação feita por Turquesa porque, na história do Super-homem, a criptonita fazia parte de sua vida, do seu planeta, dava-lhe poderes e, depois, a possibilidade de se aproximar desse objeto era algo que tirava todas as suas forças, todo o seu controle de super-herói. O crack, no início, também traz um poder muito grande, mas depois a compulsão e a falta de controle o tornam impossível de sequer uma aproximação.

O sentido figurado trazido pelos usuários diante do crack nos faz perceber o quanto de prazer a substância proporciona a cada um deles, e o quanto é difícil abrir mão desse prazer tão intenso e imediato. Podemos pensar no crack como paradigmático da experiência de prazer.

3.2.4. A sensação do consumo do crack

Na experiência de cada usuário, a descrição da sensação trazida pelo uso do crack vem de uma forma bem singular. São sensações positivas, prazerosas ou até negativas, angustiantes. Cada um retrata o seu sentimento diante do consumo de uma forma diferente, dependendo da vivência de cada um, o que não deixa de ser curioso.

“O que eu sinto quando uso é um sistema nervoso por dentro, me estressando, querendo mais.” (Quartzo, 20a.)

“Eu adoro a sensação, acho que deixa o cara nervoso, querendo mais”. (Ágata, 20a.)

“Pronto, 5 doses de whisky é o equivalente a, digamos, um tiro na pedra, é como se você tivesse tomado, tivesse tomado 5 doses de uma vez só e ter subido pra cabeça, as 5, de uma vez só... Então é justamente isso, esse prazer momentâneo que o crack proporciona e é muito forte, é muito forte, realmente muito forte.” (Topázio, 29a.)

“Essa droga causou em mim assim um prazer rápido, instantâneo, rápido e destruidor, porque no outro dia tinha que ter mais ou até no mesmo dia, ou até nem virava o dia e eu estava acordado assim, eu vivia pra droga, eu vivia pra droga.” (Turquesa, 23a.)

“Em relação à sensação do crack depende do momento, porque quem usa crack, usa crack em lugar fechado, se for lugar aberto tem deles que ficam só agitado, tem outros que ficam com paranóias, tipo: alguém está me perseguindo na rua,

estão falando de mim, estão olhando pra mim. Eu me senti cada parte dessas que eu falei.” (Pérola, 21a.)

“É uma droga que trás uma paranóia muito grande, eu tinha medo de sair, de ir em bando, tirar dinheiro, medo de assalto, medo de tiro...” (Ametista, 37a.)

“Antes de eu me reconhecer, de eu aceitar o meu problema de dependência eu tinha muito prazer, porém o crack em si me trazia uma paranóia fortíssima, muito forte. Com o tempo o prazer foi dando lugar, não dando lugar, mas foi andando paralelo com a paranóia, eu sentia o prazer, mas ao mesmo tempo uma paranóia muito forte, eu fazia uso e apagava as luzes da casa, ficava olhando por debaixo da porta cerca de 10 minutos assim com a cabeça no chão pra ver se ouvia passos.” (Diamante, 30a.)

“Eu não gosto da sensação, eu uso ele como um veneno. A sensação dele é horrível você fica agoniada, eu não tenho essa agonia toda, a maioria das pessoas tem, mas eu não tenho, eu ao contrário, eu me isolo, eu fico em casa, em não fico olhando porta, não fico catando o chão, eu fico até calma demais.” (Esmeralda, 39a.)

É marcante a ambivalência dos relatos acima. Percebe-se, a princípio, a descrição de um prazer intenso, porém seguido de sensações de angústia, paranoia e delírios que não trazem efeitos positivos para os usuários. Essa ambivalência é nítida, quando Diamante descreve a sensação de usar o crack. Em um momento, ele descreve que a paranoia assume o lugar do prazer e, em outro, que anda paralelo. O conflito diante da sensação é bem claro.

Topázio e Turquesa evidenciam o prazer trazido pela droga. Sempre o descrevem como muito intenso e rápido o que leva à compulsão de consumo imediato. A necessidade de consumir mais está atrelada ao desejo de sentir mais prazer. Em algumas situações, o consumo pode estar relacionado à tentativa de evitar os sintomas da abstinência.

A paranóia é descrita por Pérola e Ametista como uma sensação muito desagradável. Sempre com delírios de perseguição, onde o medo de ser encontrado usando crack, ou sofrendo algum tipo de violência, está presente de maneira bem evidente em seus relatos.

A agitação diante do consumo também é uma sensação muito presente no uso do crack. O relato de ficar “nervoso” retrata a modificação nas reações do sistema nervoso central que acelera todo o funcionamento de quem está consumindo uma droga estimulante como o crack.

Finalmente, Esmeralda traz uma sensação bem singular em sua experiência. Relata que não gosta de usar o crack, uma agonia muito grande é percebida por esta usuária, que compara o crack a veneno, que afirma usar esta droga como veneno. O isolamento se faz presente, principalmente devido a intenção de uso desta substância, o uso para a morte.

É fascinante como cada usuário percebe a sensação do uso de forma diferente. A intensidade do relato, a forma de atuação dentro do organismo, os aspectos positivos e negativos desse consumo é relatado conforme a singularidade de cada um. A descrição do uso cada vez aparece de forma diferente para as pessoas que o consomem. Quanto maior a compulsão, mais efeitos desagradáveis são percebidos pelos usuários dessa substância.

3.2.5. O prazer da morte pela pedra

Esta Unidade de Significado traz a morte numa linha bem tênue com o prazer. A sensação de usar a droga e saber que pode morrer é muito presente, mas essa morte também pode vir sem dor ou com muito prazer, percebido como valendo a pena para alguns usuários.

“Eu estava sem perspectiva de vida porque a droga causa depressão e eu tive principio de suicídio, assim, quando entrei nessa ultima recaída eu quis

morrer com prazer porque era a única coisa que me dava prazer naquele momento.” (Turquesa, 23a.)

“O crack, o mesclado é verdadeiramente, é pedir pra... não eu não quero mais viver, eu vou parar no tempo, eu vou parar o tempo e não vou fazer mais nada, só quando acabar. Quando acabar eu vou de novo atrás e volto, isolamento, isolamento total.” (Pérola, 21a.)

“Quando eu uso o crack a minha intenção é morrer, é geralmente por um lado depressivo como se o crack fosse um veneno. Comprei logo 10 gramas pra ver se eu tinha alguma overdose, alguma coisa assim, e usei toda de uma vez praticamente, quando eu usei foi na intenção de me matar, não com a intenção de curtir o crack” (Esmeralda, 39a.)

Para Turquesa, a falta de perspectiva diante do consumo levou a um desejo de morrer, mas essa morte, segundo o usuário, era uma morte com prazer, sem dor ou sofrimento. Era esperada a partir da intensidade do consumo, mas esperada sem medo, porque a droga ocupava um lugar central; todas as expectativas estavam direcionadas para o uso do crack; a morte só poderia ser uma consequência.

Pérola afirma que usar o crack é um apelo à morte. Morte suspensa no tempo, para que a sensação de prazer se perpetue, mesmo que esse excesso possa levar a um fim. Usar, sempre usar, sem perceber o tempo passar, muito menos perceber os riscos desse consumo descontrolado.

Esmeralda usa o crack como veneno, como uma forma de acabar, de fato, com a vida. Usa até o corpo não aguentar mais, sempre com a intensão de se matar, diferente dos outros, não para curtir, sentir prazer. Planeja esse uso de forma que morrer se torna uma possibilidade próxima.

É interessante que, dos três usuários que trazem esse sentido de morte, duas são do sexo feminino. A depressão e a falta de perspectivas estiveram muito presentes para as

usuárias entrevistadas na pesquisa. Esmeralda, inclusive, tem um relato bem diferente dos outros usuários. Ela não consegue perceber prazer no uso do crack. Desde o início, utiliza esta droga em uma tentativa de se aproximar da morte.

3.2.6. A culpa de ceder à compulsão

O uso do crack traz consigo uma compulsão intensa que o usuário não consegue controlar. Esta Unidade de Significado retrata o sentimento de culpa dos usuários, quando não conseguem se manter abstinente da droga. Por mais que não queiram fazer o uso não conseguem controlar essa compulsão, experimentando uma profunda sensação de impotência.

“Quando eu estou usando ele eu fico lá, mas depois que eu paro, eu me arrependo, fico pensando na minha família, a consciência pesa, mas é assim, eu tento me segurar, mas não tem jeito não, quando bate a fissura... aí eu uso quando bate a fissura. Na hora que eu uso o crack a cabeça está pesada, está pensando lá em casa, eu estou pensando na minha família, aí tem horas que eu saía antes de terminar tudo.” (Quartzo, 20a.)

“Eu usei 3 pedras de crack nesse dia, coisa que eu usava de 15 a 20, não consegui usar mais pensando na minha consequência de amanhã, voltei pra casa, estava com dinheiro, mas voltei pra casa falei pra minha mãe, falei pro CAPS, no outro dia eu estava no CAPS falando de minha experiência e do que tinha acontecido no dia anterior.” (Turquesa, 23a.)

“Quando eu recaí, mesmo eu sentir rancor de mim, porque eu sei que o crack é a pior nacionalmente, é a pior que existe porque ela destrói sua família, se desestrutura, você não tem namorado, namorada, você não tem uma vida social, você abandona tudo.” (Pérola, 21a.)

“O prazer, ele é muito pouco, muito pouco, porque você sente a culpa, você sabe que você tem um

problema crônico, que você vai ter que controlar pro resto da vida.” (Diamante, 30a.)

“E foi e cheguei num limite com aquele sentimento de culpa, angústia que o crack ele causa, aquele sentimento de culpa e tal.” (Safira, 30a.)

“É uma coisa deprimente, você fuma e aí passa dois três dias com aquele sentimento de culpa, aquela angústia, aquela melancolia e com dois dias volta ao normal, o organismo volta ao normal, sai mais aquele peso, é como que a ficha cáisse e com dois dias você puxasse a ficha de volta.” (Safira, 30a.)

O sentimento de culpa invade a vida desses usuários. Não ter mais a liberdade de escolha diante do consumo de crack é uma situação que incomoda demais essas pessoas. Essa culpa, às vezes, se faz presente depois do consumo ou até mesmo durante o que, em algumas situações, faz com que o usuário desista antes de terminar a droga. Isto é, por mais que tenha comprado uma grande quantidade, o sentimento de culpa faz com que o usuário encerre o consumo e volte para casa.

Essa culpa, como descreve Quartzo, Pérola e Turquesa, vem muito próxima à lembrança da família. Estar, mais uma vez, decepcionando o parente faz com que essas pessoas tragam consigo esse sentimento. Quebrar a confiança dessas pessoas que estão apoiando a luta pela abstinência deixa os usuários bem angustiados e constrangidos.

Diamante e Safira já trazem essa culpa diante da falta de controle. Se sentem derrotados pela pedra. Assumem o fracasso, nesse momento, e se culpam por isso. Safira ainda acrescenta que este sentimento também tem um limite. Depois de alguns dias, a fissura se torna maior do que o sentimento de culpa e, novamente, a busca pela pedra se faz presente.

Esse sentimento de culpa acompanha esse usuário durante um longo período. As recaídas são frequentes no tratamento de qualquer substância psicoativa e com o crack isso

se torna ainda mais frequente. A luta pela abstinência é o desafio vivido por todos os usuários entrevistados nessa pesquisa, inclusive por estarem em tratamento, que tem por objetivo a cessação total do uso da droga.

3.2.7. As perdas diante da pedra preciosa – “falso brilhante”

Ter claro todo o prejuízo que a dependência trouxe para esses usuários faz com que suas experiências venham repletas de muito sentimento, muito sofrimento. Todos os usuários descrevem essas perdas de forma intensa, singular. É esse cenário de sofrimento diante das perdas que retrata esta Unidade de Significado.

“E daí mudou tudo na minha vida, fui preso por causa do uso e do tráfico, parei de estudar... Aconteceu muita coisa ruim na minha vida depois do crack, me envolvi no tráfico, perdi minha família todinha porque eles não aguentavam mais tanta droga, eu mesmo quis sair, eu usava todo dia, todo dia, não precisei morar na rua, fui morar com uns amigos.”(Rubi, 19 a.)

“Estava perdendo a confiança, estava perdendo apoio de mãe, de vó, dos irmãos, tio. A turma estava dando o desprezo, se afastando, deixava eu só mesmo. Era eu e eu na rua... Eu estava magro, seco, parecia um palito. Perdi mulher, perdi família..”. (Quartzo, 20a.)

“Só atraso, só atraso, perdi trabalho, mulher, filho. Só dando fim as coisas. Usava maconha, depois passei a usar o crack, aí pronto, passei a faltar no trabalho. Quando eu recebia eu não ia, faltava uma semana, aluguel da casa atrasando, mulher falando que ia me largar e eu nem aí. Quando o pagamento não saía, eu pedia o vale ou senão chegava em casa e dava fim na televisão, na geladeira...”(Ágata, 34a.)

“Todo o meu dinheiro era estragado, era perdido. Porque eu trabalhava, se eu ganhasse dois salários,

eu chegava em casa com 50 reais porque ia tudo pra droga.”(Água-marinha, 32a.)

“Foi desastrosa, totalmente desastrosa, uma coisa que parcialmente acabou com minha vida, hoje em dia eu estou em tratamento, tentando... tentando resgatar algumas coisas: bens materiais, amizades, respeito, a família em si, foi destruída por conta do uso do crack, porque quando a pessoa usa crack já desrespeita todos os critérios e passa por cima de tudo... Então perde consideração da família, consideração de amigos, o respeito em si.” (Topázio, 29a.)

“Estava trabalhando num hotel internacional, não consegui segurar mais o meu emprego porque vivia pra droga, não conseguia ter relação familiar com mais ninguém só com droga, relação amorosa nem pensar. Você usar a primeira vez você perde tudo, você não consegue viver mais pra ninguém, nem por ninguém, nem pra você. ... Eu não tinha condições de me manter fazendo o meu uso, de me manter na sociedade sem ter nenhum prejuízo com o meu uso e me manter com a minha família. Eu tinha que escolher entre a minha família, a sociedade ou a droga e eu escolhi a droga, aí quando eu digo que estou voltando pra sociedade hoje é que hoje eu vejo que a minha vida não se limita só a droga.” (Turquesa, 23a.)

“Depois que eu comecei a usar o crack, relacionamento, não tenho, família, tenho, tá do meu lado agora por eu estou me tratando, tenho mas perdi por muito tempo, perdi mesada, confiança, confiança é o mais importante, perdi a confiança de todos em qualquer coisa.” (Pérola, 21a.)

“Foi destruição financeira, destruição com trabalho, destruição com a sociedade em si, família, comecei a ficar a ficar isolado, perdi os amigos verdadeiros que eu tinha. Foi destruição, destruição. Cheguei a perder carro, perdi emprego

também por causa disso aí, foi fatal.” (Turmalina, 37a.)

“E aí foi que eu comecei a viver pra o uso do crack, comecei a deixar tudo de lado: relacionamento que eu tinha de sete anos e meio, relacionamento estável, eu comecei a passar a viver... dormir de dia e viver a noite usando o crack até de madrugada, abandonei o emprego, cheguei a abandonar o emprego, cheguei a inventar furto de material do trabalho, na Kombi que eu trabalhava. Então os prejuízos foram muitos, muitos. Prejuízo familiar, prejuízo social, prejuízo profissional, prejuízo material. Os prejuízos foram em todas as áreas da vida, o único prejuízo que eu não tive foi perder a vida, mas por pouco, porque eu cheguei até a fazer uma carta mesmo de despedida.” (Ametista, 37a.)

“Eu tive muito prejuízo em todos os campos, tive um desinteresse muito grande nas questões familiares, tive o que a gente chama assim, de diminuição do repertório, tudo aquilo que antes era interessante na sua vida, tudo aquilo que era relevante e que te dava prazer não dava mais prazer. Tinha trabalho e larguei, faculdade larguei e vivia de drogas e rock and rol”. (Diamante, 30 a.)

“Depois que eu comecei a usar o crack pra mim não tem muito futuro não, eu não vejo um futuro, eu não tenho esperança de fazer alguma coisa, não tenho vontade de fazer nada, mesmo depois do tratamento. Eu estou saindo de alta agora, daqui a uma semana estou saindo de alta, mas não tenho nenhum projeto de vida, não tenho nada pra fazer, eu estou saindo pra ficar em casa porque eu não tenho vontade de fazer nada, de procurar, de estudar, não tenho vontade de fazer nada.” (Esmeralda, 39a.)

“O que mais mudou na minha vida é que não tenho mais vontade, não tenho mais alegria de viver. Eu gostava muito de sair, de beber, de ir pra festa, era muito alegre e hoje em dia não tenho mais essa alegria, o meu olhar hoje em dia é triste, o meu

olhar antigamente era alegre, meu olhar hoje em dia é triste, quem vê a minha expressão, ela mudou completamente, as feições são outras, se você vê uma foto de hoje e vê uma foto de 5, 6 anos atrás é completamente diferente a minha expressão, hoje em dia é triste.” (Esmeralda, 39a.)

“Meu relacionamento acabou por conta da droga, a relação que eu tinha com minha esposa, então eu estou cansado disso. Eu troquei tudo pelo crack, você deixa de se divertir, você deixa de fazer muita coisa, você deixa de comprar suas coisas, você deixa de fazer tudo.” (Safira, 30a.)

Neste momento, a solidão incomoda muito, o isolamento é percebido por todos. A sensação de perder os laços familiares é desesperador e descrito por 8 dos 12 usuários. A perda desses laços familiares é trazida com muito sofrimento e vem muito próxima ao sentimento de que esses parentes não mais o respeitam, muito menos confiam em suas atitudes e escolhas atuais, mesmo nas promessas de se manter abstinência.

A perda do vínculo com o trabalho também é uma situação trazida com muita emoção. Perder o emprego, porque não conseguiu controlar o uso da droga, traz uma sensação de fracasso, de devastação na vida de cada um deles. Quando se chega ao uso compulsivo é quase impossível conseguir conciliar com alguma atividade que requeira maior responsabilidade. Assim, as faltas, o descompromisso e, às vezes, o envolvimento com pequenos furtos dentro desse ambiente faz com que esses usuários não consigam manter sua atividade laboral.

Os rompimentos dos relacionamentos afetivos estão presentes nesse contexto de perdas. O fim de casamentos, relações estáveis, namoros, ocorre a partir do momento em que a droga toma conta da vida dessas pessoas. Os que estão ao redor perdem a importância no momento em que a fissura se torna mais forte do que qualquer outra coisa e o fim do relacionamento, na grande maioria das vezes, é inevitável.

O isolamento também é um sentimento muito presente. Os amigos, a alegria de viver, os projetos de vida, tudo desaparece. Não são mais respeitados enquanto pessoas, enquanto cidadãos. Sentem-se sozinhos. Não têm outros prazeres na vida, só vivem em função da droga. A presença de outras pessoas até incomoda diante da paranóia do consumo.

Finalmente, a perda dos bens materiais aparece como consequência de tudo o que estão vivendo. Não têm mais trabalho, família, amigos. Começam a vender tudo o que têm para poder conseguir a droga e se deparam com um vazio de objetos e pessoas que traz muito sofrimento e culpa. Esses bens materiais vão desde pequenos objetos, como celular, roupas, eletrônicos até móveis e carros. Tudo perde a importância. O crack passa a ser o valor supremo.

3.2.8. A família como saída da tempestade

Como percebido anteriormente, a perda do vínculo familiar traz um sofrimento intenso relatado pelos usuários entrevistados com muita emoção. Nesta Unidade de Significado, é possível perceber o quanto a família passa a ser a impulsionadora para a procura de alguma saída, de algum tratamento, ou, até mesmo, como suporte para enfrentar os diversos desafios encontrados nesse caminho escolhido diante da luta contra a compulsão pelo crack.

“Hoje a relação com minha família está melhorando, já voltei a morar com eles. Somos eu e mais 2 irmãos e uma irmã, moramos com meus pais e só eu estava usando drogas, mas estou sem usar desde janeiro... A minha família todinha precisou sair da comunidade que morávamos por causa do meu envolvimento com o tráfico.” (Rubi, 19a.)

“Perdi muita noite de sono e aí eu tenho que mudar mesmo porque minha família está todo mundo alegre, estão me dando apoio, está tudo feliz... pedi ajuda à minha mãe, pedi ajuda à minha

avó pra correr atrás desse tratamento pra mim, aí consegui, estou aqui.” (Quartzo, 20a.)

“Dentro da minha casa... eu tenho uma filha de 11 anos que ela nem sabe nem que eu uso há tanto tempo isso, a gente evita comentários. Eu disse a ela que estava fazendo tratamento sobre o álcool, mas a minha mãe ela sabe, tanto é que ela está fazendo tabagismo aqui também e o povo da minha área, da minha família passou a me dá mais crédito, me dá mais valor vendo que eu estou correndo atrás da minha melhora, quer dizer, isso não tem cura, mas pela força de vontade tem um jeito da gente parar, estacionar o vício.” (Água-Marinha, 32a.)

“Hoje, minha mãe não sabe lidar comigo, porque eu era Renato usuário, hoje eu tenho 6 meses livre, assim ela não sabe lidar com Renato não usuário e eu tenho que saber lidar com isso porque, 10 anos da minha vida eu fui aperreando ela, eu causei uma doença nela, depressão, causei vários sintomas que podia ser evitado, mas já passou e posso muito bem agora ajudar ela pra que ela possa sair disso. Eu tenho minha família, tenho minha namorada, tenho pessoas que me amam.” (Turquesa, 23a.)

“O sofrimento de você está lá, chegar 3 horas da manhã, 4 horas voltando de uma boca, sujo, imundo e tua mãe está lá no sofá esperando, chorando. Eu abri a porta e ela está lá e eu não poder falar nada e ela falando e eu não poder falar nada e ir embora pro quarto.” (Turquesa, 23a.)

“Eu nunca desisti de mim, minha mãe nunca desistiu de mim, toda reunião de família minha mãe estava aqui, toda reunião de família. Todo lugar, todo canto que eu precisasse que ela estivesse comigo, ela estava e hoje eu estou limpo por conta dela e por conta de mim.” (Turquesa, 23a.)

“Se destruísse a pessoa só estava de bom tamanho, assim de bom tamanho entre aspas, mas aí vem o sofrimento familiar, vem o sofrimento, é o pai, é a mãe, envolve pessoas, você pede dinheiro emprestado, você começa a fazer coisas, no caso, pra mim que sou de uma boa índole, faço e fiz que era pedir dinheiro emprestado.” (Safira, 30a.)

Rubi e Água-Marinha relatam que recuperaram a confiança e a credibilidade diante da família depois que começaram a fazer o tratamento. Estar lutando contra a compulsividade do crack é algo que renova a relação familiar e motiva a continuidade desse tratamento. Os familiares voltam a se aproximar do usuário que se sente amado de novo e luta para o sucesso do tratamento.

O apoio incondicional da família, principalmente da figura materna, é percebido no relato de Quartzito, Turquesa e Rubi. A família desse último se mudou para outra comunidade, contribuindo na construção de um novo projeto de vida desse usuário. O apoio familiar fortalece cada um dos entrevistados diante dos efeitos negativos do uso do crack e da possibilidade de poder escolher não mais fazer uso de tal substância.

Outro fator importante, nesse contexto familiar, é perceber o sofrimento ou o adoecimento de algum parente diante da dependência. Os usuários, ao se conscientizarem de tal sofrimento não suportam e vão em busca de algum tratamento. Turquesa relata a depressão da mãe como consequência de tantos problemas causados pelo uso intenso do crack. Safira, ainda, acrescenta que, se esse uso só prejudicasse o usuário, não traria tanta preocupação e tanto sofrimento para sua família e isso precisa ter um fim.

Sem dúvida alguma, quando os usuários percebem que poderão ter seus laços familiares reconquistados, a motivação para o tratamento se torna evidente e, quando a família consegue participar efetivamente desse tratamento, o caminho para a abstinência se torna menos doloroso. Ter a família presente nesse momento tão difícil é um fator, na maioria das vezes, decisivo na evolução do tratamento dos usuários

3.2.9. O crack e a violência: a pedra que fere

A compulsividade pelo uso do crack leva alguns usuários ao envolvimento com situações violentas. Seja como atores ou como vítimas, essas situações trazem um sentido bem singular para cada usuário, como poderemos perceber na Unidade de Significado abaixo.

“...os caras que eu andava tudinho morreu. Só tem 3 vivos que é eu e 2 que estão presos. Morreram de tiro a maioria morreu por causa das drogas, morreu tudinho. Eram umas 15 pessoas, morreu tudinho, saiu morrendo, morrendo. Eu mesmo já passei por uma situação que quase morro. Um grupo de extermínio foi contratado pra matar a gente, mas na hora alguém ligou pedindo pra não me matar, até hoje eu sem sei quem é, alguém ligou.” (Rubi, 19a.)

“O crack tem muitas coisas ruins. Se você está fumando ali e acabou, acabou o dinheiro, não tem, você já está pensando em roubar. Está pensando em fazer alguma coisa para pegar dinheiro pra comprar de novo.” (Quartzo, 20a.)

“... no usuário de crack, quando chega nesse estágio, é que ele já vem acabando com tudo que existe na vida dele até ele chegar ao ponto de sair mesmo pra roubar, fazer pequenos furtos, fazer furto até dentro da própria casa, vender as coisas de casa. Eu conheço gente que hoje em dia mora só com o colchão no chão do quarto e não tem mais nada dentro de casa. Eu não cheguei a asse estágio, mas... assim, pequenos furtos dentro de casa cheguei a fazer, celular, relógio, coisas assim, bens pessoais, familiares, pequenos. Na rua não!” (Topázio, 29a.)

“Usuário de crack... eu já fiz muita coisa, já roubei, já fiz muito furto e pra que, pra alimentar a minha dependência, a minha doença. Eu não tive escolha, estava num uso compulsivo aí acabou o dinheiro, eu tive que fazer.” (Turquesa, 23a.)

“Então tudo o que você vê na frente você quer dá fim, não podia arrumar dinheiro, então comecei a roubar.” (Turmalina, 37a.)

“Eu troquei pneu, troquei macaco, perdi relógio, perdi moto, perdi várias coisas, nunca cheguei a tirar de dentro de casa porque... não porque, porque não precisou, porque se precisasse faria. Porque a gente costuma dizer que a droga, a dependência química em si, é a droga do ainda não, do ainda não fiz, então eu ainda não fiz tirar alguma coisa de casa porque não tinha precisado, mas minha eu tirei quase tudo, inclusive de ficar quase nu.” (Ametista, 37a.)

“Não sei se um desvio, não sei se seria um desvio no meu caráter, minha personalidade mudou muito, assim, coisas que eram inimagináveis pra mim fazer eu fiz: como penhorar o telefone de minha namorada, como pegar telefone de dentro de casa, do meu pai. Já me escondi de polícia, já enganei traficante, já peguei celular de dentro casa, já gastei o que não tinha. Já troquei DVD, já troquei liquidificador. Coisas que quando você cai a ficha mesmo é muito doloroso.” (Diamante, 30a.)

“Eu acredito muito que o crack está diretamente ligado à violência na cidade, diretamente ligado a pequenos furtos como: roubos de celulares, roubos nos sinais, roubos de computadores, porque se pessoas como eu que vem de uma família com estrutura e com dinheiro que tem chega a um nível desse, imagine uma pessoa que não tem e que fica dependente o que é que é capaz de fazer pra conseguir o crack. Eu já vi aqui dentro da instituição pessoas de classe média alta pegar um revólver pra fazer assalto em ônibus pra conseguir dinheiro.” (Diamante, 30a.)

“Fui lá com fulano e tal na sua casa e o carro da Civil parou lá e a sua esposa disse que você estava lá dentro e o que foi que aconteceu e sem pensar duas vezes ele disse que foram apanhar o deles,

quer dizer, foram pegar a graninha deles e tal, quer dizer, não tem como acabar com isso, se a polícia não tomar uma atitude não tem como acabar.”
(Safira, 30a.)

“Então as pessoas hoje, principalmente os usuários de crack, eles estão brincando de roubar, virou uma coisa assim, rotineira, então é um perigo você que usa crack estar no meio dessas pessoas, então você quando está dentro, você perde a noção, principalmente, quando você fuma, você perde...”
(Safira, 30a.)

Acredito que vale a pena iniciar os comentários dessa Unidade de Significado com a afirmação que Ametista faz da relação do crack com a violência: “é a droga do ainda não, do ainda não fiz”. A experiência e a sensação prazerosa que traz o uso do crack faz com que os usuários iniciem uma prática criminosa em busca desse prazer. Assim, roubar, furtar, mentir passam a ser uma rotina diante da compulsão pela pedra.

Quase todos os usuários afirmaram que já praticaram algum roubo ou furto, para poder conseguir dinheiro e, mais uma vez, comprar e usar a pedra. Quando não chegaram a esse extremo, passam a vender ou trocar pertences, que vão dos mais valiosos como carro, moto, a pequenos objetos de dentro de casa. O limite se torna quase impossível.

Além desses envolvimento com delitos outros, como Rubi, envolvem-se também, com o tráfico de drogas e vivem numa eterna sensação de morte iminente. Esse usuário relata que quase todos os seus amigos já foram assassinados. Dois estão vivos por estarem presos. Ele ainda afirma que está vivo por muito pouco. Já esteve com uma arma na cabeça e só não morreu por causa de uma ligação pedindo por ele. Até hoje, não sabe como isso aconteceu.

Essa Unidade de Significado me fez, mais uma vez, refletir em cima do que é colocado na mídia: “o crack mata, o crack mata”. Diante dos relatos, percebo que o que vem matando, principalmente nossos jovens, é a violência em torno do consumo e do tráfico.

Essa constatação é apontada a partir do estudo desenvolvido por Duailibi, Ribeiro e Laranjeira (2008), onde mais de 60% dos usuários internados numa enfermaria morreram por causas externas, e desses, mais de 50% vítimas de homicídio. As pessoas não conseguem controlar o uso do crack e começam a fazer coisas que nem imaginavam antes da dependência. A morte é pela violência diante da compulsão e não por complicações clínicas ou *overdose*, o que leva a reflexões importantes, uma vez que, em outras drogas, o consumo é mais significativo como dano, como complicação clínica. Insisto em afirmar sobre a importância desse dado, que as relações junto ao tráfico com dívidas e negociações colocam em risco a vida desses usuários, que morrem por homicídio e não em consequência do consumo.

3.2.10. A força da pedra e as dificuldades do tratamento

Esta Unidade de Significado vem mostrar a dificuldade vivenciada durante o tratamento da dependência do crack nas instituições, que fizeram parte da pesquisa. Como é difícil para os usuários percorrer esse caminho e como algumas instituições ainda não estão preparadas para tal demanda.

*“Acho que o tratamento deveria ter alguma coisa que ajudasse melhor, algum tipo de medicação porque a vontade é grande. Aqui é só conversa, o tratamento é mais conversa, deveria ter alguma coisa pra a pessoa fazer, alguma atividade que ocupasse a mente, é só fala, é só grupo. Eu acho que não é suficiente, pra algumas pessoas não.”
(Rubi, 19a.)*

“Tem que ter um tempo de abstinência, pelo menos um tempo de seis meses, em abstinência mesmo, que é o tempo que a pessoa tem pra refletir tudinho e pensar, seis meses. Mas aqui não, aqui são 22 dias, depois vai pro intensivo I, mais 22 dias, isso é tempo? um mês. Aí eu digo na reunião que não é tempo suficiente pra mim não... agora mesmo eu estava estressado ali, não me deram nem meu remédio, de manhã disseram que eu tinha que passar pelo médico para avaliar o remédio que eu já estava tomando. Ela deu pra todo

“mundo, o meu estava lá, eu mostrei a ela, aí ela não pegou e não me deu, disse que eu tinha que passar pelo médico.” (Quartzo, 20a.)

“Eu acho que devia ter uma separação, não só do crack quanto das outras substâncias, porque há uma diferença entre eles. Aqui no CAPS, chega o horário de dar entrada e chega um dependente químico de álcool, um alcoolista, aí ele sai daqui pra ir pra uma policlínica, e quando ele chega lá tem o soro glicosado, aí ele faz realmente uma desintoxicação e, no caso do crack, uma desintoxicação não existe, ainda. Uma desintoxicação viável, chegar uma pessoa intoxicada de crack e ser levada a um hospital e... pelo que eu sei não existe ainda uma medicação, alguma coisa que venha realmente ajudar nessa desintoxicação.” (Topázio, 29a.)

“O tratamento do albergue é... puxa muito pra, pelo que eu sei, eu nunca fui internado, o tratamento do albergue puxa muito pro lado religioso.” (Topázio, 29a.)

“O espaço físico pra o usuário não tem, não tem, a gente não tem uma estrutura que possa dizer assim: isso aqui é um lugar bom, próprio pra ter um grupo. Técnico de referencia que possa fazer um grupo a gente não tem, tem vezes que não tem, não posso mentir. Tem vezes que não tem grupo porque não tem técnico. Ou existe técnico, mas está atendendo uma pessoa que está necessitada, que está prestes a fazer o uso. Eu acho assim: atendimento psicológico nos CAPSs deveria ter, sabe. Por que? O que é que adianta você tratar de um corpo, mas não trata da mente, da mente você trata assim ó: no grupo, mas e o psicólogo que você tem que ter coisas pessoais que você queria falar tanto.” (Turquesa, 23a.)

“O albergue deveria ter mais tempo para o usuário de crack, porque o usuário de crack tem que ter no mínimo 3 meses pra que ele possa tirar

a abstinência, passar a parte da abstinência, da parte dolorosa da abstinência que é os quinze dias de crise de abstinência e pra que ele possa refletir no andamento do seu tratamento.” (Turquesa, 23a.)

“O problema pra eu terminar é a falta de vontade que atualmente eu estou com ela, espero que ela passe, mas estou bem desanimada, mesmo com todo o tratamento, com todo acompanhamento terapêutico, a infelicidade ainda me acompanha. O crack pra mim é diferente de quem usa por prazer, porque o crack pra mim eu uso ele pra me destruir.” (Esmeralda, 39a.)

Turquesa e Quartzo afirmam que para o crack, o tempo de tratamento oferecido pelas instituições não é suficiente para dar conta da compulsividade e fissura, enquanto sintomas da abstinência. Quartzo acrescenta que o tratamento é muito rígido sem respeitar a singularidade de cada usuário. O tempo é igual para todos e as pessoas são bem diferentes. Alguns podem conseguir, outros precisarão de mais tempo na instituição.

Rubi levanta a hipótese de que o tratamento é “só conversa, só conversa” e que a necessidade é de mais atividades para “ocupar a mente”. Para alguns usuários entrevistados, o projeto terapêutico da instituição não consegue dar conta das demandas trazidas pelo uso compulsivo do crack.

Topázio questiona a falta de preparo diante da desintoxicação. Para o álcool, isso é bem organizado e, para o crack, os técnicos ainda não sabem como proceder, qual medicação utilizar, ou, até mesmo, para onde encaminhá-lo. O usuário de crack também sofre com a abstinência da droga, mas, talvez, a inexistência de protocolos clínicos diante da intoxicação do crack dificulte a atuação dos profissionais.

Turquesa aponta a insuficiência de psicólogos dentro da instituição o que, para ele, compromete bastante o tratamento dos usuários, além do pouco espaço físico, não só para

o desenvolvimento de atividades diversas, como também para o desenvolvimento de grupos terapêuticos.

Topázio traz uma distorção do funcionamento do albergue terapêutico, afirmando ser uma instituição de caráter religioso e que, para ele, não seria interessante, por isso nunca recorreu a essa possibilidade. Insiste que não tem nenhum interesse em ser albergado por não apostar em uma intervenção religiosa. É fato a falta de informação desse usuário no processo de albergamento da rede de Recife.

E, finalmente, Esmeralda fala que, mesmo estando no final do tratamento, ainda não consegue visualizar um projeto de vida e que não sabe o que vai fazer quando sair da instituição. “A infelicidade ainda me acompanha”. A vida sem o crack ainda não foi possível ser visualizada. O tratamento ainda não conseguiu dar conta desse novo projeto terapêutico e já sinaliza uma alta, mesmo diante desse contexto.

3.2.11. O tratamento como ajuda eficaz

Por outro lado, nesta Unidade de Significado, percebem-se algumas ferramentas utilizadas pelas instituições para o sucesso do tratamento. Os usuários relatam vitórias e a percepção de um tratamento eficaz. É o outro lado da mesma moeda. Da mesma forma que anteriormente observamos algumas falhas, nesse momento, é possível perceber que, para algumas pessoas, o sucesso no tratamento é possível.

“O tratamento aqui, eles são os especialistas, eles se empenham em fazer você parar de usar a droga, quer dizer, eles estão mais como conselheiros também, que aqui você tem um aconselhamento bom, adequado e é o melhor tratamento que eu já vi aqui, por que eu já passei. Eles insistem para que você continue, para que você não desista e encontre um meio de você se manter ali bem. Eu achei muito bom e a forma do tratamento é ótima porque eles não falam só do crack, falam do álcool, falam que uma droga puxa a outra, como é verdade.”(Água-Marinha, 32a.)

“O ponto chave do CAPS é porque a pessoa não é afastada da sociedade, a pessoa tem o apoio familiar, dependendo de cada caso, eu acho que o ponto chave do CAPS é esse, essa questão da medicação, essa questão de estar convivendo na sociedade.” (Topázio, 29a.)

“O primeiro albergamento foi muito bom, foi muito bom. De eu me reconhecer como Turquesa, de eu passar quase dois meses lá sem uso, de eu me ver sem uso, porque eu nunca tinha me visto sem uso, sem direto no uso, direto, direto, direto e eu consegui me vê sem o uso, pra mim foi muito bom. Conhecer outros prazeres, ali sim eu conheci outros prazeres sem a droga, conheci várias coisas sem a droga.” (Turquesa, 23a.)

“O RAID é um instituto para que abra as portas e diga: esse espaço é seu para refletir sobre tudo que você fez, faz, e talvez fará. Não acho que o tratamento do crack deva ser diferente não porque cocaína é droga, destrói também, bebida é droga destrói também.” (Pérola, 21a.)

“O tratamento serviria pra todas as drogas, não teria diferença nenhuma porque pra falar a verdade todas as drogas te levam no final a mesma coisa que é a sua destruição total, uma demora mais e outras são mais rápidas isso eu tenho, isso eu sei e tenho certeza disso ai, mas o final leva tudo à mesma coisa, ou seja, tratamento ideal para todos os tipos de droga.” (Turmalina, 37a.)

“O que me oferecem no meu tratamento são as ferramentas pra que eu possa tentar me manter longe como qualquer droga, como qualquer dependente do primeiro uso, porque como qualquer dependente se fizer o primeiro uso da droga ele vai voltar a usar porque ele sabe que não consegue, quem é dependente não consegue parar porque tem a reinstalação da doença. Agora com o crack é muito mais difícil, com o crack é muito mais difícil porque a ação dele é muito mais rápida e o efeito, o

término do efeito dele é muito mais rápido, então você precisa de mais ainda.” (Ametistas, 37a.)

“A proposta mesmo do RAID de você fazer o processo de auto conhecimento como forma de entender o porque de utilizar a droga pra preencher esse vazio tão intenso que você tem, que buraco é esse, que falta é essa que a droga tem que preencher.” (Diamante, 30a.)

“Porque não adianta vir aqui por causa de pai, por causa de mãe, você tem que vir por você mesmo, porque você quer se tratar, se você não quiser não adianta nada, porque quando você sair a primeira coisa que você vai fazer é recair.” (Esmeralda, 39a.)

“Seria o mesmo tratamento para com os outros, as outras drogas, até porque o grupo em si se ajuda, um ao outro, embora são razões diferentes para estar aqui, mas eu acho que é uma coisa muito individual, é uma coisa muito de você querer, não é você estar aqui, ter isso aqui como um SPA, é preciso participar, é preciso trabalhar consigo mesmo.” (Safira, 30a.)

Ametista ressalta que, durante o tratamento foi oferecido ferramentas para ele se manter longe das drogas. Avalia que não consegue mais manter nenhuma relação com as drogas. Para ele, o dependente não pode usar qualquer quantidade da substância-problema. Esse uso, mesmo em pequena quantidade, leva à reinstalação da doença.

Para Turquesa, Diamante, Pérola e Safira, a busca do autoconhecimento foi a peça-chave para o sucesso do tratamento. Turquesa menciona que precisou se conhecer melhor para poder encontrar outros prazeres sem o consumo das drogas. Diamante busca os motivos que o levaram a usar drogas e porquê só a droga consegue ocupar esse vazio que acompanha a sua vida e, finalmente, Safira afirma que é preciso participar, é preciso trabalhar consigo mesmo, para vencer a dependência. Pérola se coloca num espaço de

reflexão onde o presente, o passado e o futuro estão sendo redimensionados em sua vida. É nítido como esse processo de autoconhecimento vem de forma diferenciada para cada usuário. Cada um utiliza essa ferramenta para dar conta de questões bem singulares.

Nesse sucesso da condução do tratamento, Água-Marinha traz como o empenho e a dedicação da equipe é importante para ele. São verdadeiros conselheiros, que sempre estão prontos para motivar e “dar força” para não desistir. Sempre por perto, investem no usuário e acreditam na capacidade de superar qualquer dificuldade. Estão sempre prontos para estimular a confiança e a vontade de superar qualquer limite.

Topázio traz uma observação bem interessante: no tratamento do CAPS, você não precisa sair da sociedade. Você pode vencer seus desafios e continuar vivendo em sociedade. Não há segregação social e sim inclusão. O fato de ir e vir todos os dias para o tratamento fez esse usuário não necessitar de uma internação. Estar vivendo em sociedade, para ele, é um fator motivador do sucesso de seu tratamento.

A maioria dos usuários relata não haver diferenças importantes entre o tratamento do crack e de outras drogas. A dependência em si, de qualquer substância, é prejudicial para qualquer um, sendo o principal fator de busca de tratamento.

E, finalmente, Esmeralda aponta que, para o sucesso do tratamento, o voluntariado é essencial. O usuário precisa se comprometer com sua própria recuperação. Não existe sucesso, quando o usuário quer continuar no uso da droga. Ele precisa se conscientizar dos prejuízos causados em sua vida e decidir, de fato, pelo tratamento ou por um novo projeto de vida.

3.2.12. O estigma da pedra – o cotidiano do usuário de crack

Ser usuário de crack em nossa sociedade é uma tarefa um tanto quanto difícil. Esses usuários são estigmatizados e segregados como pessoas sem valor, como se não merecessem estar no convívio social junto com os outros. Usar o crack é repugnante e a tendência será esconder esse incômodo. O estigma é bem retratado nesta Unidade de

Significado, onde vários usuários relatam como se sentem, e até mesmo como agem diante da dependência.

“A mulher estava me discriminando demais também, e eu não gostei. Ela sabia, antes de ficar comigo, ela sabia que eu usava, eu fui discriminado, aí eu não gostei.” (Quartzo, 20a.)

“Eu cheguei a um estágio que eu parecia um mendigo, eu tinha casa, tinha tudo, mas parecia um mendigo, no meio da rua, todo sujo, o tempo todo, o tempo todo assustado, porque o crack também traz essa cisma de perseguição, a pessoa acha que tá sendo perseguido o tempo todo.” (Topázio, 29a.)

“O usuário de crack, o mundo do usuário de crack é um mundo de ilusão, é tudo ilusão, porque se você parar pra pensar, você faz o uso... é assim: tem dinheiro, no meu caso, eu estou falando do meu caso, tem dinheiro, saía de manhã, não tomava café, ia pra boca, buscava, passava o dia todinho usando, chegava à noite dava um tempinho usava mais, virava a noite, chegava de manhã, dormia pela manhã. Aí acordava, a mesma coisa, não tomava café, não me alimentava de noite, não me alimentava na hora do almoço. Isso tudo é só ilusão”. (Turquesa, 23a.)

“A vida do crack é isso, esse mundo é assim, se você piscar o olho tem um cara arrastando você. Você ser xingado na favela, você ser humilhado na favela por besteira. Você vender uma roupa, um tênis. Essa é a vida do crack, você vai lá, uma coisa que vale, um objeto que vale 500, 600 reais, você chega lá e o cara só quer dá 10 reais. Aí é quando bate o desespero e o cara pega e vende, porque naquela hora a droga faz sentido pra ele, tem mais valor que aqueles 600 reais daquele objeto. Aí isso é o mundo, isso é o mundo que eu vivi. Um mundo de preconceito, discriminação, não aceitação, antissocial, nem pensava em andar com a minha família, só vivia 24 horas na rua. Só ia pra casa pra

comer e dormir quando era possível, essa era a minha vida no mundo do crack”. (Turquesa, 23a.)

“A minha relação com as outras pessoas ficou complicada, porque o preconceito é muito grande, mas eu já estou num estágio que eu não me importo mais com as outras pessoas não. As pessoas têm um preconceito muito grande, porque não conhecem a doença, acham que é safadeza, fica lhe desejando mal. Eu já escutei várias vezes isso. Depois vem aquela falsidade, quando lhe vê bem. Incomoda muito, é muito triste, é doloroso você sofrer o preconceito, você sofrer a exclusão que eles fazem, a marginalidade, até a gozação mesmo, às vezes, você tem que estar com a cabeça no lugar, tem que estar sereno, tem que estar limpo, tem que estar sereno pra poder não recair, não ir buscar a solução imediata que é o uso da droga.” (Ametista, 37a.)

“A gente pensa que as pessoas não estão sabendo, mas estão e lhe tratam de forma diferente, as pessoas vêem quando olham para um dependente de crack, ela não vê ali um ser humano em si, ela vê um doente e de fato esta pessoa está doente.” (Safira, 30a.)

Ametista relata com muita clareza essa Unidade de Significado. Fala com emoção como é sofrer o preconceito da sociedade, que acha que a dependência é uma “safadeza”, que o usuário usa a droga da forma que está usando porque quer, que tem controle e não pára porque gosta e prefere continuar usando. A marginalidade, a exclusão e até a “gozação” são citadas como vivenciadas de forma muito intensa. Para o dependente, a forma como a sociedade o trata também é fator importante no tratamento. Para esse usuário, é preciso manter uma serenidade muito grande, a fim de não recair diante de tanto preconceito.

Turquesa afirma ter vivido momentos de muita humilhação, principalmente na favela, quando vai em busca da droga e não tem dinheiro suficiente no momento. Vender

objetos por pouco valor, trocar, empenhar qualquer coisa para conseguir a droga faz parte de uma rotina dura dos usuários de crack. Afirma, ainda, um mundo de preconceito e discriminação. Muitas são as dificuldades vividas.

Turquesa ainda relata um cotidiano bem difícil. Não há muitas alternativas para viver bem ou de forma diferente. A repetição de dias e noites diante do uso compulsivo implica muito sofrimento. Vivem sempre de forma compulsiva e não conseguem fazer outra escolha.

Topázio chega a se comparar com um mendigo na rua, sujo, assustado e sempre querendo consumir mais e mais a droga. Não existe o cuidado com a aparência, não há espaço para o autocuidado. Só o consumo importa, só a droga importa.

A discriminação é sentida até mesmo dentro de casa, por pessoas muito próximas, pois não acreditam mais que pode ser diferente. Quartzos fala com tristeza que foi discriminado pela própria mulher. E Safira ainda menciona que as pessoas, de um modo geral, tratam o usuário de crack de forma muito diferente. Diferente por desacreditar, diferente por ter medo, diferente por achar que a destruição da vida dessa pessoa está determinada e não tem volta.

Esses sentimentos acompanham os relatos dos usuários entrevistados sempre com muita emoção, muita tristeza. Não compreendem a forma marginalizada que passam a viver depois que se tornam dependentes. Viver uma exclusão social só complica a situação de cada um dos entrevistados, que se sentem só e sem apoio para enfrentar o maior desafio que já viveram, a dependência do crack.

.3.2.13. O descontrole no caminho das pedras

Chegamos à última Unidade de Significado encontrada nas experiências dos usuários entrevistados na pesquisa. Essa retrata o quanto é difícil controlar a vontade de usar o crack e como é frustrante perceber este descontrole. Mesmo diante de tantas perdas,

controlar o uso é uma missão quase impossível. E descrevem esse fracasso de forma clara e ainda muito presente em suas vidas.

“O crack foi minha autodestruição, saber que aquilo não presta e você ir e querer mais, e querer mais, e querer mais. Uma coisa que não presta a gente não quer pra nossa vida, mas o crack não deixa, ele chama mais, chama mais, chama mais, quando a gente vê: passa um mês, passa três, passa um ano e a gente não viu, não fez nada”.(Pérola, 21a.)

“... então é uma avalanche, um tornado que vem assim e leva tudo seu e isso você querendo mais e mais, porque quanto mais você usa mais você se afunda, mais você quer tirar aquilo das costas e você vai se afundando, se afundando e até se afogar.” (Turmalina, 37a.)

“Isso sem falar nas insanidades de pegar táxi sem dinheiro pra pagar, ir na boca só com o dinheiro da pedra, comprar a pedra, voltar sem dinheiro pra pagar o táxi e fazer alguém da família pagar ou deixar o táxi esperando, ou dar um celular ao taxi, ou dar um filme, dar 3, 4 filmes pra dizer: ó amanhã tu vem pegar, tu trás o filme e vem pegar o dinheiro, sem contar as insanidades que eu fiz, foram muitas assim.” (Ametista, 37a.)

“Ele lhe domina de uma forma que você mesmo sem querer fazer você faz, não eu não quero fazer, eu não quero, eu não quero, mas não adianta, parece que tem uma coisa te empurrando, não tem como você parar depois que começa pra parar é difícil.” (Ametista, 37a.)

“Fui morar só e pronto, morando só, faltava comida, faltava água, faltava pagar aluguel, faltava tudo porque todo o meu dinheiro era todo destinado a usar o crack, usava muito mesmo.” (Diamante, 30a.)

“Eu ficava internada como o pessoal diz, pegava o crack, se trancava em casa e passava 8 dias só usando crack, sem comer, sem nada, no máximo eu tomava banho porque eu sou uma das poucas pessoas que tomava banho, porque a maioria não toma banho, eu tomava banho, escovava meus dentes, mas não comia nada, só tomava água durante 7, 8 dias, 9 dias e às vezes só parava quando eu desmaiava, eu não parava por livre e espontânea vontade.” (Esmeralda, 39a.)

“Quando chega uma época que eu estou usando há nove dias, aí eu desmaio, quando eu acordo eu volto a usar logo em seguida, mas consigo comer alguma coisa, aí como alguma coisa, aí volto a usar mais 8,9 dias sem parar. Eu cheguei a perder... eu estou com 60 quilos agora, eu cheguei aqui no RAID com 34 quilos.” (Esmeralda, 39a.)

Pérola, Turmalina e Ametista relatam uma grande vontade de parar de usar o crack, conseguem perceber o quanto está sendo prejudicial na vida de cada um, mas não conseguem se controlar e usam sempre mais e mais. O descontrole é nítido. Comparam o crack em suas vidas com destruição, dominação, avalanche. São comparações tão devastadoras que percebemos a força dessa dependência diante desses usuários.

Ametista ainda acrescenta que, diante desse descontrole no uso do crack, já cometeu insanidades que nunca pensou viver. Pegar táxi sem dinheiro, ir pra boca só com o dinheiro da pedra e não ter como voltar pra casa, deixar objetos como garantia de pagamento, entre outras. Insanidades nunca vividas, experiências nunca vividas e um descontrole nunca vivido em nenhum momento de sua vida.

Esmeralda relata que só consegue parar quando fica inconsciente, desmaia, o corpo não aguenta mais. Mesmo com essa experiência, quando volta a si, retoma o uso de forma compulsiva. Ainda fala numa espécie de “internação”, onde passa dias só consumindo a pedra, sem alimentação ou qualquer outra atividade. Só o crack tem importância naquele momento; não se consegue pensar em nenhuma outra coisa.

Controlar o consumo, para esses usuários, é um desafio diário. O risco de perder a vida é iminente, seja por situações vividas ou pelo próprio excesso da droga em seus organismos. Todos têm consciência desses riscos, mas o controle é algo difícil, vivido como mais uma ilusão

3.3. A Síntese das Unidades de Significado

O crack emerge das narrativas dos sujeitos participantes como paradigmático da experiência de dependência ao uso de substâncias psicoativas. A partir de um início recreativo, por influência de amigos ou curiosidade, rapidamente ganha ares dramáticos ao intenso prazer, intenso mal-estar. Rupturas dilacerantes, viver à beira do abismo, entre a vida e a morte não são expressões exageradas para definir essa experiência. Vivenciado no corpo, na mente, nos afetos, nas relações sociais, o crack alçou à condição de grande estigmatizador de nossos tempos. Ambíguo, como todas as suas manifestações, parece provocar repúdio e atração a uma sociedade igualmente ambígua quanto aos seus valores. Desafio àqueles que pretendem confrontá-lo, parece confundir o aparato sanitário que tem se mostrado eficaz no tratamento de outras drogas. O espírito inventivo humano que encontra brechas nesse panorama desesperador, no tratamento, na família e na ressignificação radical da compreensão de si mesmo e de sua história, lançam raios de esperança que iluminam os projetos de vida e de recuperação que humildemente apontam para o futuro.

O caminho das pedras

Depois de analisar cada Unidade de Significado encontradas nos relatos dos usuários de crack que contribuíram com a pesquisa, temos um panorama de suas experiências diante da dependência. A trajetória percorrida por eles retrata de uma forma bem singular suas histórias. Por mais que se tenha encontrado uma repetição de significados diante do crack, cada usuário trouxe sua experiência de forma singular. Algumas Unidades de Significado tinham mais valor e emoção do que outras, dependendo da experiência vivida de cada um. O fato de todos estarem em tratamento contribuiu para que encontrássemos uma trajetória semelhante, apesar das singularidades. Se este estudo tivesse atingido usuários de crack em outra situação, diferente do contexto de tratamento, talvez outras Unidades aparecessem nas experiências vividas. Outros contextos seriam relatados outras formas de consumo poderiam aparecer.

Malheiros (2010), Oliveira e Nappo (2008) apontam, em seus estudos, um tipo de usuário de crack que não encontrei em minha pesquisa. O usuário de crack não compulsivo, que vem utilizando essa substância há alguns anos sem a quebra de vínculos importantes em sua vida. Usuários que conseguem controlar o uso, utilizando diversas estratégias de proteção, dependendo do contexto em que está inserido esse consumo.

A experiência de ser dependente é algo que marca a vida das pessoas que usam crack e o consomem de forma compulsiva. Estar dependente do crack traz implicações graves na vida de cada um. A forma como o corpo começa a pedir a droga nos mostra como é difícil dizer não diante da decisão de usar o crack. A dependência tira a liberdade desses usuários que vivem quase que exclusivamente para o consumo da pedra.

Ser dependente, para os entrevistados é viver em torno da pedra. Outras atividades em suas vidas são quase inexistentes. É passar a sentir muito mais os efeitos negativos em detrimento da busca pelo prazer. A paranoia, a angústia, a fissura, a compulsão passam a fazer parte da vida de cada um. Nappo (1996) caracteriza o estilo de vida resultante do consumo de crack através do isolamento social, egoísmo e paranoia devido à desconfiança que passaram a ter de serem roubados ou descobertos pela polícia. Usar o crack é estar muito próximo da morte, seja por overdose ou por algum outro motivo externo a esse

consumo, como homicídios e acidentes e, mesmo assim, não conseguir parar de usar. Estar dependente do crack é desesperador diante da impotência de não mais poder escolher entre a pedra e a vida social, produtiva e/ou familiar.

Cada um em sua história encontrou o crack pela primeira vez por motivos diversos, porém o que mais marca esse início é a influência dos amigos e a curiosidade. Não foi pela busca de minimizar dores, vazios ou problemas. A pedra estava ali, num ambiente favorável, junto com amigos. Qualquer droga teria sido experimentada nesse contexto. O fato de ser uma droga, de tirá-los do estado de consciência, de dar prazer levou esses usuários a consumirem pela primeira vez. Era droga “estavam dentro”!

Depois desse primeiro contato de cada um, o crack passa a ter um significado diferente na vida desses usuários. Os sentidos são diversos de acordo com suas experiências. Porém, quando trazidos para o simbólico e para o concreto, percebemos uma analogia grande ao orgasmo ou a qualquer coisa que traga muito prazer.

Esse prazer intenso e imediato leva à repetição do consumo até à compulsão e à fissura, o que impede o usuário de escolher entre o consumir ou não esta substância, tornando-se, assim, dependente. O uso diário passa a fazer parte da rotina de cada um e o cotidiano gira em torno do consumo ou de como conseguir dinheiro para esse consumo. Na metodologia utilizada nesse estudo, não foi possível mensurar em quanto tempo os usuários passaram a fazer um uso compulsivo do crack ou até mesmo se chegam a essa compulsão. Não houve essa descrição em suas experiências, não se tornando, assim, uma Unidade de Significado. Acredito que esse dado seja importante para futuras pesquisas nesse campo de atuação, uma vez que, políticas públicas, também, precisam ser pautadas a partir dos tipos de usuários que encontramos. A existência do controle do uso de crack poderá servir como importante estratégia de intervenção, principalmente no que se refere à redução de Danos, apontando a necessidade de aprofundamento nessa área.

Quando tentam descrever as sensações que o crack traz, um misto de prazer e angústia é descrito por quase todos os usuários. É muito claro que, no início, o consumo do

crack traz um prazer intenso, mas no decorrer desse consumo o prazer vai sendo substituído por efeitos negativos como a paranoia, a angústia e a depressão. Para Nappo (1996) e Oliveira (2007), os usuários de crack descreveram que a sensação de prazer era tão grande que predominavam sobre os efeitos negativos. Com o tempo, porém, esses efeitos agradáveis foram substituídos pelos negativos principalmente a “fissura” e paranoia.

Para os usuários, esses efeitos negativos trazem um sofrimento muito intenso acrescido das perdas diante da dependência. Essas perdas vão desde objetos pessoais e de valor até o afastamento da sociedade e isolamento para o uso. A família, os amigos, suas relações amorosas não suportam a rotina compulsiva dos usuários de crack e vão, gradativamente, se afastando. O respeito, a confiança, a credibilidade são valores que também vão se perdendo diante da dependência. As relações profissionais também não conseguem se sustentar. Responsabilidades e o uso compulsivo do crack não conseguem caminhar juntos e a opção pelo consumo sempre prevalece. Nos resultados conclusivos de sua pesquisa, Nappo (1996) identifica que os usuários de crack apresentavam ruptura com o trabalho, escola e relacionamento afetivo, o que confirma esse isolamento, descritos pelos usuários entrevistados em minha pesquisa.

Ter a consciência de todas essas perdas e ainda assim não conseguir controlar o uso do crack é um fato que traz uma sensação de culpa muito grande para os seus usuários. Todos os entrevistados estavam em tratamento e tiveram esse sentimento de culpa por não conseguir controlar o uso. As recaídas são sentidas com muito sofrimento e o fracasso acompanha esses usuários por um longo caminho.

Por mais que tentem, a fissura intensa e a compulsão levam ao uso do crack. Os usuários se sentem impotentes diante das recaídas e sempre registram que estão decepcionando as pessoas que acreditam no sucesso de seu tratamento. Pensar em seus familiares e como a dependência afeta o convívio e a rotina de suas famílias levou vários usuários a procurarem o tratamento.

Assim, a família aparece como principal motivação para a procura de um tratamento. Essa alavanca impulsionadora aparece de forma bem presente na experiência dos usuários entrevistados. Perceber o sofrimento da família, principalmente da figura materna, é uma realidade que fez vários usuários tentarem dar um ponto final na história de dependência do crack.

Outro fator importante na vida desses usuários diante do consumo do crack é o inevitável envolvimento com o crime e a violência. Por não conseguir controlar o uso intenso, passam a fazer coisas inimagináveis. Pequenos furtos, roubos, envolvimento com o tráfico passam a fazer parte de suas vidas. Essas atitudes vão de encontro aos seus valores, também causando grande sofrimento. Para Oliveira e Nappo (2008), sob efeito de fissura e com fins de continuar o uso, é comum que os usuários de crack se dediquem a realização de atividades ilícitas de rápido retorno financeiro, gerando, além de significativo comprometimento moral e social, enorme risco à vida do usuário

Em vários momentos passam por situações bem vulneráveis e suas vidas ficam por um fio diante de tantos riscos. A vida passa a não ter muito valor durante a compulsão e esses usuários não conseguem avaliar os riscos a que estão submetidos quando usam o crack ou quando estão agindo de alguma forma para conseguir a pedra. As consequências dessas atitudes aparecem com a crescente morte dos usuários de crack por fatores externos, principalmente o homicídio, como mostra a pesquisa feita por Duailibi, L.B.; Ribeiro, M.; Laranjeira, R.(2008) já anteriormente citada neste trabalho.

Diante de tanta complexidade desse novo fenômeno – a dependência do crack – ainda percebo, a partir das experiências dos usuários, dificuldades e sucessos nas instituições que se propõem a oferecer tratamento para a dependência do crack.

Dentre as dificuldades, aparece o tempo insuficiente de tratamento diante de tanta fissura. Alguns usuários mencionam a necessidade de mais tempo, dentro da instituição, para poderem vencerem a compulsão pelo crack. Um usuário relata que um tratamento desenvolvido apenas através da fala não é suficiente para suas necessidades. Ressalta a

importância de atividades que ocupem suas mentes. Os grupos terapêuticos são ferramentas importantes no tratamento da dependência química, mas acredito, a partir da fala desse usuário, que outras atividades mais dinâmicas, criativas e prazerosas talvez contribuam melhor para o sucesso do tratamento de alguns usuários.

No que se refere aos sucessos diante do tratamento, alguns usuários falam que precisam de um espaço para refletir sobre si mesmo e sobre tudo o que fizeram até hoje, na vida, diante da dependência. Esse espaço necessita de uma escuta qualificada e cuidadosa para acolher as angústias pertinentes desse momento. Algumas instituições pesquisadas conseguiram, segundo a experiência de alguns usuários, possibilitar esse processo, o que foi muito positivo no tratamento de alguns deles.

Não há necessidade de um espaço exclusivo para o tratamento do crack, segundo alguns usuários. A problemática da dependência pode ser trabalhada como um todo, desde que as especificidades do crack sejam percebidas pela equipe técnica. Toda dependência causa danos, muitas vezes, irreparáveis para os usuários e familiares. O que se precisa é compreender como cada substância afeta a vida de cada um. A compulsão do crack precisa ser estudada e estratégias de proteção precisam ser pensadas para o verdadeiro sucesso diante dessa dependência.

O estigma e o descontrole trazidos pela pedra é bem característico e precisa ser trabalhado da melhor forma possível. Viver o mundo do crack é viver preconceitos, humilhações e discriminações, segundo a experiência de vários usuários entrevistados. As pessoas tratam o usuário de crack de forma diferente. A exclusão, a marginalidade e até mesmo a gozação são inevitáveis, segundo a vivência deles. O cotidiano do usuário de crack o afasta das pessoas e o coloca num lugar marginalizado, causando-lhe muito sofrimento.

Não existe controle, mesmo consciente de toda essa problemática. A descrição desse descontrole é contada de forma bem dramática pelos usuários entrevistados. Não

existe escolha, só o uso compulsivo. Alguns dizem que preferem morrer, desde que de forma prazerosa.

Considerações finais

Acredito que as pesquisas relacionadas ao consumo de crack no Brasil ainda são insuficientes, para que políticas públicas de atenção aos seus usuários possam ser pensadas e elaboradas, no intuito de atender a todas as particularidades relacionadas à prevenção e tratamento dessa substância. Por outro lado, acredito que, nos últimos vinte anos, observa-se uma produção crescente de conhecimento acerca do tema, o que nos mostra uma grande preocupação científica diante da complexidade dessa problemática.

A realização dessa pesquisa teve como objetivo compreender o fenômeno de consumo do crack, para que novas intervenções possam ser repensadas a partir das experiências dos usuários aqui entrevistados. Não houve, porém, nenhuma intenção de que essas experiências pudessem ser generalizadas; contudo, acredito que a singularidade possa relacionar-se com outros envolvidos na mesma problemática. Assim, compreendo que a experiência desses usuários, ainda que singular, possa produzir ressonância para profissionais que atuam nessa área.

Grandes desafios estão postos para as equipes que trabalham no tratamento dos usuários de crack. Torna-se fundamental uma reflexão contínua sobre essa prática, para que ela não se torne automatizada e massificante. A singularidade precisa ser percebida a cada intervenção. Esse é um desafio a ser enfrentado por todos que trabalham com usuários de drogas, principalmente, o crack, no sentido de garantir a esses um cuidado adequado para suas demandas.

Ainda refletindo sobre os desafios postos às equipes, percebi, diante de algumas falas dos usuários entrevistados, a necessidade de repensar as práticas utilizadas dentro das instituições. Acredito que novas práticas psicológicas precisam começar a serem desenvolvidas em espaços de tratamento para acolher, de forma eficaz, as demandas dos usuários de crack. Assim, o plantão psicológico minimizaria, um pouco, as angústias verbalizadas, e as consultas terapêuticas dentro dos serviços ajudaria nos processos de autoconhecimento e reflexão, tão exitosos na fala de alguns usuários.

Ao longo desse caminho, fui me fascinando pela experiência de cada pedra preciosa da qual tive a oportunidade de escutar diversos sentimentos. Aprendi que a complexidade vivenciada pelos usuários de crack é algo desesperador. Seus depoimentos, no decorrer de toda a coleta de dados, foram de muito sofrimento e que novas intervenções precisam ser pensadas, não só no tratamento, mas também, na área da prevenção. Várias são as implicações no âmbito pessoal, afetivo e profissional, que acabam por marginalizar uma grande parcela desses usuários. Suas perdas não são só de ordem material. São perdas afetivas e de valores fundamentais na vida de cada um.

Acredito que novas pesquisas qualitativas, que objetivem uma melhor compreensão desses usuários, devam ser desenvolvidas. É preciso compreender a experiência, não só de usuários em tratamento, mas também de usuários que fazem diferentes usos do crack além do uso compulsivo. Assim, políticas públicas podem ser repensadas para os diferentes tipos de usuários dessa droga.

Finalmente, por meio dessa cartografia, finalizo este trabalho, com a certeza de que pude contribuir um pouco, de forma singular, na compreensão dos usuários de crack diante da experiência vivida por eles frente as suas trajetórias de vida diante dessa pedra.

Referências

- Almeida, C. R. S. (1999). *Drogas: uma abordagem educacional*. São Paulo: Olho d'Água.
- Amatuzzi, M.M. (2001). *Por uma psicologia humana*. Campinas: editora Alínea
- Brasil, Ministério da Saúde. (2004). Secretaria de Atenção à Saúde. *Política de Atenção Integral ao Usuário de Álcool e Outras Drogas*, Brasília.
- Bruns, M.A. de T. (2003). *A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar impasses da dicotomia subjetividade-objetividade*. In: Bruns, M.A.De T. e Holanda, A.F. (ORG) *Psicologia e Fenomenologia: reflexões e perspectivas*. Campinas: Editora Alínea
- Bucher, R. e Lucchini, R. (1992). *Drogas e Drogadição no Brasil*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Carlini, E.A.; Galduróz, J.C.F.; Noto, A.R.; Nappo, S.A. (2002). *I Levantamento domiciliar sobre uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país*. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações Sobre drogas Psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo.
- Carlini, E.A.; Galduróz, J.C.F.; Noto, A.R.; Nappo, S.A. (2006). *II Levantamento domiciliar sobre uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país*. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informações Sobre drogas Psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo.
- Carneiro, H. (2005). *Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas: histórias e curiosidades sobre as mais variadas drogas e bebidas*. Rio de Janeiro, Elsevier.
- Dencker, A.F.M. (2001). *Pesquisa empírica em ciências humanas (como ênfase em comunicação)*. São Paulo: Futura.

- Díaz, A.F. (1998). *Hoja, pasta, polvo y roca: el consumo de los derivados de la coca*. Bellaterra (Barcelona): Universitat Autònoma de Bcelona (Servei de Publicaciones).
- Domanico, A.(2006). “*Craqueiros e cracados: bem vindo ao mundo dos nóias!*” *Estudo sobre a implementação de estratégias de redução de danos para usuários de crack nos cinco projetos-piloto do Brasil*. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Salvador.
- Duailibi, L.B.; Ribeiro, M.; Laranjeira, R. *Perfil dos usuários de cocaína e crack no Brasil*. Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas (UNIAD) – Depto de Psiquiatria – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) <Boletim eletrônico ABEAD 41ª edição 2008
- Duailibi, L.B.; Ribeiro, M.; Laranjeira, R.(2008) Profile of cocaine and crack users in Brazil. *Cad. Saúde Pública* [online]. Vol. 24, suppl.4. 545-557. São paulo
- Escohotado, A. (1994). *Las Drogas. De los orígenes a la prohibición*. Madri, Alianza Editorial.
- Ferreira, P. E. M. e Martini, R.K. (2001). Cocaína: lendas, história e abuso. *Revista Brasileira de Psiquiatria*.vol.23.nº 2. 96-99. São Paulo.
- Forghieri, Y.C. (2002). *Psicologia Fenomenológica – fundamentos, método e pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2ª Edição
- Galduróz, J.C.F.; Noto, A.R.; Nappo, S.A., Carlini E.A. (2000). *I Levantamento domiciliar nacional sobre uso de drogas psicotrópicas – parte A: estudo envolvendo as 24 maiores cidades do estado de São Paulo*. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informações Sobre drogas Psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo.

- Giorgi, A. (1985). *Sketch of psychological methodology*. Phenomenology and psychological Research 8-22 Pittsburg: Duquesne University Press.
- Giorgi, A. (2008) *Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação*. In: Poupart, J.; Deslauriers, J.P.; Groulx, L.H.; Laperrière, A.; Mayer, R.; Pires, A.P. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Editora Vozes. 386-409. Petrópolis, Rio de Janeiro.
- Holanda, A.F. (2002). *O resgate da fenomenologia de Husserl e a pesquisa em psicologia*. Tese de Doutorado. PUC – Campinas.
- La Parra, H.S. (1989). *La maldición blanca: el papel de España em el tráfico de cocaína*. Madrid: Ediciones El País.
- Malheiro, L.S.B. (2010). *“Entre Sacizeiro, Usuário e Patrão”*: um estudo etnográfico sobre consumidores de crack no Centro Histórico de Salvador. (dissertação de mestrado). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia e Etnologia.
- Moreira, D.A. (2004). *O Método Fenomenológico na Pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning.
- Nappo, S.A. (1996). *“Baquêros” e “Craquêros: um estudo sobre o consumo de cocaína na cidade de São Paulo*. Tese (doutorado). Universidade Federal de Saõ Paulo. Escola Paulista de Medicina.
- Noto, A.R.; Galduróz, J.C.F.; Nappo, A.S.; Fonseca, A.M.; Carlini, C.M.A.; Moura, Y.G.; Carlini, E.A.(2003) *V Levantamento nacional sobre uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais brasileiras*. São Paulo: CEBRID -

Centro Brasileiro de Informações Sobre drogas Psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo.

Oliveira, L. R. (2007). *Avaliação da cultura do uso de crack após uma década de introdução da droga na cidade de São Paulo*. (tese doutorado). Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina. Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia.

Oliveira, L.R. e Nappo, A.S. (2008). Crack na Cidade de São Paulo: acessibilidade, estratégias de mercado e formas de uso. *Rev. Psiquiat. Clín.* Vol.35 nº6.212-218. São Paulo.

Oliveira, L.R. e Nappo, A.S. (2008). Caracterização da cultura de crack na cidade de São Paulo: padrão de uso controlado. *Rev. Saúde Pública.* Vol.42 nº4. 664-671. São Paulo.

Palmiere, T.H. (2005). *Plantão Psicológico em Hospital Geral: um Estudo Fenomenológico*. PUC Campinas: Dissertação de Mestrado.

Sanchez, Z.V.D.M e Nappo, A.S. (2002). *Sequencia de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes*. *Rev. Saúde Pública.* Vol.36 nº4. 420-430. São Paulo.

Simões, J.A. (2008). Prefácio. In: *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador, EDUFBA.

Turato, E.R. (2003) *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Rio de Janeiro: Vozes.

Anexos

Ágata, 34 anos**Renata: Ágata me fala da tua experiência com o crack.**

Ágata: Só atraso, só atraso, perdi trabalho, mulher, filho. Só dando fim as coisas. Usava maconha, depois passei a usar o crack, aí pronto, passei a faltar no trabalho. Quando eu recebia eu não ia, faltava uma semana, aluguel da casa atrasando, mulher falando que ia me largar e eu nem aí. Pronto, a mulher me deixou a mais de cinco anos, porque eu uso o crack já tem muito mais de 8, faz uns 10 anos. A mulher não suportou mais e me deixou. Eu comecei a usar o crack porque a turma falou que era bom, eu vi a turma usando, mas eu não usava não, eu só tomava minha cerveja lá tranquilo. A turma: pô vamos usar o cachimbo, bota na maconha é bom, aí fizeram lá e eu fui fumar. Eu só sei que eu fumava maconha, eu fumei, fumei, aí eu deixei, eu fumava a maconha e deixei de fumar ela, só no cachimbo. Fumei ela na maconha depois fumei ela só. Foi assim que eu comecei a fumar a maconha, fumar o crack, fumei ela na maconha depois passei a usar ela só. Deixei de beber por causa dela, deixei de usar a maconha por causa dela, só pra estar com a mente só usando ela. Eu achei gostoso, não vou mentir pra senhora, eu achei gostoso, achei gostoso e fui fumando, comecei a fumar achando que não ia me viciar, só de mês e mês, mas foi engano, não estava só sendo de mês em mês, quando o pagamento não saía, eu pedia o vale ou senão chegava em casa e dava fim na televisão, na geladeira, eu cheguei a dar fim em casa, tudo da mulher. Aí foi assim, eu gostei e fiquei usando, gostei e fiquei usando ela e pronto. Eu adoro a sensação, acho que deixa o cara nervoso, querendo mais. É gostoso, sei lá, não sei nem como dizer pra senhora, mas era bom fumar ele. Deixei de fumar e beber por causa dele, o problema, de uma certa forma, porque se eu pegasse cinco reais eu não comprava a maconha eu tentava batalhar mais cinco pra poder fazer a íntera pra comprar, pra poder fumar. Se brincar, tem mais de 10 anos que eu fumo o crack, eu acho que tem mais. Nem lembro a idade certa que eu comecei a fumar. O tratamento está sendo bom doutora, tão me ajudando muito. Antes deu vim pra cá ...porque foi assim, a mulher me deixou, perdi o trabalho, mas fiquei com ela entendeu? Mas depois ela se entronchou e foi embora, aí eu não ia ficar na casa só e o aluguel atrasando, aí peguei e fui morar com a minha mãe e o resto das coisas que tinha ela levou. Fiquei morando com a minha mãe: “mas Ágata tu não vai fazer mais isso”. E eu dizendo que não vou porque a senhora sabe...dizendo que não vou fazer mais isso. Aí pronto eu comecei a fazer dentro de casa vendia as coisas da minha mãe, aí pronto ela me botou pra fora, quando eu vim pra aqui eu estava na rua, procurei sozinho isso aqui, encontrei. Aí hoje em dia eu venho pra cá mandando ela vim conhecer coisa e tal, me ajudou, os comprimidos que me dão a mais de 15 dias quase um mês sem usar. Voltei a morar em casa, só o meu pai que ainda não está falando comigo, faz uns 3 ou 4 anos que não está falando comigo. E tem os dois por causa disso, me botou pra fora, minha mãe chorou, estou com saudade de você tudo, me chamando de marido por você , quem dá de comer a ele sou eu não é você ... você quem dá de comer a você sou eu não é ele. Aí eu peguei e saí de casa, já tinha uns 15 dias que eu estava na rua e estão me ajudando, me chamou... não veio com os problemas todos, minha avó estava doente, mas

da outra vez veio tomou o remédio em mim, estou tomando tudo certinho, está me ajudando, o CAPS está me ajudando. Tenho nada de reclamar não. Se precisa de alguma coisa a mais eu não sei não, acho que está de bom tamanho. Eu me afastei das pessoas, me afastei das pessoas, não tenho amigo, amigo decente, entendeu, não tenho amigo decente, o meu pai não fala comigo, a mulher foi embora, meu pai ... só a minha mãe que vem lutando um pouco ou muito comigo, nem minha avó me quer na casa dela. Minha vó mora, eu não sei onde ela mora por causa disso. E pronto minha relação em relação ao crack foi isso aí. Pra mim importante, deixá-lo, controlá-lo, fazer alguma coisa porque do jeito que está não pode ficar não doutora. Tenho 34 anos, tem que mudar, não é verdade?

Água Marinha, 32 anos

Renata: Água Marinha me fala da tua experiência com o crack

Água Marinha: A minha experiência foi aos 13 anos de idade. Bem dizer, ainda não existia o crack eu ia buscar o pó, a cocaína lá na João de Barros e chegava em casa eu fazia ele. Ainda não era liberado aqui, não existia a pedra própria para o consumo. Eu fazia em casa, quando chegava em casa eu misturava eles a outros produtos e fazia a pedra. A minha dependência começou também no... eu estudava... eu e minha irmã nós somos filhos... não temos pai, fomos criados pela nossa mãe e a gente estudava no colégio público e nisso ela veio fazer um trabalho, aqui mesmo, aqui na frente que tem a biblioteca e ela me chamou pra eu vim. Eu disse a ela que não queria vim porque eu estava esperando uma pessoa que era uma namoradina da época minha e que ela viesse na frente e ficasse esperando que depois eu vinha buscar ela pra levar até em casa. Nesse acontecimento, nesse tempo, quando eu cheguei aqui tinha um rapaz que tinha iludido ela e levado ela pra beira da maré e chegou a estuprar ela. Eu cheguei a tempo de ver ele em cima dela, ela já fora de si, desmaiada e ele estava com uma arma. Na época era um 32, um negócio assim. Nisso, eu fiquei muito alterado, nós.. me enrolei com ele, tomei a arma dele, apesar dele ser mais alto que eu e maior, mais forte, tomei e disparei os tiros nele. Nisso eu fui para cadeia. Primeiro eu passei pela DPCA, depois que eu fiquei maior de idade eu fui pro Aníbal Bruno. E eu já tinha essa experiência daqui de casa, uns amigos que usavam muita droga, maconha e essas outras coisas e lá eu aprendi a transformar ela, transformar ela e passar de um presídio, de um pavilhão para o outro. Porque lá era obrigatório, porque eu era novato tinha que fazer coisas que eles queriam e eu não queria ser mantido como uma pessoa que fosse a menos do que eles, apesar de ser novato lá a lei é que as pessoas de sela mais velhas, elas é quem mandam. Por eu ter uma família pobre, quer dizer, eles conseguiram me botar em reclusão, ficar preso por esse tempo. Vai fazer 3 anos que eu estou solto e nisso botaram outras coisas também em cima de mim, que a minha própria família sempre humilde, trabalhadora ai não tinha condições de ter advogado. E então lá eu comecei a usar droga, toda vez que eu fazia o cheiro era muito forte, eu fazia 7, 8 quilos, já era muita coisa e nisso eu me viciiei. Me viciiei e o corpo começou a pedir a droga. Quando eu saí de lá mesmo eu comecei a trabalhar como, eu sou pintor de automóvel, comecei a trabalhar com pintura, mas todo dia tinha que ter a minha pedra por que eu não conseguia dormir, eu não conseguia comer se eu não tivesse usado ela pelo menos uma vez ao dia é... o corpo pedia, o corpo já estava pedindo aquela pedra. Tinha vez que eu sentia muita tontura, tinha alucinações, derivado também das coisas que eu passei lá no presídio, eu achei a droga um... como uma libertação, eu estava usando ela pra me libertar dos meus problemas. Até o ponto que eu vi que tudo que eu trabalhava, todo o meu dinheiro era estragado, era perdido. Porque eu trabalhava, se eu ganhasse dois salários eu chegava em casa com 50 reais porque ia tudo pra droga. E eu resolvi me tratar, me curar depois eu soube por uma prima minha que fez tratamento aqui conseguiu e aqui o pessoal trata a pessoa muito bem como eu tenho a certeza do que eu estou fazendo, aqui eu sou tratado bem, tem o acompanhamento das TR

também que estão me acompanhando e estou melhor. Vai fazer 11..., vai fazer um mês e onze dias que eu não estou usando essa droga e eu quero permanecer assim. Tem mais coisas pra falar só que o tempo é que, não pode ser ... o horário também. Bem...e nisso eu conheci muitas pessoas aí depois que eu saí, que eles pegam a pasta da coca e sabem que eu sou uma pessoa que viro, hoje em dia fica mais fácil pra mim pegar essa droga em qualquer canto aqui na esquina onde eu moro, porque eles, toda vez que eles têm a pasta base eles me chamam pra ser o químico, pra transformar ela porque eu sou uma pessoa que manipulo ela, transformo a cocaína no crack, transformo ela em pó e tem outro estilo também que eu tiro o álcool de frutas, de arroz ai eles sabendo disso eles usam, eles me chamam ,eles pagam, agora estão me pagando pra que eu faça isso. Depois que eu usava o crack eu me sentia, depois que eu usava o crack eu me sentia uma pessoa intocável, eu me escondia, o povo não me via, me sentia invisível para o mundo depois que eu usava ele eu me sentia mais forte, mais animado, como é que eu podia dizer. A adrenalina era tanta que era um desejo de não parar mais, de morrer, se a pessoa morre ali se tiver, vamos dizer um quilo ele fuma aquilo tudo. Porque a sensação do crack é como se fosse... a pessoa tivesse fazendo sexo e tivesse vários prazeres juntos é como se diz um atrás do outro. E eu procurei o crack já por isso na minha solidão também , depois que eu sai passei por vários problemas psicológicos e eu via aquilo ali toda vez que eu usava eu me sentia mais a vontade, me sentia mais solto, me sentia mais é... eu não era uma pessoa de estar muito, como é que se diz, envolvido em turma. Eu me soltava mais quando eu usava o crack. A primeira vez que eu usei foi pra provar, pra saber, outras pessoas diziam a mim que, meu chefe mesmo já pegava esse pó e fazia a pedra e ele dizia que era uma sensação boa. Aí por curiosidade, eu disse a mim mesmo, rapaz eu vou usar pra saber como é, mas não vou me viciar, eu dizia a mim mesmo, tu é forte que eu nunca ia me viciar. Usei a primeira vez, não senti nada, a segunda vez também nada a quando foi a terceira vez eu não estava sentindo nada nem os braços, nem as pernas, nem a cabeça, não sentia nada, entendeu (risos) foi tomando o corpo. Eu gostei, comecei a gostar ai... mas só que começou a me prejudicar. Dentro da minha casa eu tenho uma filha de 11 anos que ela nem sabe nem que eu uso a tanto tempo isso, a gente evita comentários. Eu disse a ela que estava fazendo tratamento sobre o álcool, mas a minha mãe ela sabe, tanto é que ela está fazendo tabagismo aqui também e o povo da minha área, da minha família passou a me dá mais crédito, me dá mais valor vendo que eu estou correndo atrás da minha melhora, quer dizer isso não tem cura, mas pela força de vontade tem um jeito da gente parar, estacionar o vício. E é isso. Eu tenho muitas coisas a dizer, mas só que as vezes quando a pessoa quer falar foge a mente. Eu acho importante que a pessoa que é dependente dessa química, eu acho que ela pode ser, como é que se diz, pode ser transformada, ser... muitas das médicas aqui, as TRs dizem que ela não tem cura, mas há o estacionamento dela. E eu estou vendo que por mim, já vai faze 1 mês e 11 dias e eu quero chegar sempre assim, sempre na abstinência. Eu acho que a pessoa com força de vontade consegue. Tem que ter muita força de vontade, agora sozinho a pessoa não consegue não. A pessoa em casa não consegue de jeito nenhum. A pessoa tem que ter uma assistência, tem que ter os médicos com você, ali do seu lado para as horas ruins, as horas

boas também. Estar ali do lado pra que você consiga, você tem que ter o apoio de alguém, de alguma coisa. É isso que eu queria dizer. Eu acho que consegui por causa desse tratamento. Eu acho que foi uma benção a minha prima ter dito a mim que passou por aqui e segurou. Hoje em dia ela é evangélica tem dois filhos e está vivendo bem em São Paulo. Quer dizer, por mim também, mas mais por ela. Ela começou a conversar comigo, disse que se curou dessa droga e que também eu quis me curar. O tratamento aqui, eles são os especialistas, eles se empenham a fazer você parar de usar a droga quer dizer eles estão mais como conselheiros também, que aqui você tem um aconselhamento bom, adequado e é o melhor tratamento que eu já vi aqui, por que eu já passei, eu fui convidado, me fizeram o convite pra ir pro SARAVIDA e outros tratamentos. Lá, já passei e vi como é o sistema lá ai eu acho que aqui, o CAPS, eles são mais, como é que se diz, mais sérios. Eles insistem para que você continue, para que você não desista e encontre um meio de você se manter ali bem. Eu achei muito bom e a forma do tratamento é ótima porque eles não falam só do crack, falam do álcool, falam que uma droga puxa a outra, como é verdade. E eu estou tentando me manter assim abstinente até... Continuo manipulando a coca e o crack, não faço uso. Eu fazia mais uso porque antes eu sentia o cheiro. Hoje em dia aqui fora eu tenho máscara de pintura, eu sou pintor de automóvel eu utilizo mais ela para não sentir muito o cheiro, porque o cheiro é o que vicia mais. Muita gente diz que o que vicia é quando você dá o primeiro trago, mas não é não, é você estar sentindo aquele cheiro direto como eu sentia o corpo foi se acostumando tanto que aquele cheiro, tinha vez que quando eu estava dormindo a noite eu sentia aquele cheiro, não conseguia dormir ficava sentindo aquele cheiro na noite o cheiro do crack. Muitos dizem ai, feito muita gente diz, eles, uns amigos meus dizem que foi eu quem comecei isso. Foi tu que fizesse, foi tu que começou. Mas só que existia já em São Paulo, não existia aqui. Os grandões, os ricos já faziam uso dele só que... acho que eu também tenho várias culpas aqui, muitas coisas fui eu que... manipulei aqui. Eu quero me libertar, pedi perdão a Deus pelo que eu fiz. Eu fiz muita coisa errada. Estou tentando me curar pra levar ao mundo que a pessoa pode ser curado.

Ametista, 37 anos**Renata: Ametista me fala um pouco da tua experiência com o crack**

Ametista: Eu conheci o crack quando eu ia pra uma confraternização toda quarta-feira com os amigos em Aldeia, jogar futebol e tinha sempre o ritual: o pessoal bebia, cheirava lança, fumava maconha, tinha o uso de drogas até que apareceu o crack. E ai eu experimentei sem saber na maconha, senti uma sensação diferente, uma euforia e gostei do primeiro momento do efeito, perguntei o que era e me disseram. Então a gente começou a fazer uma cota e ai esse pessoal trouxe. No começo esse pessoal era de baixa renda, nós éramos pessoas de classe média alta e pra completar a pelada lá, o futebol levava sempre pessoas da periferia, do subúrbio que terminou introduzindo o crack lá na pelada. Isso mais dois, três amigos meus começamos a gostar e ai a gente começou a dar dinheiro e toda quarta-feira começou a gente usar misturado com a maconha porque na época eu só usava maconha, bebia e usava maconha. Então toda quarta-feira foi e ai começou o aumento sem a gente notar, começou a dar dez reais, cada um dava dez, trazia, depois cada um dava vinte, depois cada um começou a trazer... a dar os vinte pra vim o seu em vez de fazer coletivo o uso e foi usando de quarta-feira em quarta-feira, depois de três, quatro meses comecei a usar quarta-feira e sexta-feira, depois fui usando quarta-feira e final de semana até que começou a usar um dia sim e um dia não porque nessa época eu trabalhava 12 por 36, trabalhava 12 horas e folgava 36 então eu trabalhava 12 e as 36 horas eu usava pra comprar a droga e usar. Descansava e ia trabalhar as 12 horas e aí depois de um certo tempo, eu não sei frisar quanto tempo mais ou menos, como eu segurei por um bom tempo, mas foi degradando assim a aparência, minha convivência afetiva foi ficando complicada, social, tudo foi começando a complicar e ai eu comecei... a auto estima foi baixando, comecei a ficar relapso na aparência, em tudo e ai comecei a... acho que ali começou a entrar a dependência com o crack, muito rápido mesmo, isso em torno de 5, 6 meses e ai comecei a todo dia ter que usar, fazer o uso do crack. Então eu saia do trabalho e ia direto pra favela e na favela comprava maconha, comprava o crack já ia pra casa e já fazia uso durante a madrugada toda, no outro dia eu tinha como descansar porque eu trabalhava 12 por 36 horas e descansava e ia trabalhar. Ai começou a complicar no trabalho também, eu comecei a usar no carro do trabalho, a ir comprar e usar no carro do trabalho, inclusive carro com logotipo da empresa. Eu comecei usando o crack com a maconha durante uns 6 a 8 meses depois eu descobri ele puro, com as cinzas na lata e por ultimo eu descobri no cachimbo que cada vez ele se torna mais forte pela quantidade de fumaça que você consegue absorver de cada tragada que você dá, que chamam “o tiro”. E ai foi que eu comecei a viver pra o uso do crack, comecei a deixar tudo de lado: relacionamento que eu tinha de sete anos e meio, relacionamento estável, eu comecei a passar a viver... dormir de dia e viver a noite usando o crack até de madrugada, abandonei o emprego, cheguei a abandonar o emprego, cheguei a inventar furto de material do trabalho, na Kombi que eu trabalhava. Era uma Kombi que a gente trabalhava que tinha motorista tudinho, mandei o motorista ir embora, fiquei com a Kombi e no outro dia mandei o motorista ir embora e fiquei com o Gol que dirigiam pra

mim. Eu trabalhava numa empresa que eu tinha motorista e eu dispensava o motorista pra ficar com o carro, pra poder passar na boca, pegar a droga e usar no carro, até que quando acabava o dinheiro... é uma droga que trás uma paranoia muito grande eu tinha medo de sair, de ir em bando, tirar dinheiro, medo de assalto, medo de tiro, e o que é que eu fazia: ou eu empenhava alguma coisa ou então eu trocava alguma coisa e uma dessas coisas eu troquei pneu, troquei macaco, perdi relógio, perdi moto, perdi várias coisas, nunca cheguei a tirar de dentro de casa porque... não porque, porque não precisou, porque se precisasse faria. Porque a gente costuma dizer que a droga, a dependência química em si, é a droga do ainda não, do ainda não fiz, então eu ainda não fiz tirar alguma coisa de casa porque não tinha precisado, mas minha eu tirei quase tudo, inclusive de ficar quase nu. Sapato de 300, 400 reais eu trocava por uma pedra de 10, camisas caras, perfumes caros, tudo eu saia trocando a preço de nada. Isso sem falar nas insanidades de pegar taxi sem dinheiro pra pagar, ir na boca só com o dinheiro da pedra, comprar a pedra, voltar sem dinheiro pra pagar o taxi e fazer alguém da família pagar ou deixar o taxi esperando, ou dar um celular ao taxi, ou dar um filme, dar 3, 4 filmes pra dizer: ó amanhã tu vem pegar, tu trás o filme e vem pegar o dinheiro, sem contar as insanidades que eu fiz, foram muitas assim, então os prejuízos foram muitos, muitos. Prejuízo familiar, prejuízo social, prejuízo profissional, prejuízo material. Os prejuízos foram em todas as áreas da vida, o único prejuízo que eu não tive foi perder a vida, mas por pouco porque eu cheguei até a fazer uma carta mesmo de despedida. Achava que estava indo embora mesmo, que o fim da minha vida ia ser aquele ali e acabou. Ele lhe domina de uma forma que você mesmo sem querer fazer você faz, não eu não quero fazer, eu não quero, eu não quero, mas não adianta, parece que tem uma coisa te empurrando, não tem como você parar depois que começa pra parar é difícil. Em relação a sensação que o crack trás, eu costumo falar aqui que o primeiro que chamam de tiro pra mim é como se fosse um orgasmo, pra mim é comparável a um orgasmo não tem uma coisa assim que se compare não. Você dá o tiro e quando você solta em 5 segundos vem e é como se fosse um orgasmo, depois não, depois é mais pra tentar ir atrás daquele primeiro pega que você deu, do orgasmo vamos supor, e não consegue e você fica só mantendo, mantendo e procurando, mantendo e procurando, mantendo e procurando pela compulsão tanto da doença quanto da droga que ela é muito compulsiva. Eu acho que é a melhor comparação que eu posso fazer do que eu sinto é essa, não tem outra não. Em relação ao tratamento, eu não tenho uma opinião formada para avaliar, mas agora pegando assim eu creio que não deveria ser diferente do tratamento das outras drogas, assim... o NA chama defeito de caráter, acho que alguns pode ser pela criação que teve, comportamentos, alguns traumas, frustrações, medos, é uma fuga. Até porque cada pessoa o tratamento é diferente eu acho que é individual, assim não tem uma receita certa, eu não sei dizer, eu não sei lhe dizer se seria diferente. Eu sei que o crack ela é, ele vicia mais rápido, ele vicia muito mais rápido que qualquer droga, o dano dele é muito mais, é muito mais, assim... é muito mais danoso, então por isso eu acho que deveria ter uma diferença agora eu sei lhe dizer como. O que me oferecem no meu tratamento são as ferramentas pra que eu possa tentar me manter longe como qualquer droga, como qualquer dependente do primeiro uso,

porque como qualquer dependente se fizer o primeiro uso da droga ele vai voltar a usar porque ele sabe que não consegue, quem é dependente não consegue parar porque tem a reinstalação da doença. Agora com o crack é muito mais difícil, com o crack é muito mais difícil porque a ação dele é muito mais rápida e o efeito, o término do efeito dele é muito mais rápido, então você precisa de mais ainda, diferente de um baseado, de uma coisa, você pode ter até um tempo de pensar ou de ter uma ajuda. O crack não, ele é muito mais rápido. Mas o que me oferecem aqui eu creio que já dá pra ser, assim um... eu procuro buscar ajuda em várias coisas: em livros, em NA, onde tem. Toda ajuda é bem vinda, sozinho é muito difícil, sozinho não consegue, mas eu creio que é suficiente sim pra manter por um bom tempo abstinência, agora é complicado, é difícil, é difícil. Eu acho que pra pessoa usuário de crack se manter abstinência muito tempo eu acho que o combate tem que ser diretamente com o tráfico, diretamente no roteiro de onde vem o tráfico, de onde passa o tráfico diretamente no traficante. Eu acho que o usuário tem que ter o tratamento eu creio que em alguns casos tem que haver uma intervenção, mas eu acho que o melhor resultado é no voluntariado, é no voluntário, mas eu creio que se não tiver uma política, não só pública pra o usuário, pra dependência química mais voltada pra segurança mesmo, pra segurança pública, em termos do traficante, até uma mudança no código de lei, uma pena mais dura de tudo, eu acho muito difícil vencer o crack, muito difícil mesmo, muito difícil mesmo. A minha relação com as outras pessoas ficou complicada porque o preconceito é muito grande, mas eu já estou num estágio que eu não me importo mais com as outras pessoas não. Eu não peço nada a elas, minha importância é com as pessoas de minha família, de minha casa e principalmente comigo, não é com minha reputação, sabe, porque eu sei do meu caráter, eu sei que a doença faz você mudar, realmente, faz você fazer coisas insanas, mas muda muito. As pessoas lhe olham de lado, as pessoas têm um preconceito muito grande porque não conhecem a doença, acham que é safadeza, fica lhe desejando mal. Eu já escutei várias vezes isso. Depois vem aquela falsidade quando lhe vê bem: pô você é um vencedor, você é não sei o que, mas não sabe também que a linha pra cair é muito tênue, tanto é que não é a primeira vez que eu estou aqui e assim... hoje pra mim é indiferente. As pessoas que eu sei que eu posso contar pra mim é muito bom, é muito bom, mas hoje eu não ligo pra quem vira a cara ou quem fala mal, pra mim é indiferente porque eu sei, eu compreendo que a ignorância... eu sei que não é por mal, eu sei que é ignorância, não fico com nenhum ressentimento, não tenho rancor, não tenho raiva, não desejo mal, nem desejo que passem pelo que eu estou passando, mas geralmente, de vez em quando eu fico sabendo que tem um que está com o irmão assim, que está com um parente assim, mas também não me vanglorio pra dizer: agora ele vai ver o que é o sofrimento, agora ele vai ver o que é uma dependência, principalmente pelo crack, mas eu hoje... é assim, incomoda muito, é muito triste, é doloroso você sofrer o preconceito, você sofrer a exclusão que eles fazem, a marginalidade, até a gozação mesmo, as vezes, você tem que estar com a cabeça no lugar, tem que estar sereno, tem que estar limpo, tem que estar sereno pra poder não recair, não ir buscar a solução imediata que é o uso da droga, que é o pior que tem ou não revidar também, que não deixa de ser um comportamento negativo porque aqui a gente costuma

trabalhar como um espelho, se eu bato lá vai voltar pra mim porque a dependência é assim: se ele bate de lá eu tenho que jogar feito um frescobol: eu tenho que ajeitar a bola pra ele poder entender e tentar mandar a bola boa pra mim pra que eu possa mandar de volta. É o que a gente costuma comentar aqui e se eu for bater de frente e agredir só vai ser pior porque ele nem vai me entender nem eu vou entender ele e vai ser pior, então eu prefiro ou me calar ou então tentar explicar, se tiver aberto pra ouvir, não tenho nenhum problema de falar não. Até porque quando eu estava usando muitos souberam e ouve comentário no prédio, então hoje eu tenho vergonha de dizer que sou dependente, que tenho problemas com drogas, que não bebo, que não fumo e que agora tive uma recaída. Mas que pude rapidamente através do conhecimento da doença, das ferramentas que o RAID me deu eu pude pedir ajuda rápido, logo no começo, porque antes eu ficava um mês, dois, três até voltar com 12, 13, 14 quilos a menos do que estou. Cheguei a pesar 75 quilos e cheguei aqui com 58 e sem roupa nenhuma, com as roupas tudo caindo, acabado, então agora não, agora eu voltei. Foi uma recaída de bebida que abre a porta, abaixa o senso crítico, levou ao uso da maconha e da maconha fui pro crack, cocaína, crack e ai na terceira: não eu vou dar ai direto pro RAID porque eu sabia já pra onde ir porque é uma coisa que é progressiva, eu já sabia que ia só aumentar, aumentar, aumentar, então eu corri logo pro RAID pra poder... a abstinência eu acredito que tem que ser total. Em relação ao início do meu uso, eu tinha uma noção de como era o crack, não como agora, eu tinha um amigo que usava e que estava mal, mas não tinha assim, lance de roubo dentro de casa, não estava acabado, ele não estava dependendo, assim uma dependência muito... como é que posso dizer: num grau de dependência muito alto, mas já tinha uma noçãozinha de que o crack era, não era de se brincar, mas quando eu fumei, eu fumei sem saber, o cara botou e eu não soube, botou no baseado e a gente fumou e eu pensei que era como um *freebase*, como uma cocaína que é mais fraco, tudinho e fumei achando que era aquilo e não era. Depois é que eu fui saber que era crack, ai realmente, eu já tinha gostado do efeito e começou a sair, como eu já disse antes aquela cotinha de ir comprar e ai foi só aumentando, aumentando, aumentando. E assim não tinha a noção de que chegaria a esse ponto de jeito nenhum, até porque se eu tivesse noção eu teria interrompido ou então não teria usado. Teria algumas características no usuário de crack que eu vejo é que, geralmente, são pessoas que já passaram por outras drogas, começaram em outras drogas. Ela é uma doença, a dependência ela é bem democrática, é pra todo mundo, então assim... mas o que eu posso falar, geralmente, é na euforia ou na depressão que eu, geralmente, procuro o crack, geralmente é quando está desarrumado, ou quando eu estou com uma promoção no trabalho que ai vai aumentar, vamos supor: feito agora, no trabalho eu recebi uma proposta que ia aumentar, em vez de eu tomar conta de 40, 50, 60 funcionários ia passar pra 150, mas ia ser massa pra mim. Eu sei que eu ia dar conta porque ia ter pessoas me assessorando, ia aumentar o meu salário, o pessoal que estava comigo também é massa, só que fazem uso e eu estava já andando com eles. Então o que eu posso complementar assim no uso... primeiro, tem o isolamento, essas coisas, mas isso não vai ajudar muito e o outro acho que é mais a dependência, que ai é geral, em dependência em geral, porque todo dependente eu acho que tem isso que eu ia

falar, mas assim pra o usuário de crack fica difícil dizer alguma coisa porque quando você entra no crack... acho não tem uma coisa específica pra você dizer pra ele: ó faça assim, faça assado eu acho que é saber que o caminho dele vai ser muito curto, somente isso, ele vai acabar com a vida dele muito rápido, ele vai acabar as vidas que ele tem: profissional, pessoal, social, familiar até chegar na vida de fato, então eu acho que a única coisa que eu posso falar pra acrescentar pra ele, que ele procure um CAPS, procure ajuda, peça ajuda a Prefeitura se não puder pagar uma clínica, que não tem cura, mas a gente pode parar sim com o uso, é possível, conheço gente que já parou a um bom tempo, eu fiquei um bom tempo parado, mas uma coisa assim que eu posso falar é só que de crack não tem nada, só o nome. É a pior droga que tem, acho que a droga que mata mais rápido, que acaba com a pessoa mais rápido. Acho que é só isso mesmo que eu poderia dizer. Eu não tenho agora alguma coisa pra falar do crack não a não ser isso.

Diamante, 30 anos

Renata: Diamante me fala da tua experiência com o crack

Diamante: eu acho que minha experiência com o crack já foi consequência de minhas experiências anteriores com outras drogas. Eu tive uma infância e uma adolescência bastante tranquila, limpa, nos termos da droga se usa assim, utilizava somente bebida e de maneira bem controlada, sempre fui uma pessoa bem organizada e com 22 anos, que coincidentemente ou não foi a época que eu comecei a morar só com meu irmão. Meus pais se separaram, meu pai foi morar num lugar e minha mãe foi morar em outro, coincidentemente ou não, porque eu ainda não consegui estabelecer uma relação direta com isso, mas foi quando eu experimentei maconha pela primeira vez com 22 anos, então foi em 2002. Então já... cigarro eu nunca gostei, então já a maconha eu comecei gostando da maconha e fazendo um uso bastante abusivo. Eu não achava que era, mas eu fumava todo dia, não reconhecia que era dependente, mas só dormia se fumasse, pra ver um filme só era interessante se fumasse maconha também, jogar vídeo game, ou seja, a maconha deixou de ser uma coisa secundária e passou a ser uma coisa central na minha vida. E eu sou músico também, então desde 99 que eu toco em várias cidades do nordeste, várias capitais e principalmente no Recife Antigo que era um local que eu frequentava muito... é as pessoas começaram a deixar de fumar a maconha pra começar a fumar o mesclado que era a maconha misturado com o crack e eu comecei a experimentar também de uma maneira bem inconsequente e irresponsável. Sempre achei que tinha controle sobre toda a situação e o meu irmão que morava comigo, hoje a gente não mora mais junto também era usuário de drogas, ele tem uma história de drogas mais anterior a minha desde os 12 anos, a gente tem um ano de diferença, então desde os 12 anos que ele tem problemas com drogas, eu sempre assisti isso de fora, mas a partir dos 22 anos eu comecei a ingressar junto com ele e comecei a fazer dos amigos dele meus amigos também, então a gente começava a sair e fora o ambiente de músico que tinha muito acesso a todos os tipos de drogas ainda tinha novas amizades que usavam mesclado, crack, cocaína, LSD, êxtase haxixe, *skanke*, tudo. E eu sempre, eu não tinha... todo o meu controle que eu tinha até os meus 22 anos, todo o meu desinteresse mudou depois que eu experimentei maconha e comecei a gostar mesmo, a fazer um uso bem crônico de maconha, então perdi totalmente esse desinteresse e passou a ser uma curiosidade em querer saber como era o efeito de cada uma droga dessa e eu posso dizer que eu usei tudo, tudo o que tinha disponível, usei cocaína, usei LSD, usei êxtase, usei crack, usei maconha, bebida, as vezes usava 2, 4 dessas de uma vez só, as vezes usava só o crack. Só que aí o meu irmão ele começou a se tratar antes de mim e eu não tinha o conhecimento do problema e como o mesclado deixava um cheiro muito forte no apartamento e a maconha pura não estava mais fazendo a minha cabeça, a gente pode dizer assim, e meu irmão fumava cigarro, então a casa já fedia a cigarro, eu utilizava da cinza que ele mesmo fumava do cigarro pra fumar o crack puro, pra não ficar o cheiro do mesclado e a partir daí foi ladeira abaixo. Isso foi em 2006, ou seja de 2002 pra 2006 eu tive um uso, embora usava bastante drogas eu ainda tinha uma vida social, profissional, afetiva tudo

direitinho. Em 2006 teve um término de um relacionamento que eu era muito apaixonado pela menina, que a gente terminou, e a partir daí eu acho que eu não consegui entrar em contato com o meu sofrimento, esse término dessa relação foi muito dolorido pra mim e abusei mesmo das drogas e o crack entrou e tomou o lugar de todas as outras. A maconha que eu gostava, a cocaína tudo isso não fazia mais a minha cabeça, o crack ficou completamente dominante assim, fissura, coisas que eu nunca tinha, coisas de caráter de tirar celular escondido de dentro de casa do meu irmão e da minha mãe, de gastar irresponsavelmente o dinheiro e até levar a minha falência pessoal mesmo. Ai foi quando meio que caiu a ficha, foi em 2008 e como a minha família já tinha a experiência de tratamento do meu irmão ai já foi mais fácil pra mim pedir ajuda e ser aceita essa ajuda. Não sofri o que o meu irmão sofreu, aquele negócio: meu Deus você está dependente, aquela coisa toda que acontece e que adoce a família inteira. A minha família já estava toda envolvida no processo dele, menos eu porque estava num processo contrário e foi por ai, a partir daí até 2008, de 2006 a 2008 foram 2 anos de uso abusivo mesmo. Deixei de morar com meu irmão porque ele estava em tratamento e eu não, fui morar só e pronto, morando só faltava comida, faltava água, faltava pagar aluguel, faltava tudo porque todo o meu dinheiro era todo destinado a usar o crack, usava muito mesmo. Eu não sei relativizar, mas pra mim o meu uso foi grande. Eu tive muito prejuízo em todos os campos, teve um desinteresse muito grande nas questões familiares, tive o que a gente chama assim, de diminuição do repertório, tudo aquilo que antes era interessante na sua vida, tudo aquilo que era relevante e que te dava prazer não dava mais prazer. É como se tivesse uma diminuição do conteúdo até da sua cabeça, você só pensa nisso, comigo aconteceu isso, só conseguia pensa no crack e só fazia... então eu passava a maior parte do meu tempo ou comprando o crack ou usando o crack ou me recuperando do uso do crack ou indo atrás de formas de consegui o crack. Isso tomava conta de... e como eu era músico e minha renda era boa de músico então o tempo livre era a semana inteira que eu tinha de tempo livre. Tocava quinta, sexta, sábado e domingo e tinha segunda, terça e quarta e nos dias de show não me impedia também de usar, então eu usava praticamente todo dia. Foi um período que eu tranquei a faculdade, eu sou estudante, atualmente, de psicologia, mas eu comecei o curso de psicologia em 99 e estudei até 2002, aí em 2002 foi quando eu comecei a fumar maconha eu tranquei a faculdade de psicologia e comecei uma faculdade de educação física, aí cursei educação física até 2006, em 2006 eu não conseguia mais produzir nada. Então em 2006 eu tinha 2 faculdades pela metade e 2006 até 2008 só fiz tocar, então... trabalhava, larguei o trabalho. Trabalhava assim, fora a banda, tinha trabalho e larguei, faculdade larguei e vivia de drogas e rock em rol como diz o chavão. Hoje eu estou com 2 anos de tratamento, em julho agora fazem 2 anos de tratamento e hoje eu estou restabelecendo tudo o que eu fui perdendo nesse tempo, mas a passos dolorosos. Eu acho também que é importante falar da filosofia do RAID enquanto tratamento, a filosofia do RAID pelo menos da forma como eu entendo, ela entende que o problema da dependência é uma consequência já de um problema que você não está conseguindo mais administrar, você está perdendo a administração de sua vida praticamente. Então o RAID, ele não

trabalha diretamente a droga e sim tenta trabalhar o seu auto conhecimento para que você consiga gerenciar novamente a sua vida. Eu acho que o crack em si é uma droga muito poderosa e que... eu acredito em outras formas de intervenção também , mas eu acredito que, realmente, ele traria mais, talvez, autonomia e seria a questão do auto conhecimento, de você ser trabalhado, de você... assim da proposta mesmo do RAID de você fazer o processo de auto conhecimento como forma de entender o porque de utilizar a droga pra preencher esse vazio tão intenso que você tem, que buraco é esse, que falta é essa que a droga tem que preencher. Eu acredito que o tratamento com o crack seria o mesmo, mas como eu disse antes, eu também acredito que possa existir outras formas de abordagem pra cada tipo de droga porque como eu disse antes o crack... acho que crack, a bebida são drogas que o organismo... a cocaína também ... a sua dependência, não sei se você poderia categorizar algumas drogas como mais potentes ou não eu realmente não sei, mas o crack poderia existir uma forma mais severa de intervenção dependendo do... É porque aqui no RAID, primeiro de tudo você está aqui como voluntário, aqui se preza muito pela palavra, pela sua interação nos grupos, por como você se adéqua as regras porque o dependente tem muita dificuldade de se adequar as regras, ele é muito transgressor, então a gente vem exercitando essa organização e essa disciplina diariamente, mas existe outras formas de intervenção com o tratamento fechado, medicamentoso porque tem pessoas que dependendo do seu nível de dependência, que entram num quadro de loucura, de perda total de sua autonomia, de sua gerencia então eu acho que precisa realmente de uma intervenção onde você fica internado e não pode sair, não pode. Vai ficar lá e vai ficar tomando um medicamento. Eu acredito que pra alguns níveis de dependência, eu também não tenho, eu não sei dizer se existe níveis de dependência, mas eu acredito no meu modo de ver que existe, na minha experiência empírica nada científica. Eu acho que tem pessoas que precisam de um tratamento, pelo menos num determinado momento, fechado, uma coisa medicamentosa e sem a opinião dele, se está fazendo bem ou não pra vida dele, ou seja uma intervenção de alguém da família. Eu acho que em algum momento muitas pessoas precisam de um tratamento voluntário, um tratamento que você quebre sua negação de que você é dependente, de que você aceite, eu acho que em algum momento talvez você não tenha essa capacidade de ter essa percepção e precisa de uma coisa mais, não sei dizer o termo... mais violenta ou mais...É, porque assim, como eu disse: embora que exista medicação aqui você pode também dizer que não quer mais o tratamento e ir embora. Existe outras instituições que a gente pode citar o modelo dos hospitais psiquiátricos mesmo que é um regime fechado, você não tem esse direito, se você se comportar mal você toma um remédio pra passar dois dias dormindo, se você se rebelar e gritar, os enfermeiros lhe pegam e lhe dão injeção. Eu acredito que isso possa ser em um estágio, não sei psicótico, não sei, um estágio de loucura que dependendo do seu nível a droga lhe leva a chegar a esse ponto, mas aqui no RAID a gente tem, principalmente, dois psiquiatras: doutor Evaldo e Doutor Escobar que prescrevem medicação, porém o regime não é , o regime assim... o tratamento não é um tratamento fechado, você continua tendo... agora se o seu, o que acontece aqui: se o seu terapeuta entender que você realmente está precisando de

um tratamento fechado ele vai pedir uma intervenção, e se você não aceitar eu acredito que ele não vai poder mais se responsabilizar pelo seu tratamento, porque ele está vendo que você aqui tentando se organizar, tentando se adequar as normas e a disciplina aqui você não está dando conta, então as vezes até o RAID mesmo encaminha para uma instituição fechada. Acho que tem algumas instituições, não sei se existe convênio, mas existe algumas instituições, que os albergados aqui conhecem muito bem, alguns deles porque em algum momento tiveram que passar algum tempo lá mesmo. Eu não vou citar nomes, mas que precisaram passar por este tratamento mais... Em relação a sensação do crack eu poderia dizer que no primeiro momento, não só do crack, mas como todas as outras drogas que eu fiz uso era uma sensação orgasmática, um orgasmo, êxtase, intensidade e é aquela coisa de intensidade da forma que você quer, na hora que você quer, quando você quer, ou seja, tudo aquilo que o dependente tem dificuldade de lidar com a frustração, com o não. Ele quer o êxtase naquela hora, naquele momento sem nenhum tipo de esforço e ele vai lá e pega, ou seja, ele faz algo que ele quer, na hora que ele quer. É isso que acontece com o dependente. Antes de eu me reconhecer, de eu aceitar o meu problema de dependência eu tinha muito prazer, porém o crack em si me trazia uma paranoia fortíssima, muito forte. Com o tempo o prazer foi dando lugar, não dando lugar, mas foi andando paralelo com a paranoia, eu sentia o prazer, mas ao mesmo tempo uma paranoia muito forte, eu fazia uso e apagava as luzes da casa, ficava olhando por debaixo da porta cerca de 10 minutos assim com a cabeça no chão pra ver se ouvia passos. Isso dentro de minha própria casa de três horas da manhã, ou seja, ninguém ia chegar, não tinha possibilidade nenhuma de alguém chegar. E se eu tivesse fazendo uso com outras pessoas eu mandava todo mundo embora porque eu achava que estava todo mundo falando alto, que os vizinhos iam ouvir. Então eu estabeleci um comportamento completamente paranoico, muito paranoico e depois do meu internamento aqui no RAID em 2008, esse mês faz dois anos, já fez dois anos e eu tive problema duas vezes com... eu não sei se eu poderia dizer que foi uma recaída mesmo, mas se eu não tivesse reconhecido o momento como um momento de recaída e não tivesse feito outra intervenção como eu estou agora, que agora eu estou albergado novamente, vou passar uma semana de castigo por mal comportamento. Eu acho que se eu não reconhecesse esse momento que foi fruto de psicoterapia, de auto conhecimento eu acredito que eu ia pro mesmo lugar ou pior do que eu estava fazendo antes, mas o que eu posso lhe dizer é que depois do meu internamento em 2006 o prazer, ele é muito pouco, muito pouco porque você sente a culpa, você sabe que você tem um problema crônico, que você vai ter que controlar pro resto da vida e você... não sei, pelo menos comigo o prazer não existia mais, mas não sei em alguns que eu me boicotei e aconteceu. Eu acho que, assim, como o meu terapeuta falou eu estou aqui pra passar uma semana pra que eu baixe minha cabeça, deixe de ser arrogante porque assim... como eu passei dois anos em abstinência, desses dois anos eu passei um ano em abstinência de tudo, nem bebida eu usava, então depois de um ano eu achava que eu poderia controlar a bebida, só bebida e realmente a minha recaída não teve relação direta com a bebida, mas eu acredito que esses dois anos de abstinência... é engraçado como a gente usa a mente contra si próprio, a racionalidade contra a gente

mesmo, então eu achei que poderia ter o controle novamente e tive uma recaída num momento de sucesso profissional, sucesso afetivo, na parte da faculdade, em tudo estava indo muito bem e eu me senti no direito de fazer uma grande merda já que eu estava a dois anos tão certinho, eu disse: ah não tem problema não, eu tenho o direito de fazer uma grande merda e a partir do momento que eu me senti no direito de fazer uma grande merda, então é como se eu tivesse esquecido ou negado que eu tenho problema, porque como é que posso querer controlar uma coisa que eu não tenho controle, de uma certa forma uma negação de que você tem problema de dependência. Então eu estou aqui pra reforçar que eu sou dependente e que isso é uma doença crônica que eu vou ter que ter uma eterna vigilância pro resto da vida e que não adianta quanto tempo eu vá ficar sem... pelo menos isso é o que eu estou tentando buscar agora, não adianta quanto tempo eu consiga controlar o uso, mas eu não vou conseguir controlar nunca. A recaída foi importante pra isso. Essa experiência mesmo de você saber que não tem o controle definitivamente, então está sendo uma experiência positiva, embora não tenha sido ... é como aquela frase que diz que Deus escreve certo por linhas tortas. Aí pronto, eu estou aqui numa quinta-feira, eu estou desde segunda e vou ficar até segunda-feira. Relembrar, deixar de arrogância, deixar de achar que eu tenho o controle sobre a droga e colocar na cabeça definitivamente que eu não tenho e que sou dependente mesmo. Eu não sei se isso acontece com outros tipos de usuários porque... ou dependentes, eu não vou falar nem de usuários, vou falar de dependente porque o dependente já é um estágio mais, assim... enquanto o usuário consegue fazer o uso recreativo, o dependente não consegue, enquanto o usuário quer, o dependente necessita, você precisa mesmo e pelo menos com o crack teve uma... não sei se um desvio, não sei se seria um desvio no meu caráter, minha personalidade mudou muito, assim, coisas que eram inimagináveis pra mim fazer eu fiz: como penhorar o telefone de minha namorada, como pegar telefone de dentro de casa, do meu pai “O telefone sumiu” e você ficar calado e foi você que foi na boca trocar. Como você sair de 3 e meia da manhã da torre até a João de Barros andando, que daria uns 6 quilômetros ida e volta pra conseguir crack, isso não só uma vez, várias vezes, de você se submeter a estar várias vezes inventando desculpas pra polícia pra não ser preso ou pra não levar tapa na cara, porque eu já fui abordado por polícia de madrugada em favela várias vezes, já me escondi de polícia, já enganei traficante, já peguei celular de dentro casa, já gastei o que não tinha. Já troquei DVD, já troquei liquidificador. Coisas que quando você cai a ficha mesmo é muito doloroso, você diz: caramba, eu não acredito como é que... e depois que você consegue se recompor e que você começa a rever tudo aquilo, depois que você passa pela sua auto crítica você se desmorona porque realmente você não se reconhece. Existe uma mudança muito forte no caráter da pessoa. Eu acredito muito que o crack está diretamente ligado a violência na cidade, diretamente ligado a pequenos furtos como: roubos de celulares, roubos nos sinais, roubos de computadores porque se pessoas como eu que vem de uma família com estrutura e com dinheiro que tem chega a um nível desse, imagine uma pessoa que não tem e que fica dependente o que é que é capaz de fazer pra conseguir o crack. Eu já vi aqui dentro da instituição pessoas de classe média alta pegar um revólver pra fazer assalto em ônibus pra

consegui dinheiro. Então o crack em relação a isso é... o crack em primeiro lugar, a sua moralidade vai embora, não existe mais. Tudo o que você acha que é certo ou errado não interessa, o que interessa é que você quer o crack e precisa do crack e você vai fazer o possível pra utilizá-lo, o possível, o possível. E eu acho que isso é uma coisa bastante significativa no que diz respeito a minha experiência com a dependência e no que eu posso ver com outras pessoas também, que o crack é uma droga de efeito muito imediato e muito curto e muito intenso, muito intenso. É uma descarga de prazer enorme que você sente e assim como o cigarro, eu acredito que seja como o cigarro, não sou dependente de cigarro, mas você vê pessoas tendo muita dificuldade pra conseguir largar o cigarro porque o corpo necessita da nicotina, de todas aquelas substâncias, acontece isso com o crack também. O crack você sonha com o crack, você sonha fumando, você sonha comprando, você sonha e você acorda e você vai atrás e ele começa a fazer parte de grande parte do seu cotidiano se volta para o uso ou a recuperação ou a compra do crack, ou seja ele chega e domina, domina mesmo. Eu não tive essa experiência com outras drogas, eu já usei todas as outras drogas como eu disse aqui, mas nenhuma delas foi tão devastadora, eu cheguei a perder 12 quilos, cheguei a deixar de fazer atividade física, coisa que eu sempre fiz na minha vida, sempre gostei de esportes. Fiquei sem relacionamento durante meses, sem interesse por sexo, então, passei meses, meses quase um ano sem me relacionar com nenhuma mulher, nenhuma, nem uma coisa casual assim, porque quando chegava na hora H de ir pro sexo eu achava que valia mais a pena ir numa boca comprar crack e fumar sozinho e pronto, foi isso. Eu acho que ela toma conta, devasta, toma conta e é muito poderosa, é uma droga muito poderosa. Eu acredito que, realmente, dependendo do nível de dependência da pessoa ela precisa de uma intervenção mais severa do que um CAPSad ou do que um RAID. Ela precisa de um internamento nos modelos do hospital psiquiátrico, pelo menos por um momento de sua vida, pelo menos num momento de desintoxicação, pelo momento de aquela loucura passar, até que ela retorne aos seus primeiros passos de autonomia para depois tentar conseguir por si próprio.

Esmeralda, 39 anos**Renata: Esmeralda me fala um pouco da tua experiência com o crack**

Minha experiência com o crack começou em 91 quando um amigo meu vinha de Brasília e trazia pra cá, eu comecei a usar o crack mais esporadicamente, só quando ela vinha de Brasília ele trazia e nunca me deu problema nenhum, só começou a me dar problema já em 2006, em 2007 eu já entrei em internamento. Foi quando eu comecei a usar bastante, meu pai estava doente, depois em 2008 meu pai faleceu, foi quando eu aumentei o uso. espera ai que eu estou nervosa, estou trocando os anos. Em 2006 foi quando eu comecei mesmo a usar o crack sem controle. Até 2000, 2000 e alguma coisa eu ainda usava com controle porque eu não tinha acesso. Quando chegou nas favelas daqui foi quando eu perdi o controle e também eu estava numa fase muito mal, estava com problema... não é problema de família eu estava com problema de doença na família, o meu pai que eu gosto muito ai eu me afundei no crack, e aí logo em seguida, dois anos depois ele morreu, foi quando acabou-se, eu me enfiei no crack e até agora não consegui sair, estou a 6 meses limpa, foi o tempo que eu passei com mais uso foi de 2006 até agora 2009, porque 2010 eu já entrei sem usar. Eu acho que perdi o controle do crack... porque as outras drogas eu uso maconha, eu bebo, mas nunca me tirou do prumo, o crack não, o crack eu simplesmente esqueci o mundo e fiquei só no crack, eu ficava internada como o pessoal diz, pegava o crack, se trancava em casa e passava 8 dias só usando crack, sem comer, sem nada, no máximo eu tomava banho porque eu sou uma das poucas que tomava banho, porque a maioria não toma banho, eu tomava banho, escovava meus dentes, mas não comia nada, só tomava água durante 7, 8 dias, 9 dias e as vezes só parava quando eu desmaiava, eu não parava por livre e espontânea vontade, acabou o dinheiro eu não parava, eu sempre ia atrás de mais, fazia dívida, trocava alguma coisa e passei esses últimos anos nessa batalha. Quando eu uso o crack a minha intensão é morrer, é geralmente por um lado depressivo como se o crack fosse um veneno. Quando eu tive uma recaída, porque eu passei um ano e 3 meses sem usar, porque em 2007 eu comecei o tratamento ai passei 3 meses internada, passei 1 ano e 3 meses sem usar e tive uma recaída por causa de uma depressão, então quando eu voltei a usar foi na intensão de morrer, comprei logo 10 gramas pra ver se eu tinha alguma overdose, alguma coisa assim, e usei toda de uma vez praticamente, quando eu usei foi na intensão de me matar, não com a intensão de curtir o crack, curtir como o pessoal diz: ah a lombra é ótima, eu não acho, pelo contrário eu uso o crack como um veneno. Eu não gosto da sensação, eu uso ele como um veneno. A sensação dele é horrível você fica agoniada, eu não tenho essa agonia toda, a maioria das pessoas tem, mas eu não tenho, eu ao contrário, eu me isolo, eu fico em casa, em não fico olhando porta, não fico catando o chão, eu fico até calma demais. Quem vê o povo que fuma crack, geralmente até estranha, oxe tu fuma crack e fica assim? Ai geralmente as pessoas estranham o meu comportamento e as vezes, quando eu estou num uso muito grande como eu passei 5 meses usando, quando chega uma época que eu estou usando a nove dias, ai eu desmaio, quando eu acordo eu volto a usar logo em seguida, mas consigo comer alguma coisa, ai como alguma coisa ai volto a usar

mais 8,9 dias sem parar. Eu cheguei a perder... eu estou com 60 quilos agora eu cheguei aqui no RAID com 34 quilos, eu estou com 62 agora. Engordei quase o dobro, praticamente o dobro, eu cheguei só pele e osso. Depois que eu comecei a usar o crack pra mim não tem muito futuro não, eu não vejo um futuro, eu não tenho esperança de fazer alguma coisa, não tenho vontade de fazer nada, mesmo depois do tratamento. Eu estou saindo de alta agora, daqui a uma semana estou saindo de alta, mas não tenho nenhum projeto de vida, não tenho nada pra fazer, eu estou saindo pra ficar em casa porque eu não tenho vontade de fazer nada, de procurar, de estudar, não tenho vontade de fazer nada. Isso eu acho que ainda faz parte da depressão por causa do uso do crack, eu acho que com o tempo isso vai passar, por isso que eu digo, atualmente, eu não tenho vontade de fazer nada. O crack me deixou completamente apática, eu não tenho vontade de sair, eu não tenho vontade de fazer nada. Não por medo de sair por causa do crack por que isso eu consigo me controlar, porque eu sei que o que me lava ao crack, o que me leva mais ao crack é a depressão, que aí eu uso ele como veneno, eu vou usar e eu vou morrer, mas fora isso não. O que mais mudou na minha vida é que não tenho mais vontade, não tenho mais alegria de viver. Eu gostava muito de sair, de beber, de ir pra festa, era muito alegre e hoje em dia não tenho mais essa alegria, o meu olhar hoje em dia é triste, o meu olhar antigamente era alegre, meu olhar hoje em dia é triste, quem vê a minha expressão, ela mudou completamente, as feições são outras, se você vê uma foto de hoje e vê uma foto de 5, 6 anos atrás é completamente diferente a minha expressão, hoje em dia é triste. Minha família, praticamente... eu só tenho a minha mãe agora, porque sou eu, minha mãe e minha irmã, minha irmã depois do uso do crack teve algumas confusões e a gente está sem se falar, se fala por respeito só oi, boa tarde, bom dia, só por respeito e com minha mãe continua praticamente a mesma coisa, ela, lógico, pelo que ela passou está me policiando muito, ela não pode me ver com um copo de cerveja, ela não quer que eu saia, ela não quer que eu faça nada, só que eu estou tentando fazer isso pra ver se eu procuro ter alegria de novo de viver, aí ela acha que eu estou querendo sair ou fazer alguma coisa pra voltar a usar o crack, e não é, aí a gente fica nesse impasse sempre tendo alguns conflitos. Hoje mesmo ela ligou pra Alda e já falou que eu bebi, não sei o que, mas eu tinha dito a Alda, que é a minha terapeuta, eita, eu nem sei se eu posso está falando nome... Bom, eu comecei a usar crack porque eu sempre gostei de droga, teve o nome droga eu estava dentro só que eu não imaginei... eu já usava cocaína, eu já usava ácido, eu já tinha usado loló, comprimido, já maconha, álcool, que é droga, todo o tipo de droga eu já tinha usado menos o crack, o *freebase* que chamam que é de cocaína, esse tipo de droga todas elas eu já tinha usado e o crack eu usei porque apareceu, apareceu, disseram que era bom, e quando eu comecei a usar em 91 era bom, mas o crack era completamente diferente do que é hoje em dia, a droga eu não sei o que é que eles misturaram atualmente que a droga modificou, você fica numa ansiedade de querer mais, de querer mais e a que eu conheci em 91 não era assim, a que eles traziam de Brasília, até a cor é diferente, eles chamam de manteiga ou de cristal, elas são amarelas ou meio cristalizadas, a outra não era um caramelo puro, parecia um caramelo derretido, daqueles que a gente faz na panela, que era o primeiro crack que eu conheci, que era como se fosse puro, ela não dá essa, como eles

chamam, nória toda, que esse crack atual dá, eu não sei se tem alguma diferença, eu acho que não tem, eu acho que é o mesmo crack só que misturado. Porque quando o crack apareceu em Brasília e em São Paulo era crack, só que hoje em dia pra ganhar mais dinheiro eles misturam pra reder mais, agora com o que eles misturam, o que eles fazem pra piorar essa situação eu não sei. É diferente, a sensação é diferente, a nória como se chama é muito diferente. Em relação ao meu tratamento eu acho que ele é suficiente, só que o problema é para os usuários de crack aceitarem o tratamento, como da primeira vez que eu vim eu não consegui passar os 3 meses que eles tinham indicado, agora que é segunda vez eu estou aqui a 6 meses, aqui não, porque eu passei 2 meses em outra instituição e estou a 4 aqui, mas sendo acompanhada pela terapeuta daqui do RAID, então eu me considero 6 meses aqui porque é a mesma terapeuta, porque a 6 meses ela me acompanha, hoje, que é dia 22 está fazendo exatamente 6 meses que eu estou internada. Ai na outra conscientização porque quem quer deixar tem que se deixar tratar. Acho que quando a pessoa quer ela consegue parar, mas o problema é a força de vontade, tem que ter força de vontade, a pessoa tem que querer, se não quiser não adianta. Pode passar um ano aqui que não vai adiantar de nada. Porque não adianta vir aqui por causa de pai, por causa de mãe, você tem que vir por você mesmo, porque você quer se tratar, se você não quiser não adianta nada, porque quando você sair a primeira coisa que você vai fazer é recair. Depois do tratamento mudou muita coisa na minha vida porque eu não sou mais a mesma pessoa, tenho o controle hoje em dia com o álcool, eu tenho o controle mais com a maconha, que eu não tinha, que era sempre um uso abusivo, aquela coisa de aborrecente velho, com quase 40 anos e ainda dando uma de adolescente, saia, tinha que tomar cachaça e ficar louca, mas hoje em dia eu não tenho mais esse prazer de ficar tão louca como eu... tinha nome droga eu estava dentro, hoje em dia tem o nome droga eu estou fora, nem todas, mas a maioria eu prefiro estar fora. Acho que o que leva as pessoas a usarem crack é o desconhecimento porque eu comecei o crack como uma droga boa, não foi... hoje em dia se vê muito na televisão o mal que o crack faz, quando eu conheci o crack a gente não sabia, então quem usa droga, até com o nome droga tá dentro, como eu disse ainda agora. Teve o nome droga, quem gosta de droga, vai experimentar, pode quem quiser dizer que não presta a pessoa vai experimentar por curiosidade, eu acho que é mais curiosidade. Pela coisa de todo mundo dizer não pode, que é uma droga muito forte, que é isso, que é aquilo, a curiosidade aumenta mais ainda. Ai você que gosta de droga, quem gosta de droga vai querer conhecer, porque geralmente quem usa crack a maioria já vem de outra droga, tem várias pessoas que usam só crack, nunca usaram outra droga, mas a grande maioria usa primeiro outra droga, ou maconha, ou cocaína, pra poder passar pro crack, ai está no meio das drogas, sempre está no meio das drogas. Eu acho que é a curiosidade que leva mais. Se as pessoas fossem melhor orientadas, talvez eles não... não utilizassem. E hoje em dia eu acho que tem até melhorado com a televisão dando em cima, mostrando sempre reportagens. Eu acho que sempre tem que informar a população do que faz mal, porque se já perdeu uma geração, não perde a outra. Eu acho que essa geração nova de hoje em dia está meio perdida, mas vê se resgata pelo menos os meninos mais novos. Dar palestras em escolas, fazer tipo de coisa

que informe o mal que o crack faz, como as outras drogas também fazem, só que o crack é meio fulminante, porque a cocaína também mata, o álcool também mata, as outras drogas também matam, mas o crack é uma coisa completamente destrutiva, é bem mais rápido, virou uma epidemia, é bem rápido que se espalha o crack do que cocaína, é bem mais fácil por ser barato, por ter em tudo quanto é lugar. Onde eu moro, eu moro na cracolândia em Olinda. A cracolândia é na frente de minha casa. Ai eu tenho que matar um leão por dia porque eu abro a minha porta de casa tem gente fumando o crack. E eu estou indo pra casa a 3 meses e eu tenho conseguido passar por isso numa boa, mas pra quem está querendo deixar e é fraco não consegue, porque é muito difícil todo dia você está vendo a droga na sua frente, porque o crack está em tudo quanto é lugar, então tem que informar em tudo quanto é lugar pra vê se as pessoas se conscientizam desde cedo, trabalhar as crianças, eu acho né, não sei, mas eu acho que só se salva assim porque essa geração de 10 a 15 anos de hoje em dia de favela são poucos que não estão usando crack, são poucos, porque vê todo mundo usando, não tem informação, não tem estudo, não tem nada, então acham que certo é aquele, é usar droga. Eu estudei até a sexta e depois fiz supletivo do segundo grau, só ficou faltando física, então eu não terminei. O problema pra eu terminar é a falta de vontade que atualmente eu estou com ela, espero que ela passe, mas estou bem desanimada, mesmo com todo o tratamento, com todo acompanhamento terapêutico a infelicidade ainda me acompanha. O crack pra mim é diferente de quem usa por prazer, porque o crack pra mim eu uso ele pra me destruir, porque quando eu comecei a usar eu comecei a usar pra conhecer foi diferente, então eu passei quase 10 anos sem usar, quando eu voltei a usar quase em 2006 já foi de uma forma destrutiva porque chegou um boato na casa de minha mãe que eu estava usando o crack, ela veio querer me internar e eu não estava usando o crack, eu com raiva dela, então se você vai me internar porque eu estou usando o crack, então eu vou usar, ai peguei comprei um monte de crack e fui usar, ai foi quando eu me lasquei, então quando eu voltei a usar o crack ele já voltou como uma forma destrutiva, como uma forma de suicídio, eu não vejo o crack como prazer, eu não consigo falar nada de crack, assim, não é uma coisa prazerosa, de uma coisa boa do crack, eu nunca cheguei a roubar, mas gastei muito dinheiro de minha mãe, cheguei a fazer dívida, cheguei a trocar algumas coisas minhas, mas isso com o tempo o crack levaria se eu continuasse a usar e quando eu procurei tratamento, já fui eu que procurei o tratamento, na primeira vez não, foi ela que procurou mas eu não estava usando crack quando ela veio procurar tratamento querendo me internar eu não estava usando o crack, como eu moro em Olinda e o pessoal fala muita fofoca como em cidade de interior, então ela acreditou e eu fiquei com raiva que ai foi o meu pior erro, que eu fiquei com raiva dela porque ela queria me internar por uma coisa que eu não estava fazendo. Ai eu comentei com ela: como é que eu estou usando o crack se eu estou na sua casa de 6 horas da manhã, se eu estou na sua casa de meio dia, se eu estou na sua casa à noite, como é que eu estou usando crack? Não, mas me disseram, você não vai ter mais nada, então ela tirou tudo o que ela me dava, porque ela sempre me deu uma mesada muito boa. 2000 reais é uma mesada muito boa, ai ela tirou tudo e disse: ó se você quiser fumar, quiser comer, quiser beber, você vai ter que vim aqui em casa porque

eu não lhe dou mais nada, você só vai ganhar alguma coisa se você se internar. Eu digo: é se você vai me internar por uma coisa que eu não estou fazendo, eu vou fazer agora. Ai peguei o resto do dinheiro que eu tinha fui na boca e comprei todo de crack e passei 8 dias fumando. Sem comer, sem ir atrás dela pra nada, ai foi quando eu entrei de vez. Eu sempre uso em casa, sem ninguém dentro de casa, não vou pra rua pra fumar, não vou atrás de ninguém, não quero ninguém na minha casa. Moro sozinha, sempre fiz uso bem solitário, eu odeio gente noitada junto de mim, aquela coisa do crack de ficar vigiando, porque as pessoas roubam, porque as pessoas ficam catando, você dentro da sua casa na maior paz, alguém: fecha a porta, fecha a janela, deixa eu jogar isso no lixo. Isso eu não suporto do crack, então é por isso que algumas pessoas que fumam crack, uma vez ou outra quando eu fumava com amigos: como é que você fica assim. E eu digo: e como é que você fica assim. Porque a maioria fica noitada, então por isso que eu sempre usei só, sempre gostei de usar só, porque eu nunca aguentei a noia dos outros, sempre me incomodou muito e eu usava mais pra me detonar com raiva. Quando eu comecei da ultima vez foi com raiva, mas com raiva com vontade de me detonar mesmo. Então se você quer se detonar é uma forma suicida, não é uma forma prazerosa, eu nunca peguei o crack pra curtir, não eu vou fumar pra me detonar, aí é complicado. O que me preocupa é a próxima geração, porque essa eu já considero praticamente perdida. Tem muita gente dependente de crack e não tem onde botar, não tem nem onde botar, pode fazer CAPS quanto for e não tem onde botar, a quantidade de gente que está usando o crack está muito grande. Eu vejo pela minha rua, na minha porta tem 20, 30 pessoas na frente, tem traficante na minha porta e não tinha, na cidade alta de Olinda, não é nas favelas de Olinda, não é lá por baixo, é na cidade alta, na parte antiga da cidade, já tem cracolândia, já tem gente fumando a vontade, de manhã, de tarde e de noite que eles não têm controle, então quando você começa a usar o crack, como eu ficava 8 dias, eles também eles também ficam, então de manhã, de tarde e de noite tanto faz é a mesma coisa, tanto faz , não interessa o turno, interessa é que esteja usando.

Pérola, 21 anos

Renata: Pérola me fala da tua experiência com o crack

Pérola: Bom com 16 anos eu conheci o crack, usava eventualmente, diferente da maconha, e chegou um ponto que eu não conseguia mais fumar maconha e sim o crack, o mesclado. Eu estudava em uma faculdade muito boa, particular, fui abandonando a faculdade, fui enganando meus pais em dizer que estava na faculdade e na verdade estava com os amigos entre aspas fumando o mesclado e ai chegou um ponto que minha família descobriu, tentaram me colocar em outro estado só que não teve possibilidade de eu me estabelecer lá, voltei ai a minha mãe ligou para a minha prima que mora aqui em Recife procurar um instituto que tenha um suporte bom. Então no mesmo dia eu vim pro RAID e ai quebrei uma regra e tive alta administrativa dentro de um mês. Após sair passei 2 meses em abstinência depois eu recai e só via, só via a pedra e a maconha, a pedra e a maconha. Minha mãe, meu pai, minha família todos ficam pra depois, tudo fica pra depois. Enquanto eu não terminar eu não vou, é um exemplo de quem usa o crack ou o mesclado, o isolamento de sair nervoso quando acaba sai nervoso procurando em tudo quanto é canto pede dinheiro emprestado, tem algumas, que não é o meu caso, que chegam a roubar a vender as coisas de casa, que também não é o meu caso, mas essa recaída minha foi muito turbulenta porque eu pedia dinheiro a minha mãe direto, eu pedia dinheiro na mercearia do meu tio direto e ai foi que eles descobriram novamente e eu voltei pro RAID. Eu comecei a usar o crack quando fui morar numa cidade vizinha a Juazeiro do Norte que se chama Crato então, eu gosto muito de música e me envolvi com o pessoal que toca e canta e daí um colega, porque isso não é amigo chegou e disse: tem isso aqui, vamos fazer, ai experimentei, gostei e daí por diante não consegui esquecê-lo. Eu sinto remorso por essa doença, essa dependência minha, mas é sempre bom erguer a cabeça e tentar recomeçar. Em relação a sensação do crack depende do momento, porque quem usa crack, usa crack em lugar fechado, se for lugar aberto tem deles que ficam só agitado, tem outros que ficam com paranoias, tipo: alguém esta me perseguindo na rua, estão falando de mim, estão olhando pra mim. Eu me senti cada parte dessas que eu falei. Tipo perseguição, alguém olhando e outras coisas. A sensação da droga é muito difícil falar pra quem está em tratamento, por causa das frustrações. A sensação é bom como qualquer outra droga, como vai ali no barzinho toma uma cerveja geladinha, é isso. A gente fica agitado. Enquanto eu usava o crack, quando eu usava o crack, o mesclado eu me sentia lombrada, como se diz, eu ria, eu brincava. Depois que as coisas pioraram e ai perseguição, tem gente olhando, tem gente batendo na porta, tem que se esconder, entende. Depois que eu comecei a usar o crack relacionamento, não tenho, família, tenho, tá do meu lado agora por eu estou me tratando, tenho mas perdi por muito tempo, perdi mesada, confiança, confiança é o mais importante, perdi a confiança de todos em qualquer coisa. O crack, o mesclado é verdadeiramente, é pedi pra... não eu não quero mais viver, eu vou parar no tempo, eu vou parar o tempo e não vou fazer mais nada, só quando acabar. Quando acabar eu vou de novo atrás e volto, isolamento, isolamento total. As vezes no dia seguinte eu sentia depressão,

mas não remorso, depressão quando eu estava usando, quando eu recaí mesmo eu sentir rancor de mim porque eu sei que o crack é a pior nacionalmente, é a pior que existe porque ela destrói sua família, se desestrutura, você não tem namorado, namorada, você não tem uma vida social, você abandona tudo. Em relação ao tratamento ele ajuda muito, ajuda muito e também o RAID é uma instituição que... olhe eu estou te mostrando que aquela cadeira é assim, então se teu pensamento não for ver aquela cadeira assim não vai adiantar. O RAID tem suporte, reuniões, grupos, terapeutas, só que você tem que se ajudar porque o crack é uma droga muito pesada então além do tratamento dentro da instituição você também tem que auto... ir vendo como agir, porque você muda o seu modo de agir, muda o modo de falar, você tem que se ajudar também. O RAID é um instituto para que abra as portas e diga: esse espaço é seu para refletir sobre tudo que você fez, faz, e talvez fará. Não acho que o tratamento do crack deva ser diferente não porque cocaína é droga, destrói também, bebida é droga destrói também e eu acho o seguinte, a gente quando está no grupo operativo uma pessoa alcoólatra falar de outra que usa crack vai ser, pode ser até uma reflexão porque a gente também se ajuda: ó isso aqui tu fazia lá fora, tu vai fazer aqui? A gente pensa e diz: não vou fazer diferente pra quando chegar lá fora não ter a mesma atitude. O crack foi minha auto destruição, saber que aquilo não presta e você ir e querer mais, e querer mais, e querer mais. Uma coisa que não presta a gente não quer pra nossa vida, mas o crack não deixa, ele chama mais, chama mais, chama mais, quando a gente vê: passa um mês, passa três, passa um ano e agente não viu, não fez nada. É muito difícil sair da dependência do crack, só que nunca é impossível pra recomeçar, como eu estou de volta ao RAID.

Quartzo, 20 anos**Renata: Quartzo, me fala um pouco da tua experiência com o crack.**

Quartzo: a minha experiência é que eu uso ele a seis anos e sou dependente, já tentei me tratar, passei 45 dias albergado e aí eu não estou conseguindo ainda. De vez em quando eu estou usando. Não estou ficando em abstinência total ainda não, de vez em quando eu caio na tentação e uso, final de semana, meio de semana, aí eu chego a usar. A mesma coisa é a bebida, puxa o crack. Eu cheguei ao crack por curiosidade minha. Eu usava cigarro e maconha desde os 13 anos e aos 14 anos eu comecei o crack por curiosidade. Ai eu peguei e deixei de fumar o resto pra ficar fumando ele. Ai eu deixei a maconha, faz 8 meses, mas o crack eu não consegui ainda não, faz 6 anos que eu fumo ele e não consegui deixar ele ainda. Teve um amigo que me influenciou. Me chamando, me dizendo pra experimentar que era bom. Ai já que eu andava com ele e usava maconha com ele, ai eu paguei e fui, ai eu usei e de lá pra cá não parei mais não. Seis anos de uso. O que eu sinto quando uso é um sistema nervoso por dentro, me estressando, querendo mais. Só dá vontade de parar quando acaba tudo, dinheiro tudo. A sensação dele é esse “usou a primeira vez, é amor a primeira vista”. Quem experimentar não quer deixar mais, quer usar mesmo direto, quem experimentar não deixa e eu passei seis anos e só vim me tratar agora. Meu primeiro tratamento, o meu primeiro tratamento, mas eu estou achando normal assim, minhas recaídas. Eu não estou usando como antes. Antes eu fumava diariamente, entrava pela noite, o dia todo, estava no fundo do poço. Quando eu estou usando ele eu fico lá, mas depois que eu paro, eu me arrependo, fico pensando na minha família, a consciência pesa, mas é assim, eu tento me segurar mas não tem jeito não, quando bate a fissura, bate, aí eu uso quando bate a fissura. Na hora que eu uso o crack a cabeça está pesada, está pensando lá em casa, eu estou pensando na minha família, aí tem horas que eu saíu antes de terminar tudo. Eu saíu, digo que vou comprar um cigarro ali, mas eu vou pra casa. Só pra dá um tempinho mesmo. Se eu ficar eles não deixam eu ir embora não, só lá pra usar, passar o noite usando. Perdi muita noite de sono e aí eu tenho que mudar mesmo porque minha família esta todo mundo alegre, estão me dando apoio, está tudo feliz. Mudou muita coisa na minha vida. Estava perdendo a confiança, estava perdendo apoio de mãe, de vó, dos irmãos, tio. A turma estava dando o desprezo, se afastando, deixava eu só mesmo. Era eu e eu na rua. Só que depois eu cheguei passando uns tempos pra mim na rua só por causa do crack, aí pelo Derby, ali fumando. Ai teve um tempo que eu olhei pra trás, assim, e me arrependi de tudinho, pedi ajuda a minha mãe, pedi ajuda a minha avó pra correr atrás desse tratamento pra mim, e aí consegui, estou aqui, fui albergado, aí eu voltei pra cá pra terminar aqui, do albergamento cheguei aqui no dia 3, sexta feira, dia 30, aí eu entrei na quinta aqui. Eu já tinha passado uns dias aqui antes de ser albergado, aí não estava dando certo porque eu estava vindo, mas todo dia eu estava usando quando eu voltasse pra casa, aí eu peguei e pedi um albergamento que eu não estava aguentando mais não. Todo dia eu usava, todo dia, final de semana eu estava em casa, aí era o sábado e o domingo, chegava na segunda as vezes nem dormia ou tinha dormido dopado de pedra.

E muito difícil parar e quando tinha muita, porque eu sempre só fumava de muito, eu ficava lá, não saia não, só saia quando acabava, passava a noite todinha e o dia. Cheguei a passar 2 dias direto sem dormir. E tomo fumando, via a hora dá uma overdose mesmo. Já caí uma vez no chão batendo por causa do crack, começo de overdose. E aí, continuei direto, na mesma hora quando eu levantei assustado, continuei fumando, não tive aquela sensação de parar na hora, já que eu cai batendo ali, continuei fumando direto. Eu sou viciado mesmo. Seis anos é o tempo que ela chegou aqui e é o tempo que eu conheci ela. Ela não tem mais de seis anos aqui não, no Brasil não. Ela tem mais de seis anos fora. Foi, um colega meu que me apresentou e aí a gente começou usar até hoje, ele usa lá que só a poxa, e eu graças a Deus, eu não estou tão mal, eu estou usando assim, uma vez perdida e ainda mais 2, 1, 3, assim. Porque antigamente não, quando eu me sentava era mais de 20 todo dia, mais de 20 pedras, mas agora eu estou usando uma vez perdida. Eu estava magro, seco, parecia um palito, perdi mulher, perdi o apoio da família, certo que eu recuperei sabe, o apoio da família, mas a mulher eu não recuperei não e também eu não estava querendo ela mais não, estava complicado pro lado dela, estava me discriminando demais também, e eu não gostei. Ela sabia, antes de ficar comigo, ela sabia que eu usava, eu fui discriminado, aí eu não gostei. Hoje eu estou aqui lutando pra poder parar, ficar em abstinência. O crack tem muitas coisas ruins. Se você está fumando ali e acabou, acabou o dinheiro, não tem, você já está pensando em roubar. Está pensado em fazer alguma coisa pra pegar dinheiro pra comprar de novo. Fica sempre naquele sistema nervoso tremendo, assustado, parece um zumbi e aí a gente sabe de tudo isso, eu sei de tudo isso e não tem jeito, mas um dia eu vou deixar. Eu sei tudo isso, porque as vezes eu estou lá bebendo, eu vejo os colegas como é que estão e as vezes eu reflito: como eu estava aí olha. Eu vendo eles eu dizia pra mim mesmo: olha como eu ficava, mas como que depois eu fumo de novo, de vez em quando, uma vez perdida e fico do mesmo jeito, e fico assustado, olhando pra trás direto, pros outros, assustado, aí eu tenho que lutar muito pra se segurar. Não é fácil não, é difícil. O crack é uma droga muito pesada. Eu acho que esse tratamento aqui, eu acho ele bonzinho, mas só que, assim, como eu sempre digo a eles que pra deixar o crack eu tenho que passar um tempo em abstinência e o tempo daqui é muito curto pra mim. O tempo que deu no albergue é um, e o tempo que eu estou aqui ainda é curto. Porque eu fumo a seis anos, é difícil. Tem que ter um tempo de abstinência pelo menos um tempo de seis meses, em abstinência mesmo que é tempo que a pessoa tem pra refletir tudinho e pensar, seis meses. Mas aqui não, aqui são 22 dias, depois vai pro intensivo I, mais 22 dias, isso é tempo? um mês. Aí eu digo na reunião que não é tempo suficiente pra mim não. Tempo pra mim só se for um albergamento de seis meses aí no tratamento bom. Esse daqui não dá pra segurar não. Eu estou indo pra casa também todo dia, aí as vezes caiu em tentação. As vezes eu corro, fujo, digo não, eu vou ali comprar um cigarro ali, mas eu dou um perdido e vou embora pra casa logo cedo, aí tomo o remédio, demoro uma meia hora e vou dormir. Aí é como as doutoras daqui dizem: você tem que aprender a dizer não e é difícil aprender isso. E as vezes a pessoa nem quer usar, mas quando chega lá tem uns colegas já esperando pra usar. Chega lá, já chega mostrando, aí a pessoa faz o que? Não tem como se segurar, a

carne é fraca. A carne é fraca, a mente está fraca demais. Eu acho que é normal esse tratamento daqui, só não é igual ao albergamento. No albergamento sempre está ali a TR, direto, conversando com você. Se você quiser conversar, a hora que você quiser pode chamar, meia noite as vezes, uma hora da manhã, se a pessoa não estiver conseguindo dormir direito chega lá no quarto dela bate, ela abre na hora, conversa com a pessoa pra acalmar. Sempre me bate o estresse. Quem usa isso aí... agora mesmo eu estava estressado ali, não me deram nem meu remédio, de manhã disseram que eu tinha que passar pelo médico que eu já estava tomando. Eu estava na sala de reunião agora, eu levantei pra beber água e ela falou, eu me estressei, quebrei o lápis, joguei em cima do negócio lá e saí pra pegar meu remédio e não saiu ainda. Aí já é um motivo pra pessoa se irritar. Ela deu de todo mundo, o meu estava lá, eu mostrei a ela, aí ela não pegou e não me deu, disse que eu tinha que passar pelo médico. Mas todo dia eu não tomo aquela, como eu tenho que passar pelo médico? Se eu passar pelo médico agora eu tenho que pedir mais um pesadinho aí pra eu ficar mais calmo aí e tentar segurar. É difícil. Meu uso do crack era diariamente, todo dia, o dia todinho, mas aí de lá pra cá eu mudei todinho. E eu fumo ele é puro, não é misturado com maconha nem nada não, é puro mesmo. Era daquele jeito que eu ficava acabado, estava deformado, todo magro. Eu gosto de usar o crack. é uma sensação que a pessoa fica com vontade, agora mexe muito com os nervos e o coração acelera, aí a pessoa esta fumando, mas está arriscado de tudo ali. Ter uma overdose ali, ter um ataque do coração, o coração parar, sabe como é? Está arriscado a tudo, a pessoa sabe disso e usa. É isso que eu tenho a dizer.

Rubi, 19 anos**Renata: Rubi me fala um pouco da tua experiência com o crack**

Rubi: Pra chegar até o uso do crack eu comecei com comprimido Rivotril e Artane, mas nem sei por que comecei a usar o crack. Consegui com alguns amigos meus, eles me ofereceram e eu usei e me viciiei, na primeira vez. Senti só alucinação e vontade de fumar mais, foi a única coisa que eu senti. A sensação não foi ruim, mas bom também não era. Não consigo descrever o que sentia eu só usava muito. Acho que a sensação é boa, mas os prejuízos que traz não são bons. Quando eu começava eu não queria parar mais não. E daí mudou tudo na minha vida, fui preso por causa do uso e do tráfico, parei de estudar. Resolvi fazer tratamento depois que eu tive um ataque de convulsão, quase que eu morria, passei 6 meses internado aí depois eu decidi parar. Aconteceu muita coisa ruim na minha vida depois do crack, me envolvi no tráfico, perdi minha família todinha porque eles não aguentavam mais tanta droga, eu mesmo quis sair, eu usava todo dia, todo dia, não precisei morar na rua, fui morar com uns amigos. Fui preso com o GOE e a Federal rastrearam uma ligação minha, grampearam o telefone, passei 9 meses e 23 dias e lá na prisão é muito pior porque preso tem que se drogar, não tem outra coisa pra fazer, então todo mundo se droga e tem muito crack por lá, é o que mais tem, a maconha tá perdendo o valor com a chegada do crack, mas eu nunca usei maconha, passei do comprimido pro crack, me ofereceram, por curiosidade usei e não consegui parar não. Comecei a usar com 16 anos e fui preso assim que completei 18, ligação rastreada é pau. Hoje a relação com minha família está melhorando, já voltei a morar com eles. Somos eu e mais 2 irmãos e uma irmã, moramos com meus pais e só eu estava usando drogas, mas estou sem usar desde janeiro, antes de eu vim pra aqui eu já tinha parado, eu estava no hospital e depois eu vim pra aqui, eu tive um ataque porque usei 50 gramas em 3 dias, sozinho, aí fui parar no hospital morrendo, os caras me internaram porque eu estava fraco demais, estava com 40 quilos. Fui internado no Getúlio e passei 6 meses lá fiz um bocado de exame pra ver se eu tinha alguma coisa, mas não deu nada não. Eu saí, ainda fiz uso e depois vim pra cá. Acho que o tratamento deveria ter alguma coisa que ajudasse melhor, algum tipo de medicação porque a vontade é grande. Aqui é só conversa, o tratamento é mais em conversa, deveria ter alguma coisa pra a pessoa fazer, alguma atividade que ocupasse a mente, é só fala, é só grupo. Eu acho que não é suficiente, pra algumas pessoas não. Algumas pessoas vem pra aqui e ainda continuam fazendo uso. Quando tá aqui não faz uso, mas quando sai faz uso. Eu ainda nem consegui voltar a estudar, parei na 8ª série. Uma coisa que lembrei e que é importante é que os caras que eu andava tudinho morreu. Só tem 3 vivos que é eu e 2 que estão presos. Morreram de tiro a maioria morreu por causa das drogas, morreu tudinho. Eram umas 15 pessoas, morreu tudinho, saiu morrendo, morrendo. Eu mesmo já passei por uma situação que quase morro um grupo de extermínio foi contratado pra matar a gente, mas na hora alguém ligou pedindo pra não me matar, até hoje eu sem sei quem é, alguém ligou. Os dois que estão presos nem está perto de sair. Eu só consegui sair rápido porque no processo lá deu bronca, o promotor não aceitou não. Tinha marcado uma audiência pra agora, pra o mês que vem,

dia 2, mas adiaram. Deu bronca porque a gente foi preso e depois liberaram a gente tudinho. Minha vida era só droga de dia, comprimido de dia e crack de noite. Era assim, o dia todinho, todo dia, qualquer lugar a gente fazia uso. Eu fazia uso em casa. Por isso resolvi sair de casa, fui morar eu e mais esses dois que tá preso. Morava nós 3. Eu tenho uma filha mas só pude ver ela agora a pouco, ela tem 1 ano e 8 meses. Conheci agora. Eu estava solto, mas a mãe dela ficou cheia de frescura por causa da droga. Era muita droga, envolvimento com o tráfico. É meio complicado sair desse tráfico, só consegui sair porque mudei de bairro, a minha família todinha precisou sair de lá, mas a gente ainda tem uma casa onde a gente morava. Vão lá, mas eu não vou mais lá não. Porque o movimento lá é pesado. Tenho muita fama, inimigos. A fama não é pelo uso não é pelo tráfico. Não sei, quando a gente sai todo mundo conhece a pessoa. Eu não conheço ninguém, mas todo mundo me conhece. Liga pra mim, fala comigo. Eu nem conheço, sei nem quem é. Um bocado de inimigo oculto que a pessoa arruma. Muita gente querendo matar a pessoa. Hoje em dia ninguém me conhece, não sabe nem da minha história. São quatro meses, lá era complicado demais, se eu for pra lá eu tenho que se envolver com droga daí é melhor ficar por aqui.

Safira, 30 anos**Renata: Safira me fala um pouco da tua experiência com o crack**

Bem, na verdade eu não precisei chegar ao fundo do poço para entender os prejuízos que o crack resulta na maioria dos casos. No meu caso fazem 6 anos de uso onde eu comecei em uma praia, trabalhando com artesanatos e pegava um... ganhava um bom dinheiro e assim, com uma certa facilidade, a venda com o turismo, não me lembro exatamente a quantidade do uso de pedra, se era uma, se era duas, se era três, isso ai eu não me lembro exatamente, eu sei que eu me viciiei em um verão, em um verão trabalhando porque nessa área a gente trabalha só no verão, em um verão foi o suficiente pra eu me viciar, ela é uma droga que diferente das outras, diferente da maconha, um tanto diferente da cocaína, ai eu posso dar um exemplo: cocaína, a pessoa que cheira cocaína pela primeira vez ela vai se perguntando: “poxa o que é que está acontecendo”, qual é a reação e tal e ela não sabe que tirou o cansaço, tirou a fome, robusteceu o intelecto e tirou o cansaço e daí leva um pouco mais de tempo para ela se viciar. Eu já usei cocaína, agora aquela coisa bem esporádico, no fim de ano, numa festa no fim de ano, uma coisa bem esporádico mesmo, nunca foi minha praia não, cheirei por curtição. O crack o que é que acontece, o crack você fuma a princípio, da minha parte e acredito da parte de todos por curiosidade e o que acontece com o usuário de crack é o seguinte: você fuma, a princípio e não sabe o que se passa, você fuma e fica: “poxa, cadê não estou sentindo nada, sente aquele gosto estranho” como uma pessoa que fuma um cigarro pela primeira vez e sente aquele gosto ruim mas termina se viciando. Com o crack acontece a mesma coisa que é aquele cheiro que o pessoal normalmente associa ao cheiro de borracha coisa e tal, então com o crack o que é que acontece: você fuma a primeira vez não sente nada, fuma a segunda não sente nada, fuma a terceira não sente nada a partir do momento que você sente a reação da droga no organismo, seja uma, como é que eu posso dizer, não sei se síndrome do pânico, o que é que primeiro vem, mania de perseguição ou aquela ansiedade demais, eu acho que, a princípio é isso, é a ansiedade da outra, aquela vontade de fumar outra pedra, então quando você chega a esse ponto isso é muito rápido, então você fuma a primeira vez, duas, três ai vamos dizer que na terceira vez que você fume você já sinta a necessidade de outra e de outra e de outra, então quando você sente a reação, essa reação, dessa ansiedade de outra você já se pega, já se encontra viciado, então seria por ai. Me viciiei no verão, um ano depois consegui esse emprego durante esse ano, no caso como eu disse, eu trabalhei só no verão, durante esse ano eu me lembro exatamente como é que foi o uso por conta de eu estar desempregado, não lembro exatamente dos problemas que causou em casa, mas quando eu consegui esse emprego, as vezes eu até digo: antes eu não tivesse conseguido esse emprego, mas aí eu comecei a fumar com maior frequência e daí meu salário ia todo embora. Minha família: “poxa o que é que você faz com o seu dinheiro” e achavam que era por conta de farra, que era por conta disso ou daquilo, farra em si. E foi e cheguei num limite com aquele sentimento de culpa, angústia que o crack ele causa, aquele sentimento de culpa e tal. Foi quando eu me abri para os meus pais. Eu disse: “olha pai, entrei em pranto na hora porque eu já estava

dependente, disse olha pai eu estou viciado” Meu pai: “poxa viciado em quê”, eu disse: “viciado em crack”, então assim até então pra ele, muito leigo, que é uma droga nova, eu acho que se propagou numa rapidez que é uma febre, virou uma peste, está aí em todo lugar, em toda esquina. É uma pena que a polícia encoberte esse tipo de coisa, num tempo desse eu passei na casa de um traficante e a polícia civil parou na frente da casa dessa pessoa e perguntou a esposa dele: “cadê fulano?”, ela disse: “está lá dentro”, tinha um beco, o cara que estava comigo já tinha entrado no beco pra pegar essas pedras e eu fiquei olhando pro carro da polícia, pra o carro da civil, olhando pro motorista e não teve outra, não passei um minuto, fui embora, disse: “poxa vou deixar ver no que é que dá”. Depois eu encontrei esse cara que a polícia foi procurá-lo e eu disse: “poxa eu vi a polícia, fui lá com fulano e tal na sua casa e o carro da civil parou lá e a sua esposa disse que você estava lá dentro e o que foi que aconteceu e sem pensar duas vezes ele disse que foram apanhar o deles, quer dizer foram pegar a graninha deles e tal, quer dizer não tem como acabar com isso, se a polícia não tomar uma atitude não tem como acabar. Eu sou usuário de maconha e eu lembro que a maconha nunca me trouxe prejuízo social, familiar entre aspas porque a família também não vai dar força nem, como é que posso dizer, contribuir com o fato de você estar fumando ou dizer: ah não tem nada não, mas assim nunca me atrapalhou no lado familiar, no lado social, profissional, eu trabalhei muito com vendas, eu trabalhei de motorista, eu trabalhei... eu sempre trabalhei mexendo com o público, embora seja uma droga, maconha no caso que dá uma inibição. O crack ele lhe tira completamente de si. Eu lembro quando era só a bebida e a maconha eu saía nas noites e tal e era tudo muito bom e era violão, conversava com a garota, ficava com as garotas e tal e era uma noite muito bem, muito tranquila. Com o uso do crack não, principalmente quando você é viciado, quando você já sente todos esses sintomas que seria nessa síndrome do pânico, mania de perseguição, que nisso na verdade só acontece durante o uso, depois do uso você não tem essas manias de perseguição não, a não ser aquelas pessoas que vivem no mundo do crime aí pode ser porque de repente: faz um furto aqui, faz um furto lá, furto não, roubo mesmo, furto é você pegar assim, sem haver a pressão física nem psíquica, ou seja, você colocar uma arma, essa seria a pressão psíquica ou a física que seria você dar uma porrada numa pessoa e tomar um objeto, então as pessoas hoje, principalmente os usuários de crack, eles estão brincando de roubar, virou uma coisa assim, rotineira, então é um perigo você que usa crack estar no meio dessas pessoas, então você quando está dentro você perde a noção, principalmente, quando você fuma, você perde... você não se lembra de família, você não se lembra dos filhos, você... No meu trabalho é uma coisa que eu não confundo, eu não me atrapalho no trabalho, até pela escala, pelo plantão no trabalho não... Eu consegui conciliar com o uso. O meu trabalho pra mim é prioridade, é como eu pago a pensão dos meus filhos, então eu tenho como prioridade. É uma noite sim e uma não 12 por 36, então assim... e não me dá vontade mesmo. No trabalho é uma coisa que eu sou ali, ali eu sou um profissional eu não... sabe? E como eu disse voltando ao assunto, eu não precisei chegar ao fundo do poço, eu me sinto diferente, entre aspas assim, da grande maioria dos usuários porque eu nunca tirei, minha família não tem essa condição legal, essa condição financeira, embora

não falte nada em casa, mas eu nunca tirei nenhum objeto de casa, por exemplo, então eu sou um caso assim, a parte. Se muito eu me desfiz de peças de roupa, me desfiz de 3 peças de roupa minha, o que me arrependo muito e as pessoas eu vejo por ai fumando carro, fumando casa, fumando tudo que tem, colocando tudo a perder, então eu tenho minhas aspirações, eu tenho meus... eu almejo ainda muita coisa, embora eu esteja, no caso se nesses 5 anos eu não tivesse usando essa droga eu teria buscado outras coisas, curso técnico, faculdades e estou ai perdendo esse tempo por conta disso, fazem 5 anos, nunca roubei por conta da droga, nunca fiz essas coisas de errado, o que me atrapalha é o meu salário que vai todo embora, então assim, foi quando eu falei pro meu pai que estava viciado. O pessoal: “poxa cadê o seu dinheiro que a gente não vê e tal”. Eu pegava 800, 700 reais e gastava em 2 dias, 3 dias, quer dizer, isso é um absurdo e daí começou, eu tentei, fiz diversas tentativas de deixar só, é quando a gente vai vendo a dimensão da dependência e da abstinência, irritabilidade, intolerância aumentada, que meu temperamento já não é muito bom. Nossa o que é que posso dizer mais... Olha quando a gente usa você sente um... é só enquanto a fumaça está presa no pulmão, ela com 5 segundos ela vai pra mente, com 5 segundo você já muda completamente, então assim, depois que você solta a fumaça só fica aquela vontade de mais, só fica aquela ansiedade, aquele querer, aquele querer mais e pra passar esse querer você fuma e tem que fumar bastante para poder passar, isso varia de pessoa pra pessoa tantas gramas para um, 2 gramas pra um, 5 gramas pra outro, 10 pra outros e eu estava precisando, eu estava numa de 5 gramas onde eu passava 20 horas trancado em algum lugar, fiquei na tentativa de me expor na rua, até porque a pessoa olha e conhece, você não olha para ninguém nos olhos, você não dá um sorriso concreto, se você sai para uma balada, para um bar e tal, enquanto você não fuma está tudo bem, mas assim, como tem o cruzamento com a bebida, eu as vezes bebo, toma uma, duas cervejas 3, 4 no máximo já estou com aquele pensamento de fumar, então a partir do momento que você fuma a primeira você já perdeu sua noite, você perde a noite, a noite vai embora, as vezes você sai com aquela vontade de lembrar o passado. Eu lembro quando, como eu disse quando, só era a bebida e a maconha transcorria a noite tudo muito bem e o crack ele destrói. Se destruísse a pessoa só estava de bom tamanho, assim de bom tamanho entre aspás, mas aí vem o sofrimento familiar, vem o sofrimento, é o pai, é a mãe, envolve pessoas, você pede dinheiro emprestado, você começa a fazer coisas, no caso, pra mim que sou de uma boa índole, faço e fiz que era pedir dinheiro emprestado, e tal não sei o que, nunca roubar, nunca furtar, nunca essas coisas não se passa pela minha cabeça, não foi minha criação, não foi minha cultura, mas é muito lamentável. É uma coisa deprimente, você fuma e ai passa dois três dias com aquele sentimento de culpa, aquela angustia, aquela melancolia e com dois dias volta ao normal, o organismo volta ao normal, sai mais aquele peso, é como que a ficha caísse e com dois dias você puxasse a ficha de volta. Então eu tentei diversas vezes, de repente clínica, hospital das clínicas, o psiquiatra passou lá um medicamento e tal, conversava pouco, então eu não vi ajuda, tomava aquela medicação e ia naquela calma atrás da droga, quer dizer é uma coisa muito forte e a gente não consegue explicar, é uma coisa que a gente tem que levar, uma janela que vai ficar pro resto da vida e

eu estou no tratamento por conta das perdas, desses perdas, dessas culpas, dessas... com receio porque é uma coisa que pode levar a uma depressão, é uma coisa que pode me atrapalhar no trabalho, meu relacionamento acabou por conta da droga, a relação que eu tinha com minha esposa, então eu estou cansado disso, é como eu disse eu não precisei chegar ao fundo do poço, não sei se sou a pessoa mais certa para esse tipo de entrevista, porque tem muitos casos ai que as pessoas vão dizer que roubaram, que furtaram, que isso, que aquilo, que tiraram muitas coisas de casa e não foi o meu caso. Eu acredito que as pessoas usam o crack por curiosidade, eu tive acesso ao crack na praia, pegava 100, 200 reais todo dia e pegava um, ou duas ou três, não lembro exatamente, então assim, eu na verdade não lembro como foi que, é como eu disse pra você, é muito rápido quando você sente a reação você já se pega viciado, então é uma coisa feito uma armadilha, é uma armadilha o crack, quando você sente o que é, não é como o álcool, nem como a maconha, você fuma a maconha e tal, de repente você vai ficar ali rindo, rindo, rindo, tem gente que depois disso usa esporadicamente, recreativamente, não é como o álcool que você bebe e você sabe que vai ficar bêbado e tal, mas não vai se tornar um alcoolista, mas o crack não, o crack é diferente, não existe o uso de crack esporádico, existe a dependência, essa dependência, assim como o alcoolista é para o resto da vida. Tem um paciente que passou 8 anos sem usar o álcool e sem querer pra quê saiu, pediu uma dose de uísque e terminou tomando uma garrafa, quer dizer, voltou, quer dizer eu acho que... não sei se é pior que o crack, mas assim é uma droga absurda que eu acho, uma coisa que também me faz ponderar muito é que não são crianças, se fosse só crianças... quando eu comecei a fumar cigarro vamos dizer com 13, 14 anos isso seria um normal, mas tudo bem, a gente entenderia como é que foi, se as crianças tivessem entrado no crack, mas são pessoas adultas, quando eu entrei eu não tinha tanta informação em relação ao crack, eu acredito que se eu não tivesse fumado, vamos dizer pra mim começar a fumar hoje, eu jamais experimentaria essa droga, não existia informação, então o que me faz ponderar seria hoje pessoas adultas com toda a informação mostrando todo o dia e os repórteres e tal e você entrar e achar que vai conseguir usar aquilo ali e não se viciar, quer dizer sabendo da diminuição da dependência, que ela não fica no sangue mas é muito... uma dependência psíquica, o cigarro fica no sangue, tal não sei o que, mas tem a dependência psíquica também. O cigarro eu vou dar um exemplo: vamos dizer um cego, você já viu um cego fumando? Porque o cego não fuma? Ele não vê a fumaça, então não tem como ele se viciar, então é uma coisa... o cigarro tem esses dois lados a dependência física e psíquica, o crack seria só a psíquica porque com um mês sem você usar ela já não está mais no organismo, mas é aquela coisa, não sei, não sei na verdade explicar, é uma vontade que vem e é uma vontade muito grande, então não é a toa que não só eu, como outras pessoas estão ai se tratando, eu estou numa perspectiva muito boa em relação a isso, perseverante, acredito muito. O que me abala um pouco é o fato de sair e não poder, e saber que não vou poder beber minha bebida socialmente porque vai me ligar, pelo menos a princípio, então eu vou passar pelo menos um bom tempo ai sem beber. O que mais mudou na minha vida seria o, seria, como é que eu posso dizer, minhas farras, o meu lazer, minhas horas de lazer, seria isso. Eu troquei tudo isso pelo crack, você

deixa de se divertir, você deixa de fazer muita coisa, você deixa de comprar suas coisas, você deixa de fazer tudo. No caso para mim que não ganho tanto, meu salário não chega nem a mil reais, então assim... e mesmo que ganhasse mil, dois mil, três mil ainda seria pouco para o usuário de crack. Então eu acredito que o usuário de crack ele tem sim que se tratar, ele não vai conseguir parar sozinho, existe raros casos de pessoas que com 15 dias de tratamento pare de fumar. Isso existe, claro, o cigarro por exemplo é um vício crônico, é uma coisa que com 15, 20 minutos você fuma um, depois fuma outro, fuma outro, fuma outro, é crônico, mas existe pessoas que largam de uma hora pra outra, existe pessoas, eu conheço pessoas que largaram o crack sem tratamento, só com sua força de vontade, mas isso é raro, então eu acredito que, não sei, as pessoas deveriam se preocupar mais com isso, com os tratamentos, abri mais espaços, CAPS, coisas nesse sentido para ajudar as pessoas que realmente querem se tratar. Seria o mesmo tratamento para com os outros, as outras drogas, até porque o grupo em si se ajuda, um ao outro, embora são razões diferentes para estar aqui, mas eu acho que é uma coisa muito individual, é uma coisa muito de você querer, não é você estar aqui, ter isso aqui como um SPA, é preciso participar, é preciso trabalhar consigo mesmo, existe a parte medicamentosa, que a princípio eu acho importante, embora eu estava com receio de ficar dependente dessas medicações, foi dito que mesmo que... a medicação que eu tomo é até leve, mas é um ansiolítico, mas assim, mesmo que eu dependesse dessa medicação pro resto da minha vida eu ainda sairia no lucro, então assim, é uma coisa muito individual, tem que querer, não é só querer... enquanto eu estando no tratamento, albergado a gente se sente protegido, eu digo diversas vezes aqui, que eu não sinto a mínima vontade de fumar, mas é muito diferente de lá fora, de quando se está lá fora, então é preciso uma mudança de hábito, a princípio, uma mudança de rotina, você não vai dar um passo maior do que a perna, você também não pode fazer tantos projetos, muitos projetos e de repente não dá conta, você precisa saber que lá fora você vai se frustrar você vai ter o que a vida em si... são esses altos e baixos, a linha, teve um psicanalista que colocou muito bem que a linha no cardiograma é a morte, então a vida é de fato esses altos e baixos, então é para isso que a gente está no tratamento, é para enfrentar, então a medicação não sei por quanto tempo eu vou continuar usando, no meu trabalho com certeza eu não vou usar e também não vai haver essa necessidade no trabalho, mas é importante, é muito importante o tratamento, eu tentei diversas vezes por mim e não consegui. Eu acredito muito no trabalho do Instituto. Em minhas relações acontece... a gente sofre muito com o assédio moral, então isso nos perturba, quando eu levo alguma queixa pra casa, alguma dívida, poxa eu estou devendo e tal e por parte da família, de repente um explode, fala alto, os vizinhos escutam, então assim a gente pensa que as pessoas não estão sabendo, mas estão e lhe tratam de forma diferente, as pessoas veem quando olham para um dependente de crack ela não vê ali um ser humano em si, ela vê um doente e de fato esta pessoa está doente, então assim, o tratamento é muito importante, eu geralmente eu falo quando você olhar, conhecer uma pessoa e tal não julgar pelo passado e sim pelo o que ela aspira. Eu no primeiro albergamento, eu lembro quando sai, eu fui a uma praia e parei numa barraquinha pra tomar uma água de côco e tinha uma

pessoa assim, sentada e tal, comecei a conversar com essa pessoa e depois de algum tempo de conversa: tu sabe que eu estou saindo de uma clínica de tratamento, não sei o que, eu estava dependente, me viquei no crack, então assim, fiz isso em algumas barracas de côco, tomei só água de côco, e daí teve pessoas que me olharam meio assim, teve pessoas que me parabenizaram e tal, então assim são muito... mas você no uso em si, a pessoa é como eu disse e volto a dizer a pessoa não vê o ser humano, a pessoa vê o doente sem contar com a debilitação, a pessoa fica muito magro e tal, furta as coisas de dentro de casa. Eu acho que resumindo é isso, é preciso muita força de vontade, muita perseverança e não descredito do tratamento, da vitória não. A minha relação com a família é um ponto legal tocar porque em casa não existe muito diálogo, então assim, um dos pontos principais que eu vejo seria a falta de instrução em relação a família porque para um adolescente vamos colocar uma garota pra ficar mais compreensível, uma garota, uma adolescente. O que é mais fácil, uma adolescente chegar para a mãe ou para o pai e conversar sobre qualquer assunto de sexo ou de droga ou para o pai chegar para o filho ou para a filha, que seria o caso, olhe meu filho, sente aqui e tal e vamos conversar, como é que está isso, como é que está aquilo, como é que está na escola e tal, porque para o adolescente é mais constrangedor, é meio que oculto, então assim, resumindo seria a falta de instrução dos pais, eu acho que isso conta muito, a falta de instrução dos pais que não estão junto, por causa do dia a dia, por causa do trabalho, por causa de um motivo ou por outro e põe na escola e acha que a escola vai educar, vai... e não vai, na escola você está ali na aula e tal, muitas vezes gazeia a aula, junta ali aquela patota e aquilo ali vai dar em quê? Se estou, vamos dizer, numa quinta série, numa sexta série não tem ali ninguém com 30 anos para dizer: olhe a vida é assim, é assado e nem o professor está ali pra dá... não é da vida não, então assim, quando alguém diz: eu crio meu filho. Você cria seu filho? Criar você cria um gato, você cria um cachorro, a criança você educa e não é isso que acontece, então eu acho que a falta de instrução seria um grande passo da parte dos pais, os pais eu acho que precisam estar mais atentos aos filhos, vigiar sem que o filho perceba em sua fase, conversar acerca dos assuntos, cada assunto para cada idade, tá com tal idade, já dá pra conversar sobre isso com meu filho, já dá pra conversar isso e as coisas estão acontecendo cada vez mais cedo, então eu me preocupo hoje com meus filhos, eu fico pensando: poxa hoje está o crack aí, imagine daqui a 5, 10 anos, vamos colocar 10 anos, que tipo de droga vai estar aí acessível aí em cada esquina, então é uma coisa que tem que realmente se preocupar, não só a gente como o governo em seu social que o pessoal está tomando algumas atitudes agora, quando a bomba já está aí. O crack chega a ser quase uma arma de guerra, aonde ele chega ele destrói. Eu não sei, é como eu disse, eu não precisei chegar ao fundo do poço, mas também não aguento mais essa vida, não precisei roubar, não precisei furtar nada de casa, mas também não aguento essas angústias, essas culpas, essas, sabe, esses sentimentos, esse vazio, essa falta do lazer que é uma coisa que é como se você vivesse pra aquilo, então eu não quero mais isso pra mim.

Topázio, 29 anos**Renata: Topázio me fala um pouco da tua experiência com o crack**

Minha experiência, fazendo uma análise por cima assim, foi desastrosa, totalmente desastrosa, uma coisa que parcialmente acabou com minha vida, hoje em dia eu estou em tratamento, tentando... tentando resgatar algumas coisas: bens materiais, amizades, respeito, a família em si, foi destruída por conta do uso do crack, porque quando a pessoa usa crack já desrespeita todos os critérios e passa por cima de tudo. Eu comecei a usar crack através de uma pessoa que... pela vida que eu levava, trabalhava com eventos, era um campo muito aberto, era muita gente, muita gente perto de mim, todo tipo de gente. Então, é como eu costumo falar na rua, eu acho que hoje em dia, eu acho assim: que droga, ela tem uma cadeia, a gente começa pela mais fraca aí depois vai aumentando, vai aumentando, aumentando, até que chega o crack, que pra mim é a droga mais forte, não por ser forte a substância, mas é a droga que mais prende a pessoa. Eu já usei diversos tipos de droga até chegar no crack e infelizmente o crack, como eu já falei, prende muito. É uma coisa que se você começar a usar, acabou a vida social, naquela hora ali, parou tudo e fica sendo só o crack, só o crack! Eu passei por diversos estágios assim, fumei maconha esporadicamente, também nunca fui de fazer uso de outras substâncias, o tempo todo, como fiz uso do crack. Mas aí quando cheguei no crack, conhecia já a substância, passei a conhecer porque a gente vem aí nessa escala de subida com amizades... a pessoa tem uma amizade que curte maconha, querendo ou não como eu falo pra todo mundo aqui, a turma disse não que amizade não influi, influi muito, influi e contribui. Então eu conheço esses diversos tipos de drogas aí porque conhecer o crack, por ser a mais forte, aí pra mim já começou a ser assim, uma válvula de escape, porque qualquer problema que eu tinha, eu já ia procurar a substância, eu já ia procurar me drogar, tanto com drogas lícitas como com drogas ilícitas, mas por conhecer o crack realmente, sendo a mais pesada, aí quem já conhece já parte pra cima, já parte pro “topo”. Meu primeiro uso assim, foi porque assim, eu fazia o uso da cocaína, eu fazia o uso da cocaína, também não muito, esporadicamente, final de semana, de 15 em 15 dias, mas aí eu estava assim, tinha problemas da parte respiratória assim... injetável eu nunca usei, injetável eu costumo até a dizer assim, que eu tinha medo, porque eu vi algumas pessoas, tinham, amizades diziam pra mim que usavam, mas ao ver assim, a pessoa... a pessoa se assusta mais, aí realmente injetável assusta. Com toda essa conscientização que tem de seringa, compartilhar seringa essas coisas, medo até de outras coisas. Aí o uso do crack foi assim, eu usava cocaína, eu já tinha problemas respiratórios, passou um tempo eu usava muita cocaína, eu não usava todo dia, eu usava, quando eu usava, só que quando eu usava, eu usava muito, aí eu passava 4, 5 dias com o nariz entupido, totalmente fanho, aí foi que veio essa ideia que já haviam pessoas, amigos meus que usavam o crack, aí peguei e parti pro crack. Mas também era um uso esporádico, eu usava quando eu queria, se eu fumasse, aí dizia quero isso mais não e parava... parava o uso

e imediatamente eu não sentia falta nenhuma, mas foi uma coisa, que foi, que foi crescendo e crescendo esse uso, essa dependência... Numa crescente... Eu acho que consegui fazer o controle do uso, eu acho que... por um ano, um ano e meio assim, mais ou menos... eu usava só quando eu queria. Só quando eu queria, porque às vezes eu ia pra uma festa, uma comemoração na casa de um amigo que usava, que tinham pessoas que usavam, chegava perto, via... Altas quantidades e olhava e: “não quero não”. - Não quer não?, - “não quero não” e saía. Eu tinha esse controle e infelizmente eu perdi esse controle assim, por problemas afetivos, problemas pessoais e sempre essa procura e aí, a tendência era só procurar o crack e tive algumas decepções afetivas assim, que me levaram a procurar o crack e foi uma época que, é graças a Deus estava assim, bem de vida... então tinha o dinheiro e quando ia procurar, tinha como usar, tanto é que como eu já falei que deu uma queda assim na minha vida, atrapalhou bastante até financeiramente, porque o grande problema que eu sinto às vezes, no usuário de crack, quando chega nesse estágio, é que ele já vem acabando com tudo que existe na vida dele até ele chegar a o ponto de sair mesmo pra roubar, fazer pequenos furtos, fazer furto até dentro da própria casa, vender as coisas de casa. Eu conheço gente que hoje em dia mora só com o colchão no chão do quarto e não tem mais nada dentro de casa. Eu não cheguei a esse estágio, mas... assim, pequenos furtos dentro de casa cheguei a fazer, celular, relógio, coisas assim bens pessoais familiares pequenos. Na rua não! Em relação a sensação do uso do crack eu costumo dizer assim, porque tem certas amizades minhas assim, que me perguntam, me fazem essa pergunta, pessoas que até bebem, assim... socialmente. Ai eu costumo dizer assim, beber é bom?... porque no caso o que a gente aprende no CAPS é que realmente existe o prazer momentâneo, prazer de beber, porque se não houvesse nenhum prazer, ninguém faria. Beber é bom? É. Ai o pessoal toma até cerveja, disse não é bom tomar cerveja? Não é bom parar e tomar 5 doses de whisky? Pronto, 5 doses de whisky é o equivalente a, digamos, um tiro na pedra, é como se você tivesse tomado, tivesse tomado 5 doses de uma vez só e ter subido pra cabeça, as 5, de uma vez só... Então é justamente isso, esse prazer momentâneo que o crack proporciona e é muito forte, é muito forte, realmente muito forte. Então, eu acho que quem usa o crack as vezes até tenta sair do crack, volta por conta disso, essa memória fotográfica de prazer momentâneo muito, muito alto, a pessoa volta ao uso. Depois que eu comecei a usar o crack foi uma descida de uma ladeira, digamos assim, porque de tudo a gente vai perdendo aos poucos, família começa a desacreditar... porque sempre a pessoa pára porque como dizem, depois do uso vem a depressão, a pessoa quer parar, então procura a família, procura conselho, procura ajuda, ai depois vem a vontade novamente, aí a pessoa vai usar, a família já vem desacreditando um pouco. Como eu costumo dizer, pessoas que me conhecem que nunca imaginaram que poderia ter acontecido uma coisa dessa comigo, hoje em dia tem pessoas influentes que eu conheço e quando eu paro pra conversar... - “eu não acredito nisso não, isso não aconteceu com você não”. - “Aconteceu comigo e infelizmente pode vir a acontecer com qualquer um”. Então perde consideração da família, consideração de amigos, consideração de amigos, o respeito em si. Tanto quanto, como a gente conversa também com usuário de álcool, passa a ser

desrespeitado na rua, porque vive bêbado por ali. Eu cheguei a um estágio que eu parecia um mendigo, eu tinha casa tinha tudo, mas parecia um mendigo, no meio da rua, todo sujo, o tempo todo, o tempo todo assustado porque o crack também traz essa cisma de perseguição, a pessoa acha que tá sendo perseguido o tempo todo. Então o pessoal passava na rua: “Sandro”, aí eu dizia: “Opa”, aí ficava assim meio desconfiado, depois do caso passado agora, em tratamento, já fazem... quer dizer estou em abstinência vai fazer 5 meses, é pouco, mas pra mim é muito, é tudo, e pessoas hoje em dia, é uma coisa que fortalece, que tem pessoas que hoje em dia passam por mim e dizem assim: “tu estava... eu não acreditava mais que tu podia voltar”, “eu não acreditava mais que tu podia voltar, hoje em dia táis melhor, Graças a Deus está bem”. Tem pessoas que até perguntam: “tu precisa de alguma coisa? Posso ajudar em alguma coisa?” porque realmente é difícil, outra coisa que eu costumo dizer: “tem pessoas que dá valor, dá muito valor a quem nunca “entrou” e tem que ser dado, mas procurem também dá valor aquelas pessoas que entraram e que tiveram força pra sair, principalmente do vício do crack, que o crack”... eu não digo cocaína, que eu conheço muita gente que faz uso da cocaína mas que não se prende assim, dessa maneira. Tem gente... eu conheço gente que tem que ter cocaína, porque na hora que bater a vontade, ele vai lá e faz o uso. Mas eu acho que droga nenhuma eu posso comparar com o crack, hoje em dia... Eu não consegui continuar trabalhando, assim, a responsabilidade do trabalho, a responsabilidade do trabalho eu nunca perdi o foco, tanto é que eu pedi pra me afastar, cheguei a conversar com meu patrão, disse que estava passando por alguns problemas em casa assim, pessoais, problemas pessoais e que eu já tinha um histórico de dependência química, e estava entrando novamente, precisava me afastar pra me tratar, precisava me afastar pra me tratar. Consegui me afastar e até hoje, até hoje está lá meu caminho aberto pra quando eu quiser voltar... Não voltei ainda porque eu pretendo receber alta do tratamento pra poder voltar. Eu acho que quanto mais segurança, melhor, independente hoje em dia, às vezes em certas reuniões que a gente tem no CAPS, é uma coisa que... informações teóricas, falam que... já fui pra certos lugares que falaram que era uma doença sem cura, uma doença crônica, a doença do crack. Mas é uma coisa que pra mim, como diretrix assim, eu não acredito que é uma doença sem cura. Porque eu não acredito que é uma doença sem cura? Por que eu pretendo me tratar, me curar, chegar a cura realmente, dizer “eu não quero mais, não quero mais, não vou usar mais, porque eu sei o mal que isso acarretou pra minha vida”. Mas infelizmente as técnicas ,médicas, as técnicas tem que passar essa, esse segundo lado assim, digamos, esse lado de que a gente sempre deve estar prevenindo o uso, mas é uma coisa que eu coloquei em meu tratamento assim, como diretrix “eu posso, eu consigo e não quero mais, me curei!” Estou há 5 meses em abstinência... O meu histórico assim, de uso, começou com loló, depois maconha, aí foi crescendo... Até haxixe, que é uma coisa tão incomum em Recife, pelo que eu sei, mas até isso eu cheguei a usar, cocaína, mas tudo era uso esporádico. Nunca consegui me prender a nada disso, como me prendi ao crack de passar 2, 3 dias no mesmo lugar, com a mesma roupa, sem tomar um banho e fumando, fumando e fumando...Nunca, nunca aconteceu isso. Em relação ao tratamento... É, assim... O esforço dos técnicos do CAPSad, realmente é

muito grande. Sabemos que a gente tem uma deficiência de material, de espaço até certas vezes no CAPS... Atividades, arte terapia, algumas coisas assim... Porque em CAPSad, é tudo misturado assim, usuário de maconha, dependentes químicos de maconha, de crack, de cocaína, de álcool, eu acho que certas substâncias teria que ser o tratamento em separado. Eu acho que devia ter uma separação, não só do crack quanto das outras substâncias, porque há uma diferença entre eles. Não por ser... Todos são distúrbios por álcool e drogas, é uma coisa só, mas só que tem que ser separado, porque não são iguais... Na minha opinião, é uma questão que a gente não tem ainda, esse estudo assim, pronto, vou citar um exemplo. Aqui no CAPS, chega o horário de dar entrada e chega um dependente químico de álcool, um alcoolista, aí ele sai daqui pra ir pra uma policlínica, ele vai pra uma policlínica, quando ele chega lá tem o soro glicosado, aí ele faz realmente uma desintoxicação e no caso do crack, uma desintoxicação não existe, ainda. Uma desintoxicação viável, chegar uma pessoa intoxicada de crack e ser levada a um hospital e... pelo que eu sei não existe ainda uma medicação, alguma coisa que venha realmente ajudar nessa desintoxicação. No caso aqui como já aconteceu, ser encaminhado pra uma policlínica um usuário de crack e ter o mesmo tratamento de um usuário de álcool, soro glicosado. Não querendo separar todo mundo, mas em relação ao crack a gente tem que ter, tipo assim, fóruns de debates específicos pro crack porque não se enquadra. Se colocar um usuário de álcool e um usuário de crack pra falar do mesmo assunto, não tem aquele mesmo caminho, não tem o mesmo caminho um usuário de crack e um usuário de álcool, então essa separação que eu estou falando é justamente essa, sei que no tratamento tem certos grupos que são feitos dentro do CAPS que dá pra acolher todo tipo de usuário, mas tem certas coisas que faltam no uso do crack. Precisa ser explicado, precisa ser debatido, dentro do uso do crack em si. O meu tratamento hoje em dia, eu avalio, como eu costumo falar, é uma coisa que , posso até está errado, eu não acredito no albergue, o tratamento no albergue, porque? O tratamento do albergue é puxa muito pra, pelo que eu sei, eu nunca fui internado, o tratamento do albergue puxa muito pro lado religioso e a pessoa que está lá, é uma fase da vida da pessoa que ela precisa muito da família, se é uma questão de reinserção na sociedade, a pessoa que está aqui fora, é esse o ponto chave do CAPS, porque a pessoa não é afastada da sociedade, a pessoa tem o apoio familiar, dependendo de cada caso, eu acho que o ponto chave do CAPS é esse, essa questão da medicação, essa questão de estar convivendo na sociedade, como eu mesmo, se eu saio daqui, pra mim já é uma boa, logo de início é que foi bom, uma questão de desintoxicar, porque eu moro assim, a 2 km do CAPS, eu vinha andando e voltava andando, então essa andada pra mim já fazia bem e acho que a pessoa dentro de um albergue, dependendo das atividades também, mas eu acho que não é muito viável, eu particularmente em um albergue, não iria. Mas meu tratamento aqui no CAPS hoje em dia eu tinha tudo, é um retorno na vida, a gente costuma dizer que não estava vivendo, estava vegetando, e hoje em dia, graças a Deus estou dando continuidade na minha vida, procurando e tendo como ajudar outras pessoas, com o conhecimento pelo que eu passei, procurando trazer pessoas ao tratamento do CAPS, que a gente sabe também que eu sei, como usuário que é muito difícil, tem que querer sair pra poder entrar dentro de

um CAPS. Não adianta querer vim pra dentro de um CAPS, com a família obrigando, pressionando: “se você não for, vai sair de casa”! A pessoa tem que vir porque quer, porque está vendo a destruição....eu costumo dizer assim: “eu cheguei ao fundo do poço e caí mais uns dois metros”. Eu cheguei lá no fundo, no fundo, no fundo mesmo. Eu tenho feito reflexões assim, é uma questão de prevenção que é uma coisa que não está sendo bem abordada, essa questão da prevenção do crack, a prevenção do crack chegar na vida das pessoas, a gente tem que prevenir, essa é uma questão de segurança pública, a prevenção do crack chegar na vida das pessoas. Que eu cheguei até a ir pra uma conferência agora à pouco e foi citado lá, a legalização da maconha, o debatedor chegou a citar que: “ Por que não liberar pra pessoa ter um pé de maconha dentro de casa?” Então, acho que isso aí é totalmente maluco, porque eu acho que seria inviável, porque o pai fuma maconha, tem seu pezinho de maconha e o filho quando começar a crescer e ver o pai fumando e souber que pode ter um pé de maconha, vai fumar maconha e olhando por esse lado, que eu olho, que é uma crescente, isso aí daqui uns dias a sociedade vai tá acabada, essa questão da prevenção, é uma questão que eu sinto falta. As vezes, tem os dois lados da moeda. Falam que se for fazer uma conscientização em colégios, escolas, espaços públicos e em comunidades, tem os dois lados da moeda, tem pessoas que não conhecem o crack, vão passar a conhecer, talvez pela curiosidade cheguem até a usar, e o lado bom é a conscientização que não se deve usar o crack, mas eu acho, eu iria mais por esse lado aí, apesar de tudo, quanto a gente mais conhecer o que é o crack, o que o crack pode trazer pra vida de uma pessoa, eu acho que cria o receio de chegar próximo aquela substância, eu acho que pessoas que tem esse receio, que tem esse medo na vida de alguma coisa, ele não chega. Esses usuários de crack, você pode ver se você fizer entrevista com todos eles, são pessoas que não tem medo de viver, não tem medo da vida, não tem medo de nada, entrou por entrar, porque não tinham medo. Essas pessoas, quando tem a oportunidade de conhecer, elas não vão entrar no crack não, porque ali é pesado, tenho amigos que já entraram e não se deram bem, aí a pessoa não entra. A partir do momento que ela tem medo do uso da substância, acho que ela não entra não. Essa questão que eu falei, procurava o crack por problemas pessoais e isso aí, os estudos já vinham dizendo, como a gente fala do uso do álcool, - “estou com problema” – “toma uma que passa” e se a pessoa já tiver em outro estágio, não tiver no estágio do álcool, no estágio do crack, a pessoa já vai procurar o crack. A questão é toda essa, o crack é a droga que realmente é uma droga, porque acaba com a vida da gente em pouco tempo. Eu acho que passei assim, um ano e meio a dois anos, que eu passei usando crack e por todos os estágios, esporadicamente, tinha o domínio ainda, mas quando eu perdi o domínio, acho que foi um ano, um ano sem o domínio da substância, aí foi onde eu entrei no poço, desci todo o poço, cavei mais no fundo do poço. No total, cerca de três anos, do crack, que de outras substâncias já vinha...tenho 29 anos, eu acho que conheço drogas desde os vinte, vinte e um anos. Antes disso eu não tinha nem curiosidade, aí é como eu falo, como amizade influi, porque com vinte anos, adolescência, pré-adolescência, quando a gente vem começar a conhecer o mundo, a conhecer pessoas, conhecer o que é a vida, muitas vezes a gente toma o rumo errado, e termina se deparando com as drogas. Eu lembro que a primeira

vez que eu fumei maconha em minha vida, eu fui pra uma festa numa casa de veraneio, e quando eu cheguei lá, a festa tinha só bebida como de costume, uma droga lícita, e a gente estava lá todo mundo bebendo, aí deu vontade de ir ao banheiro eu entrei, quando chegou lá no interior da casa, o pessoal estava fumando, um fumaceiro danado. – “Que danado é isso aí?” – “Maconha”. Terminei fumando, então é isso aí, a questão de conhecer, quem tem seus filhos hoje em dia tem que cuidar antes que aconteça, não adianta vir cuidar depois que aconteceu, não adianta. Dependendo de como tiver os estresse ele queira sair, mas pra que a gente não cuide depois, aquele velho ditado: ‘melhor prevenir que remediar’, essa questão aí que eu falo da parte de polícia, hoje em dia, está até ostensivo de combate ao crack, mas que deveria ser mais, quanto mais, melhor. A gente não peca pelo excesso, nessa parte, porque, falando assim, na sociedade essa questão da venda do crack, é porque é uma coisa muito rentável, rápido, dinheiro rápido, pra quem tem coragem de fazer, às vezes até pra quem não tem... diante da dificuldade de obter dinheiro que leva as pessoas a isso às vezes, a gente tem que trabalhar previamente, porque, pra que isso não chegue. O crack hoje em dia chega numa pessoa, numa criança de 15, 16 anos, acabou a vida daquela criança, acabou, porque acho que é nessa idade que a gente começa a ter a base do que é a vida, então se chegar nesse momento, 13, 14, 15anos pra recuperar é mais difícil do que uma pessoa que começou a usar com 20, 25, realmente às vezes eu penso e infelizmente eu não consigo pensar num futuro pra isso, se isso vai acabar, se isso vai amenizar, que está numa crescente tão grande e acho que é só o início dessa febre, dessa doença que é o crack hoje em dia.

Turmalina, 37 anos**Renata: Turmalina me fala um pouco da tua experiência com o crack**

No começo foi muito bom, no começo que era uma droga muito acessível, tinha em todo lugar, agora se espalhou, e veio substituindo a cocaína que eu era dependente de cocaína, aí como a cocaína era um material muito caro aqui, aí me foi apresentado ao crack aí a primeira vez que eu usei eu já... aí veio até hoje. O crack é muito fácil de achar, em todo canto que você vai tem. Eu já viajei um tempo desse aí pra Natal, João Pessoa também. Tinha em todo canto, então ficou mais fácil de você achar o crack do que você achar a cocaína. E aconteceu lá em Jabotão eu fui na casa de um amigo meu, amigo não colega, aí a gente foi atrás de cocaína lá e no caso não tinha cocaína, aí foi quando ele deu a ideia: “tem pedra”. Eu sabia que era o crack, aí eu: “pega lá”. Mande ele pegar, ele pegou, eu usei e pronto de lá pra cá só foi crack desde de 2004. Quando eu comecei a usar o crack naquela tentativa de achar que tinha o controle, a gente ia se destruindo aos poucos sem perceber que estava muito além disso aí que você percebia e aí veio destruição total: foi destruição financeira, destruição com trabalho, destruição com a sociedade em si, família, comecei a ficar a ficar isolado, perdi os amigos verdadeiros que eu tinha. Foi destruição, destruição. Cheguei a perder carro, perdi emprego também por causa disso aí, foi fatal. Tanto é que eu pensei até em me matar as vezes e... devastador. Porque o primeiro momento é você... porque é muito rápido, muito temporário, muito rápido mesmo é questão de segundos, você simplesmente se desliga do mundo, você esquece das coisas ruins, das coisas boas, ou seja, naquele momento você esquece de tudo, então te dá uma sensação de alívio, você tira um peso das suas costas na hora que você, naquela sensação, naquela primeira sensação que você tá usando, aí você fica nas nuvens, mas a sensação, entre aspas, é uma sensação muito perigosa. Eu usei o crack porque o crack é a droga que ela trás o que você, naquele momento você está precisando muito rápido, você não precisa estar... feito a maconha que você tem fumar desde o baseado, as vezes um, mas demora muito a sensação que você deseja, então o crack, ele te dá isso muito rápido, como vem muito rápido também vai muito rápido, mas é de imediato, é muito o que você procura na hora que você está usando a droga, então essa sensação de estar livre de tudo é muito rápido mesmo, então ela é... pra esse momento, esse momento errôneo é uma das melhores... no caso não seja a melhor, mas na situação é a mais procurada. Pra mim foi a mais procurada, mas foi uma destruição, primeiramente você começa a mentir, você começa a mentir, vem a primeira mentira e depois que a família descobre que você está usando, como a família não está preparada você se sente marginalizado, depois daí você começa a perder o primeiro dia de emprego porque está de ressaca no outro dia, ou só as vezes você vira o dia e no outro dia você não tem cara pra olhar pra ninguém, porque quando eu usava crack eu simplesmente me isolava, não queria que ninguém me descobrisse nem queria ver ninguém, então aí começando a faltar emprego e as dívidas vão se multiplicando e você fica sem alternativa, não pode mais mentir, não sabe mais pra onde correr, já perde emprego e naquele momento que você perde emprego você entra mais em depressão, aí você acha que é um motivo

maior pra você usar mais ainda porque você quer tirar aquela depressão das costas, aquela situação das costas, ai você quer a possibilidade de procurar dinheiro, aonde, os pais já não te dão mais dinheiro porque estão sabendo do teu problema, que no caso eles não sabem que é doença, mas é um problema. Eu sei que é doença agora. Então tudo o que você vê na frente você quer dá fim, não podia arrumar dinheiro, então comecei a roubar. Primeiro a mim mesmo: vender o celular, som, eu dei fim até num carro, num carro que eu tinha e ai já o casamento você já não procura mais a mulher porque você troca, praticamente, a família pelo uso da droga, você esquece dos filhos, e ai tua família, por parte de pai e mãe já não quer saber mais de você, então é uma avalanche, um tornado que vem assim e leva tudo seu e isso você querendo mais e mais porque quanto mais você usa mais você se afunda, mais você quer tirar aquilo das costas e você vai se afundando, se afundando e até se afogar. Eu tenho um casal de filhos, uma de 11 anos, a mais velha que é uma moça e o rapazinho que tem 6 anos de idade e a esposa que está com 36 anos e está nessa guerra comigo faz um tempão já e graças e Deus ainda não foi embora também. Em relação ao tratamento eu vou abordar vários pontos, porque o usuário de maconha ele pensa que maconha dá pra ele viver social, ele pode usar maconha e não vai influenciar na vida ativa dele certo, já o dependente de crack e de cocaína que eu acho que são duas drogas que andam muito junto, entendeu, sendo que uma dá uma resposta mais rápida do que a outra, tanto pra destruir como pra o prazer que o cara está querendo e eu acho que o tratamento do crack e da cocaína ele é muito, esse trabalho que estão fazendo aqui no RAID, ele é muito bom porque trás conceitos de coisas que você não conhecia, ou seja, porque quando você está usando a droga seu caráter vai embora, você faz coisas que você não quer e a partir do momento que você começa a tratar você como cidadão você começa a perceber seus erros, ou seja você volta ao que você era antes, não no momento que você está usando, mas antes de você se envolver com drogas. Então eu acho que o tratamento do crack e cocaína eles são muito parecidos, agora a maconha é uma coisa assim que como está tachado que é natural, que todo mundo acha que é legal, ai vai ficar bem mais difícil, mas os sintomas são bem diferentes, eu acho, do crack e cocaína são bem parecidos, mas crack, cocaína e maconha são bem diferentes. O tratamento serviria pra todas as drogas, não teria diferença nenhuma porque pra falar a verdade todas as drogas te levam no final a mesma coisa que é a sua destruição total, uma demora mais e outras são mais rápidas isso eu tenho, isso eu sei e tenho certeza disso ai, mas o final leva tudo a mesma coisa, ou seja, tratamento ideal para todos os tipos de droga. Em termos de tratamento só uma coisa que eu acho porque eu passei por isso que eu acharia que devia ser feito é você tentar criar uma consciência no dependente porque quando eu cheguei aqui eu vim meio forçado, então se eu chego aqui e estou meio forçado e você chega e diz assim: “ó, você está aqui porque quer”, então seria uma coisa assim, não que seja colocar o cara na cadeira de força, numa camisa de força, mas você conscientizar a pessoa, que a pessoa precisa estar aqui, então seria meio que assim forçado, o primeiro momento forçado, pra pessoa ter aquela consciência, porque a partir do momento que ele chega aqui e está aqui porque quer e ele não quer estar fica muito fácil dele ir embora, então se a pessoa tiver aquela consciência de quem está aqui fica

muito difícil dele querer vim pra cá por livre e espontânea vontade. Então eu acho a dependência assim que ele precisa vir meio que... não na pressão, meio que numa condição, deveria ser assim: você vai passar um tempo, assim, obrigatório, já fico uns 15 dias obrigatório, mas um tempo obrigatório pra você analisar se realmente você quer continuar na vida que você tem ou você quer mudar de vida, não deveria deixar muito a vontade, porque se for muito a vontade é o fim, não vai ter jeito não. Bom, eu venho de várias drogas e a última foi o crack, mas quem já partiu direto pro crack, quem já partiu direto pra cocaína, quem partiu direto pra maconha eu tenho pra mim que a razão é você arrumar uma desculpa pra atingir o próximo, uma pessoa que você gosta muito, porque as vezes a pessoa tem uma ideia, uma de minhas formas foi esse, eu tenho uma ideia e a pessoa tem outra ideia e eu achar que aquela ideia minha fosse a melhor que tinha sem querer compreender o próximo, então a partir do momento que você usa uma estratégia para destruir o próximo e eu simplesmente escolhi a estratégia errada que foi entrar no uso das drogas, então eu vejo muito por esse lado, querer atingir família, esposa, de algum modo atingir, sendo que eu escolhi uma maneira muito errada de fazer isso aí. Então, tanto me prejudiquei, como prejudiquei todo mundo que estava ao meu redor, fazia parte da minha sociedade familiar. Eu vou muito longe, vou muito profundo, eu tenho uma mania de ter as coisas muito certas, eu sou muito correto assim... correto não, eu sou muito tipo: “olho por olho, dente por dente”, então quando eu vejo uma coisa que está acontecendo, que eu estou fazendo certo e vejo que a pessoa está fazendo errado, aquilo ali me deixa com muita raiva e é um motivo pra me livrar dessa raiva era o uso de drogas também, aí eu estou mais aqui pra mudar minhas atitudes que eu acho que levou mais ao uso de drogas são as atitudes. É uma coisa de cabeça, você está centrado no que é certo e no que é errado e eu estava meio perdido nisso aí, sem paciência, sem tolerância, não tinha tolerância nenhuma, então eu pensava que já que não vou controlar o mundo eu vou entrar no mundo, só que eu entrei no mundo errado. Eu comecei a usar drogas já meio velhinho, já era pra estar com a cabeça no lugar mas não estava. Eu fui muito solto, assim... minha infância eu fui praticamente só, eu sou no meio de três mulheres, três irmãs mais velhas e no ambiente não tinha muita amizade, assim, desde pequeno então eu fiz o primeiro concurso para sargento da aeronáutica e do exército e eu tive êxito nos dois aí eu fui para aeronáutica, passei um ano e meio em São Paulo e até agora eu só sabia que droga era ruim, broxava e aquela coisa e tal, mas aí quando eu me formei e vim de uma transferência e muito dinheiro recebendo e morando só, recebendo aquela grana e pensei que era o dono do mundo aí foi quando eu tive o primeiro contato com o mesclado que é a merla, lá em São Luis do Maranhão, a merla com palha de maconha. Daí eu vinha só usando essa droga com 25, 26 anos e pensava que estava no controle, mas... aí fui abusando, abusando, abusando comecei a prejudicar meu trabalho na aeronáutica que por ser aeronáutica já era uma coisa muito absurda eu estar fazendo aquilo e de lá eu fui transferido pra fronteira. Tem uma frase até interessante que o major disse pra mim que: “cobra nasce e cria”. Fiquei na fronteira do Peru, Colômbia e Brasil aí foi quando eu deixei de usar a merla pra usar a cocaína. Aí passei um ano e meio só usando cocaína. Lá foi onde deram minha baixa, com motivo pra

eu sair com certeza, o principal fui eu, o principal culpado fui eu, mas a droga me levou a ter essas atitudes. De lá eu vim pra Recife, ainda continuei usando cocaína ai quando aconteceu o que eu te disse: por uma questão de não ter, custo ai me entregaram o crack.

Turquesa, 23 anos

Renata: Turquesa, me fala da tua experiência com o crack

Turquesa: Bom minha experiência é... acho que já se passaram quase 4 anos. Eu comecei a usar drogas com 13 anos, com cigarro, maconha e entrei no crack no momento que eu estava trabalhando, com muito dinheiro, já tinha me envolvido com cocaína que é uma droga estimulante, e pela falta do uso da cocaína eu experimentei o crack com um amigo, o primo de um amigo meu. Me deram certa de quase 500 reais de crack, me deram... eu passei 4 dias usando, tive princípio de bronquite nesse dia, minha coluna curvava, não conseguia ficar ereto e depois desse dia foi só enrolação na minha vida. Estava trabalhando num hotel internacional, não consegui segurar mais o meu emprego porque vivia pra droga, não conseguia ter relação familiar com mais ninguém só com droga, relação amorosa nem pensar. Não pensava nem em mim, nem na minha higiene, perdi meu emprego, pedi pra sair por que eu não aguentava mais depois de eu acho que 9 meses de destruição. Foi quando eu conheci o CAPS. Vim pra cá dia 11 de março de 2007 e dia 14 fui admitido. Vim pra cá, conheci o que era dependência química, não sabia o que era dependência química, não sabia que eu tinha essa doença, eu não sabia que era uma doença progressiva e fatal, não sabia de nada. Era um leigo da situação. Deixa eu ver mais. Comecei a saber... a me conhecer, porque eu não conhecia o Turquesa que era usuário, eu hoje... eu tive 1 saída por alta terapêutica daqui do CAPS e voltei de novo, juntando tudo dá 3 anos. Nesses 3 anos aqui no CAPS eu hoje ainda busco me conhecer mais, mas o crack é uma droga que... você usar a primeira vez você perde tudo, você não consegue viver mais pra ninguém, nem por ninguém, nem pra você. Eu perdi meu laço familiar, minha mãe nunca deixou de me apoiar, mas meu pai durante esses 3 anos só veio 2 vezes aqui no CAPS pra me ajudar e dia de festa. Por que pra a minha doença do... a minha doença é dependência química. Causou outra doença na minha família e essa doença foi muito difícil pra mim, pra eles, porque eu sou eu e mais 2, um irmão e uma irmã e pra eles foi um choque. Se separaram, teve a separação e durante esse tempo todo tive recaídas. Isso é uma coisa progressiva e fatal. O crack é a única droga que causa efeito físico e psicológico. Na abstinência da droga do crack, na dependência, causa o efeito físico e psicológico. Como assim: o físico eu tive... na primeira internação minha, na primeira internação minha eu passei 8 horas vomitando, por conta da abstinência sem o uso da droga, o corpo pedindo. Isso é o físico. O psicológico é a irritação, irritabilidade, você se tornar agressivo, não ter paciência com ninguém, você nem se aguentava. Você não pode nem olhar pro espelho. Isso é o psicológico. Eu não consegui... eu não conseguia nem aceitar que eu era dependente nessa época de minha abstinência e como eu tive várias recaídas e como a doença é também progressiva, essa progressiva é o pior. Porque sempre a outra vai ser pior e eu tive uma... a minha última recaída foi muito forte, passei 7 dias fora de casa, tive convulsão. Eu também tenho epilepsia e tive convulsão depois de 7 anos sem ter convulsão foi quando acordei. Eu acordei, assim eu tive que acordar, porque se eu não acordasse... eu tive perda de memória nessa convulsão, eu não sabia aonde eu estava, quem eu era e quem era a pessoa que estava

comigo. E o rapaz do taxi dizia que eu estava com uma pessoa e o rapaz do taxi dizia: vai pra onde? Eu não sei não, eu sem saber, entrei em desespero e numa agonia depois de umas 5 horas, depois eu fui voltando a minha memória e foi voltando a minha vida normal, de eu querer ir a luta de novo, continuar. A minha parte pior de todas foi aceitar essa recaída porque eu me vi morrendo. Isso foi em novembro, de outubro pra novembro e desde então graças a Deus eu estou sem uso, mas convicto que é só por hoje, porque só por hoje não tenho vontade, quero entrar numa igreja, ter minha vida, estou fazendo o meu curso, estou voltando pra sociedade e isso eu não troco por nada, sabe. Eu não troco o meu dia de hoje, o maior dia de hoje na minha vida pelo meu pior dia sóbrio, porque minha vida hoje tem valor, antes não tinha não, porque antes eu não pensava nem em mim, eu não pensava nem eu mim, não pensava nem quem eu era, porque eu estava fazendo uso, porque eu estava fazendo uso. Eu estou procurando, eu tenho atendimento psicológico ou eu tenho a minha psicoterapia que esta me ajudando muito a saber quem eu sou. Isso pra usuário de crack... hoje eu acho que é recomendável pra todo mundo porque o usuário de crack é... ele se fecha assim eu falo por mim. Ele se fecha de uma forma que ninguém pode tocar nele, ninguém pode tocar nele, nem os pais, nem ninguém. Hoje a gente vê na reportagem: mãe acorrentando filho pra o filho não usar droga. Isso, porque o filho não quer ser tocado, não quer trocar aquela droga que dá prazer pra ele naquele momento. Porque que ele está trocando aquela vida ainda, porque ele está querendo aquela droga, tem que saber e só vai saber se ele quiser. Porque há quase 4 anos eu não queria não, eu não queria saber, pra que eu queria saber se aquilo ali estava me aliviando. Hoje eu tenho os meus problemas, eu tenho meus problemas, tenho as minhas dificuldades, tenho tudo, mas eu não preciso mais usar droga ou recorrer porque aquilo ali só faz piorar, só faz aumentar naquele momento porque eu tenho um problema pequeno eu usando droga vai aumentar ai vai ter dois e assim vai. Ai é bola de neve de novo e Turquesa não vai poder estar todo dia, toda vez recaindo, recaindo, recaindo porque é progressiva e fatal a doença. Hoje eu vejo que eu não posso não. Em relação a minha epilepsia, assim, tive... com 9 anos de idade eu tive a primeira crise. Foi antes do uso. Ai tive 3 crises com 11 anos pra constatar que eu sou epilético. Porque tem que ser 3 crises o neurologista falou. Tem que constatar 3 vezes e na terceira crise ele constatou, passou o medicamento até hoje eu tomo esse medicamento, nunca deixei de tomar o meu medicamento, só quando eu estava em uso compulsivo, sem pensar em nada, porque eu em uso normal, esporádico, mas em uso, beleza, eu fazia meu uso e tomava meu remédio e ia dormir, mas durante esse tempo ai eu estava sem perspectiva de vida porque a droga causa depressão e eu tive principio de suicídio, assim, quando entrei nessa ultima recaída minha eu quis morrer com prazer porque era a única coisa que me dava prazer naquele momento. Por isso que eu me internei, me internei mesmo... foi brincadeira não, numa casa com 2 vãos, acho que era 4 por 4 a casa e lá eu não saia, não fazia nada, só mandava comprar e eu sai daqui, sai convicto que eu ia morrer com prazer, sabe, eu não queria morrer com dor ou com nada, por que a droga causa isso, essa droga causou em mim assim um prazer rápido, instantâneo, rápido e destruidor, porque no outro dia tinha que ter mais ou até no mesmo dia, ou até nem virava o dia e eu estava acordado

assim, eu vivia pra droga, eu vivia pra droga, hoje eu posso dizer assim: eu vivia pra droga, não vivia pra mim. Esse instantâneo e rápido pra quem é usuário ou já foi usuário é tão prazeroso, olhe de 3 a 5 minutos o efeito dela. Você usou 3, 5 minutos, mas pra gente, pra quem usou já, só a gente que sabe o prazer, a ânsia de usar. Antes de usar, teve um dia já, o físico como eu já te disse, o físico chegou a um ponto de eu até vomitar antes de usar, com a ânsia de fazer o uso, de ter o prazer daquele momento e esse prazer de eu ter antes era quase fatal, eu buscava esse prazer sempre, sempre e sempre, podia ter todos os dias, todos os dias. Não podia faltar, não podia faltar mesmo. Voltar pra sociedade... assim, pra mim é muito gratificante falar isso. Saber que eu estou voltando pra sociedade. Voltar pra sociedade pra mim é porque assim, o mundo do usuário de crack é um, do usuário de maconha é outro, do usuário de álcool é outro, do usuário de chocolate é outro. O usuário de crack, o mundo do usuário de crack é um mundo de ilusão, é tudo ilusão, porque se você parar pra pensar, você faz o uso... é assim: tem dinheiro, no meu caso, eu estou falando do meu caso, tem dinheiro, saía de manhã, não tomava café, ia pra boca, buscava, passava o dia todinho usando, chegava a noite dava um tempinho usava mais, virava a noite, chegava de manhã, dormia pela manhã. Ai acordava, a mesma coisa, não tomava café, não me alimentava de noite, não me alimentava na hora do almoço. Isso tudo é só ilusão. Porque se você faz o uso esporádico de qualquer outra substancia, você pode fazer, você tem o poder daquela droga na sua mão, mas o crack você não tem o poder. Quando eu era usuário de maconha eu tinha o poder na minha mão, eu trabalhava, eu tinha minha vida, tinha minhas coisas, eu tinha tudo, mas quando entrou o crack... o crack é o seguinte: tira tudo de você, você pode ter milhões, milhões. Eu tive já o depoimento de uma pessoa, que eu vi no depoimento de uma fita em 98, o rapaz era um empresário lá nos Estados Unidos, na época quando existia droga injetável lá, tinha acabado de lançar lá e chegou o crack pra acabar. A história do crack aqui... os Estados Unidos inventou pra acabar com os mendigos, na época e foi se tornando uma droga muito acessível pros mendigos, os mendigos foram morrendo e a sociedade, como muita gente estava com muito dinheiro foi comprando, foi atingindo a classe média, a classe alta e atingiu esse rapaz. Esse rapaz era um milionário, mansão, tinha a empresa dele, tinha casa, família, tinha tudo e acabou ele vendendo latinha na rua, catando latinha na rua. O poder da droga do crack é um... pronto, não tem o super homem, é igualzinho a criptonita, ele não pode chegar perto da criptonita. O poder do crack é isso, você não pode nem ver. Porque hoje, hoje a gente vê o Ministério da Saúde falando, não use o crack, não use o crack, não use pela primeira vez, nem pense em usar. Hoje eles falam. Porque eles já estão vendo o prejuízo no futuro, porque a causa da incidência do uso do crack é muito difícil falar assim... a incidência do crack, o prejuízo causado pra sociedade, pro governo, o gasto é tão maior, é tão grande, porque causa depressão, ai causa problema respiratório, causa demência, causa tanta coisa que o crack destrói o tanto que você usa, aí destrói o seu cérebro, aí acaba com os neurônios, os neurônios... só se você quiser você pode reconstruir outros estimulando com leituras, com algumas coisas que você pode, tem algumas coisas pra estimular, mas você não vai recuperar aqueles neurônios e é assim, a tendência é só piorar, ai o uso do crack é muito forte, é uma droga... essa droga

veio... eu acho que essa droga veio pra exterminar a raça humana porque como o ser humano cria uma droga pra destruir. Porque o traficante vai pensar o que: vai usar, esse usuário vai usar e vai sempre voltar, mas o crack é diferente, o crack você usa, você passa 2, 3, 4 anos, mas você morre e morre rapidinho porque não tem condições. Eu não tinha, eu falo por mim, eu não tinha condições de me manter fazendo o meu uso, de me manter na sociedade sem ter nenhum prejuízo com o meu uso e me manter com a minha família. Eu tinha que escolher entre a minha família, a sociedade ou a droga e eu escolhi a droga, aí quando eu digo pra tu que eu estou voltando pra sociedade hoje é que hoje eu vejo que a minha vida não se limita só a droga, eu nunca vivi só com a droga... eu com 9 anos de idade eu era um menino normal, tive meus problemas de infância, beleza, são meus, são todos meus, mas nada que com a minha psicoterapia, meus medicamentos não possam resolver sabe, antes eu corria pra droga pra tentar resolver, hoje eu volto pra sociedade assim... com... estou fazendo o meu curso eletricidade predial, pela prefeitura do Recife e estou fazendo outro agora dia 10, se Deus quiser, de NR 10 que é para segurança do trabalho com eletricidade predial, pra entrar no mercado de volta. A sociedade, quando eu fujo da sociedade para a droga eu esqueço de tudo, mas só que a sociedade não pára porque eu esqueci dela não. Eu é que parei pra usar droga, eu parei 10 anos de minha vida, 10 anos de minha vida foi muito. Hoje minha mãe não sabe lidar comigo, porque eu era Turquesa usuário, hoje eu tenho 6 meses livre, dia 5, se Deus quiser vou completar 6 meses, assim ela não sabe lidar com Turquesa não usuário e eu tenho que saber lidar com isso porque, 10 anos da minha vida eu fui aperreando ela, eu causei uma doença nela, depressão, causei vários sintomas que podia ser evitado, mas já passou e posso muito bem agora ajudar ela pra que ela possa sair disso. Eu tenho minha família, tenho minha namorada, tenho pessoas que me amam sabe. As pessoas que usavam comigo não prestam, não prestam, não como seres humanos, eu estou falando não por que sempre querem ganhar de você, sempre quer ser o esperto da história e o esperto é aquele que está sóbrio hoje. Antigamente era aquele negócio, tu quer ser um boizinho vai usar pô, vai beber, vai fazer qualquer coisa que seja anti social pra ser um cara conhecido. Hoje em dia você ser sóbrio é uma pessoa que leva uma placa na testa assim sabe, você sóbrio hoje, todo mundo quer uma amizade com você porque não vê o que um usuário de crack faz... usuário de crack... eu já fiz muita coisa, já roubei, já fiz muito furto e pra que, pra alimentar a minha dependência, a minha doença. Eu não tive escolha, estava num uso compulsivo aí acabou o dinheiro, eu tive que fazer, não quis, beleza, pelo lado da minha personalidade, não quis, mas a droga... como a dependência é muito forte, a dependência do crack é muito forte em relação a... eu não sinto, assim da mesma forma com as outras drogas, mas eu sinto com o crack, a dependência do crack é muito forte comigo que me faz fazer coisas que quando eu penso já foi feito, passou e eu tenho que aceitar aquele momento que passou com arrependimento e com a ilusão que não vai voltar mais. Muitas vezes já aconteceu de eu fazer essas coisas não pensando em ninguém, nem na pessoa que está sendo furtada, nem em mim, só pra que, pra o uso. Muitas vezes eu fiz isso. É muito difícil ser usuário porque você pode ter o maior dinheiro do mundo, mas você morre e o dinheiro não acaba, o dinheiro acaba se você tiver

com os amigos entre aspas, que nem são amigos, só estão ali pra usar mesmo da sua droga. Porque tu está colocando pra eles, a vida do crack é isso, esse mundo é assim, você piscar o olho tem um cara arrastando você. Você ser xingado na favela, você ser humilhado na favela por besteira. Você vender uma roupa, um tênis. Essa é a vida do crack, você vai lá, uma coisa que vale, um objeto que vale 500, 600 reais você chega lá e o cara só quer dá 10 reais. Ai é quando bate o desespero e o cara pega e vende, porque naquela hora a droga faz sentido pra ele, entendesse, tem mais valor que aqueles 600 reais daquele objeto. Ai isso é o mundo, isso é o mundo que eu vivi. Um mundo de preconceito, discriminação, não aceitação, anti social, nem pensava em andar com a minha família, só vivia 24 horas na rua. Só ia pra casa pra comer e dormir quando era possível, essa era a minha vida no mundo do crack. Estou fazendo psicoterapia em outro lugar que é, outro local... foi o rapaz daqui que encaminhou. Ela tem um valor simbólico pra pagar e é com estudantes da FAFIRE, que eles têm uma clínica especializada, tem atendimento lá. Eu faço essa psicoterapia toda sexta. Eu aprendi aqui no CAPS que o usuário tem várias formas de tratamento, várias formas de você enxergar o tratamento e várias formas de querer o tratamento e existe várias fases do usuário. Eu entrei aqui na contemplação da droga eu não queria mais o crack, mas eu queria usar maconha. Eu tinha uma contemplação com a droga, eu entrava aqui, chegava, estava com raiva do crack como se tivesse se separado de uma mulher, como se ela tivesse me colocado um par de chifre e eu estava separado dela, mas quando foi passando a raiva foi voltando a vontade que é a abstinência. E aqui o CAPS me ensinou assim: quando tiver nesse momento em pensar em estratégias para que você não possa usar. E assim foi, passando o tempo, foi passando... porque... olhe eu digo a você, foi um ano e pouco que eu já estava no uso de crack quando eu cheguei aqui eu era um usuário que pensava muito na droga, eu só pensava na droga. Quando eu chego aqui e eles dizem que não é pra eu pensar na droga, que era pra eu fazer de uma forma diferente, é muito difícil pro usuário aceitar isso e pra mim foi muito difícil. De aceitar que tinha que modificar, que eu tinha que me afastar dos meus amigos, mas eu dizia: mas meus amigos tão me ajudando, meus amigos não queriam que eu fizesse o uso, mas naquela hora quando eu chegava com a droga eles faziam uso comigo. Chegou um ponto aqui nos usuários de eu estar com quase dez anos de uso de crack, dez anos de uso de droga, e pouco tempo você consegui modificar rápido. Eu não consegui, eu não consegui, eu tive que ir devagarzinho. Eu passei por essa contemplação da droga, foi muito difícil pra mim, assim de eu contemplar a droga, de eu achar que a droga pra mim é superior a tudo, não achar... não achar nenhuma alternativa de lazer, de prazer, de qualquer outra coisa que não seja a droga. Eu não achava nesse momento. Ai foi quando eu passei, passei quase nove meses. Tive uma recaída, usei, não sentia a mesma coisa como eu sentia antes. Como assim: de eu te dizer assim, de eu usar a droga sem saber de nada. Quando eu uso a droga sabendo que ela é uma doença, que isso é uma doença, que causa prejuízo, que isso vai causar... o que eu estou fazendo agora vai me causar prejuízo amanhã, é diferente. Eu usei 3 pedras de crack nesse dia, coisa que eu usava de 15 a 20, não consegui usar mais pensando na minha consequência de amanhã, voltei pra casa, estava com dinheiro, mas voltei pra casa falei pra minha mãe, falei pro

CAPS, no outro dia eu estava no CAPS falando de minha experiência e do que tinha acontecido no dia anterior. E foi assim, sempre na verdade, meus tratamentos sempre foram na verdade eu nunca menti pra ninguém, eu fui um usuário que sempre disse pra minha mãe que eu era usuário, disse pra minha mãe quando eu comecei a usar maconha, disse pra minha mãe quando eu usei, fumei crack, a cheirar cocaína, disse tudo, sempre disse pra minha mãe e pra todo mundo. Quem perguntasse eu dizia logo com medo de alguém dizer pra minha mãe antes que eu dissesse. Ai passou a contemplação e ficou na pré-contemplação de eu achar algumas formas de prazer, de lazer, mas pensando na droga ainda. Esses prazeres com a droga. De eu ir pro cinema, mas com o efeito da droga, mas mesmo assim indo pro cinema. E foi passando, ai eu fui albergado, tive uma recaída forte e fui albergado. Nesse albergamento foi... é a casa do meio do caminho o nome do albergue, Antonio Nery Filho. Essa casa do meio do caminho foi... o primeiro albergamento foi muito bom, foi muito bom. De eu me reconhecer como Turquesa, de eu passar quase dois meses lá sem uso, de eu me ver sem uso, porque eu nunca tinha me visto sem uso, sem direto no uso, direto, direto, direto e eu consegui me vê sem o uso, pra mim foi muito bom. Conhecer outros prazeres, ali sim eu conheci outros prazeres sem a droga, conheci várias coisas sem a droga, mas saí com o pensamento de fazer uso social da maconha que pra mim, pra Turquesa não pode. Turquesa não consegue fazer redução de danos, não consegue. Eu fui fazendo o uso da maconha, passei um bom tempo fazendo uso, cheguei a um ponto de ter meus problemas pessoais, normal de todo mundo ter e não conseguir lidar com a frustração de novo, que isso é normal diante de uma pessoa que tem dependência química, não saber lidar com a frustração, isso é o maior problema e correr pra droga. E nesse momento corri pra droga e enfiei o pé de novo na maconha, entrei de novo no álcool e fiz o uso do crack. Coisa que eu não queria mais. Ai eu voltei de novo, isso eu saí do albergue e voltei pra cá, porque o tratamento é assim: vai e volta. Eu vim pra cá, passei um tempo bom de novo aqui, sempre refletindo nos grupos que... como lidar com minha frustração, com as minhas frustrações, com meu emocional que é muito forte e saber lidar com isso, sem o uso. Ai passou pra pré contemplação ai vem os planos, os projetos que você tem que ter, ai foi quando eu coloquei o projeto de eu... comecei a trabalhar e se Deus quiser... estava fazendo psicoterapia já, de novo e comecei a trabalhar. Ai eu deixei a minha psicoterapia, me afastei do CAPS porque era em dezembro, eu trabalhava em shopping e eu tinha que me esforçar nesse dezembro pra ver se ele me contratava. Acabou eu sendo efetivado nessa empresa e me afastei do CAPS, me afastei da psicoterapia, me afastei do meu tratamento. Isso foi uma, como posso dizer, isso foi o fim do poço porque eu vejo hoje que um dependente químico não pode se afastar de nenhum tratamento nunca, mais nunca na vida. Você não pode se afastar e eu me afastei e foi voltando o uso, comecei o uso do álcool compulsivo muito, muito, muito pra substituir a droga, acabei usando a droga de novo, furtei nessa loja, faltava muito de novo, perdi o emprego de novo. Voltei pro CAPS, foi quando eu voltei de novo. Voltei e comecei a trabalhar com meu pai, fiquei na parte de... como se eu estivesse num espaço sem saber onde é que eu estava, sem saber pra onde eu ia e sem saber aonde ficar, se eu me entregava logo pras drogas ou eu tentava de novo. E

fui tentar de novo, vim pra cá, corri atrás do meu tempo de uso, comecei o tratamento logo, voltei pro albergue, voltei pra cá pro CAPS, passei um tempo de novo, fiquei vindo direto pra cá, ai foi quando eu estava limpo, sóbrio, mas sem tratamento psicológico, sem a psicoterapia, ai foi o pior de todos porque o CAPS não oferece tratamento psicológico. Ele pode encaminhar pra uma policlínica, mas a policlínica demora muito pra chamar uma pessoa, a demanda é muita e só Deus mesmo. Ai o que é que acontece: o problema é eu com eu mesmo, eu sendo... eu sem uso, eu pensando sozinho aqui, porque quando eu estou aqui conversando com alguém é diferente de eu estar pensando sozinho porque o meu pensamento vai ser verdade pra mim e vai ser o que eu quero. E nessa época o meu avô tinha recebido um dinheiro e eu peguei o cartão dele, ele me deu um dinheiro e eu comecei a pegar o cartão dele e estava com a senha e fiquei tirando e tirei sete mil reais dele. Nessa historinha toda. Foi quando eu tive essa recaída, a última agora. Deixa eu ver mais, hoje meu pai, meu avô me perdoou, sabe da situação, ele não sabia, sabe que eu estou lutando, porque a maior dificuldade do usuário é desistir, o maior índice de usuários é desistir, porque é tão difícil pra ele escutar que tem que melhorar, que é difícil melhorar mas é mais fácil pra ele usar drogas, porque é mais prazeroso, sabe, não causa tanta dor. Eu nunca desisti de mim, minha mãe nunca desistiu de mim, toda reunião de família minha mãe estava aqui, toda reunião de família. Todo lugar, todo canto que eu precisasse que ela estivesse comigo, ela estava e hoje eu estou limpo por conta dela e por conta de mim. Porque se eu não pensasse em mim eu não estava pensando nela. Eu acho assim: o tratamento pro usuário de crack específico... veja só, tem grupos, existe grupos aqui, existe remédios, existe psiquiatra, psicólogo não, existe atendimento clínico, mas eu acho que pro tratamento do usuário de crack não, assim, tem que melhorar, tem muita coisa pra melhorar aqui. O que: veja só: o usuário de crack hoje é uma pandemia. Você vê hoje em todo canto, todo canto tem usuário de crack, mas aonde é que vai se tratar, aonde é que essa família que tem, não tem condições mais porque o usuário causa prejuízo financeiro, causa muito vai tratar? Onde é que vai? Tem que ser num órgão da Prefeitura ne? Ai chega num órgão da Prefeitura, onde é que tem espaço físico, primeiro. O espaço físico pra o usuário não tem, não tem, a gente não tem uma estrutura que possa dizer assim: isso aqui é um lugar bom, próprio pra ter um grupo, sabe, primeiro. Técnico de referencia, técnico que possa fazer um grupo? A gente não tem, tem vezes que não tem, entendesse, tem vezes que não tem, não posso mentir. Tem vezes que não tem grupo porque não tem técnico. Ou tem técnico, existe técnico, existe pouquíssimo técnico, mas está atendendo uma pessoa que está necessitada, que está prestes a fazer o uso e ela está querendo aconselhar ele para que ele não possa fazer o uso, mas está na casa, está fazendo um trabalho, mas tem os outros, entendeu. Ai falta de técnico, falta de espaço, falta de técnico e eu acho assim: atendimento psicológico nos CAPSs deveria ter, sabe. Porque? Porque como é uma unidade de saúde, CAPS é uma unidade de saúde: Centro Psicossocial de álcool e outras drogas, de apoio psicossocial de álcool e outras drogas. Psicossocial, da sociedade, se a sociedade vem buscar, a sociedade tem que ter tudo aqui. Se já tem médico, tem médico clínico, tem psiquiatra, tem remédio, tem enfermeira e não tem um psicólogo. O que é que adianta você

tratar de um corpo, mas não trata da mente, da mente você trata assim ó: no grupo, mas e o psicólogo que você tem que ter coisas pessoais que você queria falar tanto. Tantas pessoas falam pra mim aqui coisas que eu fico me perguntando: meu irmão porque que é que esse cara não fala pra essa mulher, pra técnica, porque que é que ele não chega pra lá e fala, entende. Porque ele não chega pra lá e diz: eu preciso falar contigo. Eu acho que porque não tem uma... se tivesse uma psicóloga que tivesse um atendimento, viesse pra cá e fizesse um atendimento individual, isso seria um grande avanço, um grande avanço pro CAPS. Deixa eu ver outra coisa: medicamento tem... Eu acho assim: eu acho que o tratamento do crack deveria ter mais tempo de... não só no CAPS, eu estou falando do albergue, porque no albergue ele passa de 30 a 45 dias normais, pra qualquer usuário, de qualquer droga. O albergue deveria ter mais tempo para o usuário de crack, porque o usuário de crack tem que ter no mínimo 3 meses pra que ele possa tirar a abstinência, passar a parte da abstinência, da parte dolorosa da abstinência que é os quinze dias de crise de abstinência e pra que ele possa refletir no andamento do seu tratamento, porque imagina ai: eu estou com 30 dias, passo 15 dias mal, porque o cara passa mal os 15 dias, com euforia, a fim de sair de lá, ai quando vai nos outros 15 dias, quando está evoluindo tem que sair, porque já está no teu tempo de sair, tem que voltar pro CAPS, ai tu volta pro CAPS tem muitos caras em tratamento, muitos não querem, ai os outros que não querem vai e interfere nessa pessoa que estava querendo alguma coisa e volta pro uso, entende. Eu acho assim: eu acho que tem que ter mais tempo no albergue pro tratamento do crack. Eu acho que não tem muita diferença assim... tem diferença em relação as consequências causadas pelo uso do crack das outras substâncias, mas em relação a tratamento, em relação só regime fechado que eu acho que deveria modificar. No CAPS eu acho que não tem muita coisa pra fazer não. Eu não vejo nenhuma... agora eu não estou vendo nenhuma diferença não que possa ter não. Que tenha que ter. Porque senão seria desigual, seria um pro usuário de crack e outro pros não, pros não usuários de crack entendeu, ai não seria o foco do Prefeitura, eu acho. Deixa eu ver... eu acho que o que eu falei foi... sinceramente foi o que passou comigo, sabe, foi a minha experiência com a droga, essa droga pra mim foi minha mulher, sabe. Hoje eu estou separado dela e eu acho que nunca ninguém precisa usar a droga pra saber o quanto ela é prejudicial, porque muitas pessoas podem querer entender, como já teve um usuário aqui, a mãe dele quis entender o filho usando a droga, usou e ficou os dois dependentes e vendeu tudo, as duas casas venderam tudo, sabe. Nunca queira, nunca queira, querer experimentar pra saber como é que é. Eu apoio isso: uma pesquisa que você possa vir, ouvir o usuário que passou por aquilo, teve um sofrimento na vida por conta da droga e está tentando superar, está sobrevivendo. Porque o sobreviver hoje pra muito é muito melhor do que está morrendo, hoje eu não tenho a confiança da minha mãe, não tenho a confiança do meu pai, mas hoje eu estou feliz porque hoje eu não uso droga, sabe. A minha... o meu uso do crack pra mim não foi... eu vejo assim: que foi uma coisa que eu deveria passar mesmo pra que no futuro eu possa ver que aquilo ali não serve, não foi pra mim, não é pra ninguém e eu nunca vou aconselhar alguém usar porque só eu sei o sofrimento, o sofrimento de você está lá, chegar 3 horas da manhã, 4 horas voltando de uma boca, sujo, imundo e tua mãe está lá

no sofá esperando, chorando. Eu abri a porta e ela estar lá e eu não poder falar nada e ela falando e eu não poder falar nada e ir embora pro quarto. Hoje eu não tenho isso, o crack é isso, destrói família. O nome dele não devia ser crack não, devia ser destruidor de família porque hoje todo mundo quer uma família bem sucedida financeiramente, social tranquilo, mas se entrar o crack é triste, o crack é triste e é com isso que eu posso encerrar.